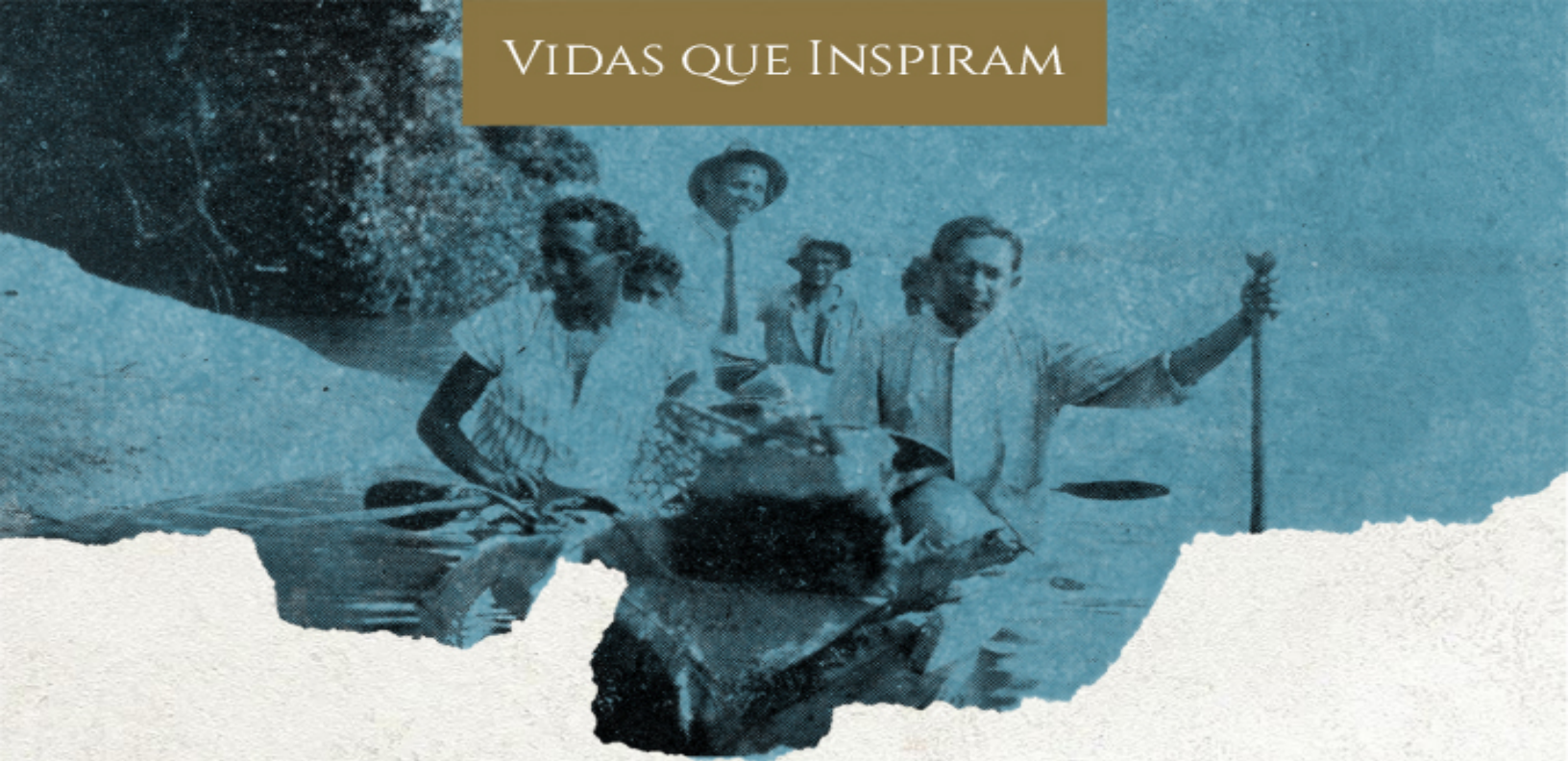


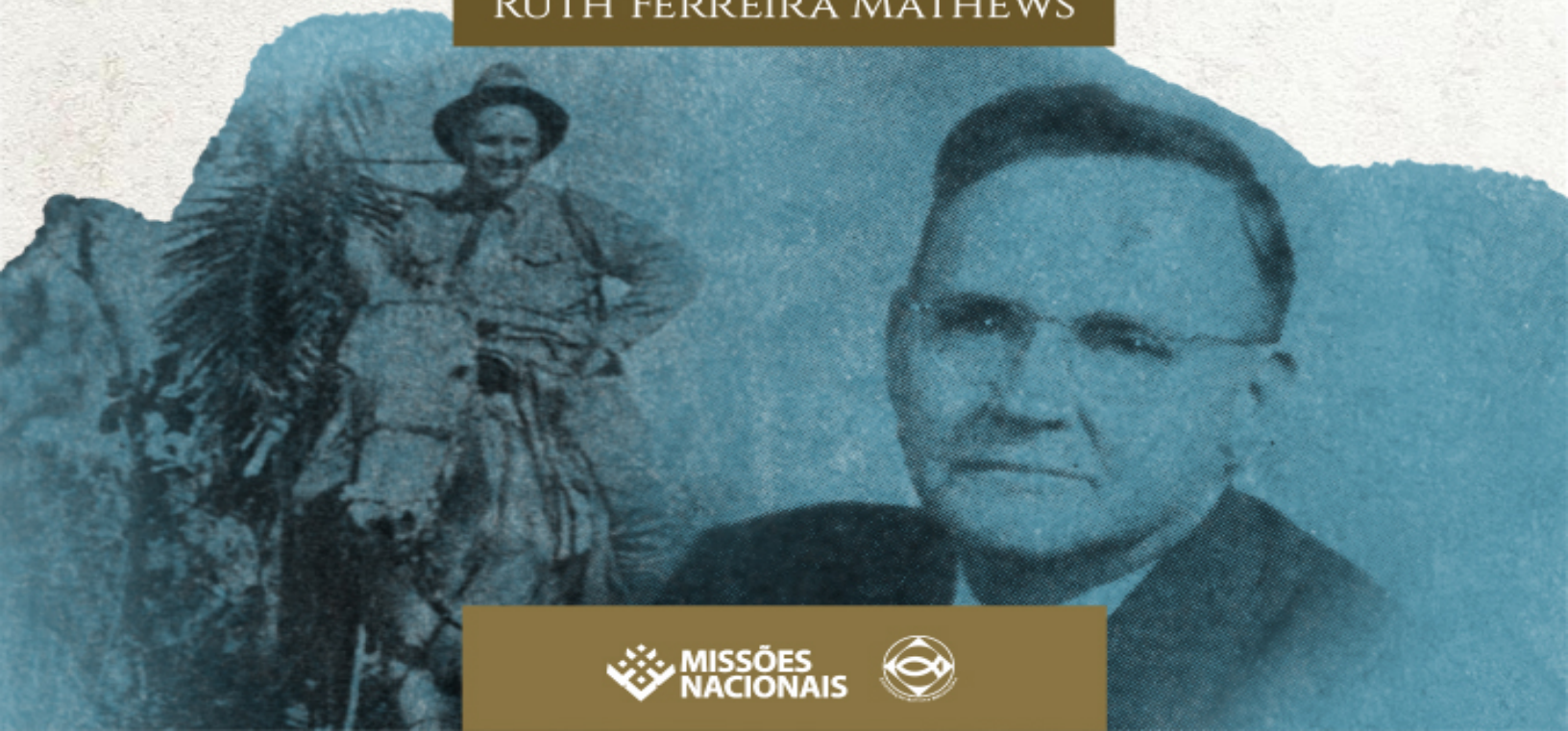
VIDAS QUE INSPIRAM



O APÓSTOLO DO SERTÃO

Lewis Malen Bratcher

RUTH FERREIRA MATHEWS



A vintage photograph showing a group of people in a boat on a river. A man in the foreground is holding a long pole. The photo is torn at the edges, blending into the background.

VIDAS QUE INSPIRAM

O APÓSTOLO DO SERTÃO

Lewis Malen Bratcher

RUTH FERREIRA MATHEWS

Two vintage photographs at the bottom. On the left, a man in a hat and outdoor gear. On the right, a close-up of a man's face. Both photos are torn at the edges, blending into the background.



VIDAS QUE INSPIRAM



O APÓSTOLO DO SERTÃO

Lewis Malen Bratcher



RUTH FERREIRA MATHEWS



R. José Higino, 416 - Prédio 18
Tijuca - Rio de Janeiro - RJ
Correspondências:
Caixa Postal 18976
CEP 20775-971

JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS

Direção Executiva • Fernando Brandão
Gerência Executiva de Missões • Samuel Moutta
Gerência Executiva de Evangelismo • Fabrício Freitas
Gerência Executiva de Administração e Suporte • Juarez Solino
Gerência Executiva de Comunicação e Mobilização • Milton Monte
Gerência Executiva de Ação Social • Adriana Dias
Produção Editorial • Diogo Carvalho
Assistente de Produção Editorial • Bárbara Patolêa
Revisão • Maria Stela Lopes Bomfim
Capa e Produção Gráfica • Filipe Ribeiro
Diagramação • Oliver Arte Lucas

Todas as citações bíblicas foram retiradas da versão Almeida Século 21 (A21).

Primeira edição em 1967 por Junta de Missões Nacionais da CBB.

Copyright © 2022 da Junta de Missões Nacionais da CBB. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução por qualquer meio, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

ISBN 978-65-993783-4-8

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mathews, Ruth Ferreira

O apóstolo do sertão / Ruth Ferreira Mathews. -- Rio de Janeiro : Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 2022.

140p. ; 18cm

1. Bratcher, Lewis Malen, 1888-1953 2. Missionários - Biografia 3. Relatos pessoais I. Título.

22-118776

CDD-266.0092

Índices para catálogo sistemático:

1. Missionários : Vida e obra 266.0092

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Central de Atendimento Missões Nacionais

Rio de Janeiro: (21) 2107-1818

Outras capitais e Regiões Metropolitanas: 4007-1075

Demais localidades: 0800-707-1818

WhatsApp Missões Nacionais: (21) 99287-7515

www.livrariamissoesnacionais.org.br

livraria@missoesnacionais.org.br

Instagram: @missoes_nacionais

Facebook: /missoesnacionais

Twitter: @jmnobb

SUMÁRIO

Capa

Apresentação à série vidas que inspiram

Prefácio da primeira edição (1967)

Prefácio desta edição 55 anos depois (2022)

Esclarecimento de Dona Ruth Mathews

O preapro

O primeiro período no campo missionário

Planos para o futuro

Uma viagem inesquecível

Concretizando o sonho

Conversão de Dona Genoveva

Conhecendo o Brasil

A grande experiência

No vale

Convenção histórica

Eleito secretário

O dia de Missões Nacionais

Novo encontro com Dona Genoveva

Apaziguando selvagens

Doutor Bratcher escritor

O pai

Incrementando a obra

Consolidando a obra

Doutor Bratcher pregador e pastor

O herói glorificado

A Torre de Fortaleza

Palavras do pastor Rubens Lopes

Doutor L. M. Bratcher

O grande missionário

Lewis Malen Bratcher

Silenciou a Voz Amiga do Sertão

“Morreu o Gigante do Oeste”

Um grande brasileiro

Ele vive em nossas vidas

APRESENTAÇÃO À SÉRIE VIDAS QUE INSPIRAM

Um dos métodos que Deus tem usado para promover impulsos significativos na história de missões modernas é a produção de biografias missionárias. Não é preciso muito esforço para rastrear os efeitos dessa poderosa ferramenta em âmbito tanto mundial como nacional.

Em 1758, Jonathan Edwards (1703-1758) sentiu-se movido a publicar o diário de David Brainerd (1718-1747), visando “promover o benefício espiritual dos observadores atentos”. Brainerd havia sido um jovem missionário com um curto, porém impactante ministério de pregação entre os índios Delaware, nos Estados Unidos[1]. Sua devoção a Deus e compaixão pelas almas perdidas comoveram Edwards e, graças à iniciativa de publicar esse diário, outros homens notáveis foram influenciados, como John Wesley (1703-1791), William Carey (1761-1834), Henry Martyn (1781-1812), Charles Spurgeon (1834-1892) e Jim Elliot (1926-1957).

Segundo John Piper, a vida santa de Brainerd foi “um fator primordial na inspiração de William Carey”[2]. Foi ao ler essa história que este sapateiro inglês consagrou a vida ao serviço de Cristo e decidiu lançar-se às densas trevas da Índia[3]. A menção, na capa da edição em Português de *A vida de David Brainerd*, de que esse foi o livro que inspirou o movimento moderno de missões, não é exagerada[4]. De fato, só a eternidade poderá medir o quanto aquela ideia de Edwards, de divulgar as anotações pessoais de Brainerd, foi crucial para incendiar corações e desencadear os extraordinários empreendimentos de evangelização mundial que ocorreram a partir do fim do século 18 e prosseguiram até os dias atuais.

Entre nós, batistas brasileiros, também temos registros do efeito de biografias na vida e no ministério de importantes líderes missionários. De acordo com Ruth Matheus, biógrafa de Lewis Malen Bratcher (1888-1953), secretário-correspondente (cargo equivalente ao atual diretor executivo) da Junta de Missões

Nacionais durante quase 28 anos (1926-1953), este teve sua trajetória marcada pela leitura, ainda na adolescência, das biografias de David Livingstone e de John Paton[5].

Anos mais tarde, quando já ocupava o comando da Junta, Bratcher dispôs de recursos pessoais para a aquisição de uma máquina de escrever, visando à publicação da biografia da missionária Noemi Campelo (1906-1928). Essa ação resultou no lançamento, em 1932, do livro *A heroína de Kraonópolis*, de autoria de Stela Câmara Dubois[6].

Noemi fora enviada, junto com o esposo Zacarias Campelo, como missionária aos índios Kraôs e tivera sua vida e ministério interrompidos pelo prematuro falecimento. Ela havia lido a biografia de David Livingstone, a qual lhe tinha sido emprestada por Zacarias “para edificá-la na compreensão da obra missionária”. Pensando que ele queria ser “um novo Livingstone”, Noemi acabou encantando-se pelos planos mirabolantes de Zacarias, casou-se com ele e rendeu-se à evangelização dos índios[7].

Essa emocionante história já havia tocado muitas vidas, mesmo antes de ser publicada. Uma delas fora a da missionária Marcolina Figueira de Magalhães (1909-1988), que, ao ouvir, no início dos anos 1930, Zacarias Campelo falar de Noemi e seu trabalho entre os índios, sentira seu coração bater forte. Na biografia de Marcolina, esse momento vem assim narrado:

Num de seus relatórios, o Pr. Zacarias narrou o trabalho de Noemi, seu sofrimento e morte na taba dos craôs.

Acentuou a necessidade de alguém que falasse de Cristo aos indígenas. Para Marcolina, foi como se o Senhor lhe dissesse: “A quem enviarei, e quem irá por nós?” (Isaías 6.8). Na Escola de Trabalhadoras Cristãs, em lágrimas, ela orava para que pudesse chegar ao interior, onde Noemi trabalhara e morrera.[8]

Com a publicação de *A heroína de Kraonópolis*, o alcance da influência de Noemi se estendeu ainda mais. O Jornal Batista de 8 de setembro de 1932 relata a carta de uma leitora de Niterói, na qual declara: “Li o livro e confesso que a minha fé se fortaleceu e o meu espírito cristão se robusteceu no desejo de conhecer melhor o exemplo nobre, altruísta, firme e forte daquela que já rendeu o seu espírito ao Criador”. Então, faz um apelo: “Jovens batistas brasileiros, lede este livro, imitai o nobre exemplo de nossa heroína, aprendei da sua consagração e da sua coragem, e estai sempre prontos a sacrificar-vos pelo vosso Salvador”[9]. Uma das pessoas alcançadas por essa publicação foi Margarida Lemos Gonçalves

(1927-2012), notável missionária de Missões Nacionais, que atuou como educadora no antigo norte de Goiás, hoje Tocantins[10].

O projeto de lançamento dessa obra representava muito mais do que a simples edição de um livro. Em cativante prefácio, que captura a essência da iniciativa, o pastor Manoel Avelino de Souza convidou o leitor a aprender a lição dessa missionária pioneira, seguir seu exemplo, inspirar-se na beleza de seus ideais, de sua fé de seu caráter humilde e sublime; enfim, abrir o coração, colocar-se ao lado da obra que ela começou entre nós e dar a vida no trabalho do Salvador[11].

O Dr. Bratcher também fazia questão de exaltar a importância de literaturas missionárias para a inspiração de novos obreiros. Em nota ao Jornal Batista, em 1934, ele lamentou que talvez ainda houvesse quem ignorava o valor desse tipo de trabalho, visto que, àquela altura, a primeira edição da referida biografia ainda não estava esgotada[12]. Esse cenário mudou, graças a Deus e aos seus esforços. Em 1950, na apresentação da terceira edição[13], ressaltou que “talvez não haja na língua portuguesa outro livro que tenha exercido tanta influência sobre a mocidade batista brasileira, na conquista da pátria para Cristo, do que este relato”[14]; e expressou sua oração para que essa obra “seja, como foi até agora, uma inspiração para a mocidade e para todos que amam a Causa da Evangelização Pátria”[15].

O entusiasmo de Bratcher com missões, aliado à visão estratégica em relação aos meios que deveriam ser empregados para esse fim – inclusive a biografia, como instrumento de mobilização de vocacionados –, foi responsável por um extraordinário avanço, quando esteve à frente da Junta. Vinte anos depois do lançamento de *A heroína de Kraonópolis*, o relatório da Junta de Missões Nacionais reportava um total de 149 obreiros atuantes em treze estados, além do Distrito Federal e do território de Guaporé, hoje Rondônia[16].

Os exemplos do poder inspirador e mobilizador das biografias missionárias, tanto em missões nacionais quanto em missões mundiais, são incontáveis. Desejo me reportar a mais dois, atinentes à experiência batista brasileira. David Gomes (1919-2003), que sucedeu o Dr. Bratcher como secretário-executivo da Junta de Missões Nacionais, onde serviu por 14 anos (de 1954 a 1968), consignou, certa vez, seu “indisfarçável interesse” pela vida de George Müller, evangelista e missionário inglês conhecido por sua inabalável fé na providência de Deus[17].

Também o atual diretor executivo da Junta, Pr. Fernando Brandão, tem feito, reiteradamente, menção, para seus colaboradores, às lições que podem ser extraídas da liderança de Bratcher, que conduziu a organização em um tempo de enormes desafios geopolíticos, econômicos e logísticos, levando-a, apesar disso, a avanços significativos. Aliás, a própria criação dessa série de biografias deve muito à insistência do atual diretor em reavivar, nos batistas brasileiros, a lembrança desses incansáveis missionários, os quais, no tempo em que atuaram, foram poderosamente usados por Deus e ainda hoje são capazes de inspirar muitas vidas. Pouco mais precisa ser dito, então.

Finalizando, é com tudo isso em mente, que tenho a satisfação de, como editor de Missões Nacionais, apresentar a série *Vidas que inspiram*, a qual tem a reedição do livro *O apóstolo do sertão*, com a história de Bratcher, como volume inaugural. Assim como tantos missionários notáveis do passado foram despertados para o ministério por meio da leitura de biografias, nosso desejo é que essa nova série, ora lançada, sirva de inspiração para que muitos outros obreiros se rendam ao campo missionário brasileiro e mundial; e, mesmo que não seja esse o caso de todos os leitores, que ao menos aqueça o amor por missões, o compromisso de interceder pelos que lá estão, a generosidade nas ofertas e a consagração de vida ao serviço do Reino.

Oro para que a leitura que está prestes a iniciar produza esse efeito em você também. A série não tem um número definido de volumes, mas nosso desejo é estendê-la até a volta de Cristo. Não me surpreenderia se, daqui a algumas décadas, algum novo biografado tiver sido chamado ao campo missionário pelo contato com um desses volumes iniciais. Quem sabe esse não será você, ou, talvez, um de seus filhos?

Eu escandalizaria você se dissesse que essa é a oração que faço neste exato momento, enquanto encerro esta apresentação? Deus sabe. É Ele que chama. Apenas ouça-o enquanto estiver lendo as páginas a seguir. Boa leitura!

Diogo Carvalho

Gerente Operacional de Evangelismo e Editor da JMN

[1] EDWARDS, Jonathan. A vida de David Brainerd. São José dos Campos, SP: Fiel, 1993, p. 8.

- [2] PIPER, John. Seu sofrimento desencadeou um movimento (David Brainerd). Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2019/12/seu-sofrimento-desencadeou-um-movimento-david-brainerd/>
- [3] BOYER, Orlando. Heróis da fé: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 79.
- [4] Conforme aparece na capa de sua edição em Português da Editora Fiel. Op. cit.
- [5] MATHEWS, Ruth Ferreira. O apóstolo do sertão. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da CBB, 1967, p. 13.
- [6] O JORNAL BATISTA, ano XXXII, n. 15, de 14 de abril de 1932, p. 9.
- [7] AMARAL, Othon Ávila. Há 100 anos nasceu “a heroína Craonópolis”. In: O JORNAL BATISTA, ano CVI, n. 38, de 17 de setembro de 2006, p. 14.
- [8] FREITAS, Ida de. A missionária que abriu caminhos: Marcolina Figueira de Magalhães. 3. ed. Rio de Janeiro: UFMBB, 2010, p. 13.
- [9] O JORNAL BATISTA, ano XXXII, n. 36, de 8 de setembro de 1932, p. 6 (atualizei a ortografia).
- [10] AMARAL, Othon Ávila. Margarida Lemos Gonçalves, a educadora do Tocantins. In: OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. 100 anos da Junta de Missões Nacionais da CBB. Rio de Janeiro: Convenção Batista Brasileira, 2007, p. 260.
- [11] DUBOIS, Stela Câmara. A heroína de Kraonópolis. Rio de Janeiro: Batista de Souza e Cia. Editores, 1951, p. 11.
- [12] O JORNAL BATISTA, ano XXXIV, n. 2, de 11 de janeiro de 1934, p. 5-7.
- [13] A segunda havia sido produzida em 1938.
- [14] Op. Cit., p. 5 (atualizei a ortografia).
- [15] Op. Cit., p. 6 (atualizei a ortografia). Além disso, no relatório da

Junta prestado à CBB em 1952, Bratcher ressaltou que esse livro havia “contribuído para a inspiração dos crentes, para a evangelização e para o progresso da Causa”. CBB. Atas, relatórios e pareceres da trigésima quinta assembleia anual. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1952, p. 56.

[16] OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. Op. Cit., p. 76-77.

[17] LOBO, H. P. de Castro. George Müller: 50 mil orações respondidas. Rio de Janeiro: Escola Bíblica do Ar, 1986, p. 5-6. David Gomes assina a Apresentação do livro.

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO (1967)

Neste ano de 1967, a Junta de Missões Nacionais comemora os primeiros sessenta anos de existência. Desses, vinte e oito foram vividos através dos esforços de L. M. Bratcher. Portanto, quase a metade da vida da instituição missionária aparece neste relato.

As páginas são poucas, tendo em vista o caráter didático que se quis dar ao livro. Além disso, dona Artie Bratcher, esposa do Secretário, insistiu com a autora para que simplificasse a obra, reduzindo o número de páginas.

Convém dizer que a Junta realizou várias tentativas de conseguir publicar uma obra que julgava indispensável para a instrução do povo batista brasileiro, em seu amor por Missões Nacionais. Mas, por vários motivos, as tentativas foram frustradas, até que dona Ruth Mathews se dispôs a deixar tudo de lado para escrever o tão almejado livro.

Queremos agradecer à Ruth pelo seu esforço e dedicação, assim como também é justo mencionar a colaboração prestada por seu esposo. À missionária Letha Saunders, Secretária de Propaganda da Junta por muitos anos, que forneceu muitas informações e colocou à disposição de dona Ruth muito do material inédito de que dispunha. De igual modo, cooperaram toda a família Bratcher e vários dos obreiros da Junta. A todos esses colaboradores a gratidão da Junta de Missões Nacionais.

Temos alguns objetivos e esperanças:

Que as igrejas sejam despertadas para os ideais e apelos da Grande Comissão de Jesus.

Que seja ampliada a visão da família cristã em relação ao trabalho de evangelização do Brasil, incluindo-se os *sertões*^[1] próximos e distantes.

Que a juventude seja inspirada ao verdadeiro heroísmo.

Que muitos jovens se levantem para anunciar Cristo ao Brasil, partindo do estudo que fizeram deste livro.

Pelas misericórdias de Deus e no ideal de ganhar o Brasil para Cristo,

David Gomes

Secretário Correspondente Tesoureiro da Junta de Missões Nacionais

[1] [Nota do Editor] Na época, “sertões” era uma palavra usada para designar todas as regiões (não apenas o semiárido nordestino) pouco exploradas, pouco desenvolvidas e de difícil acesso, localizadas no interior do Brasil e que ainda não haviam sido alcançadas pelos esforços missionários dos Batistas.

PREFÁCIO DESTA EDIÇÃO 55 ANOS DEPOIS (2022)

Sinto-me honrado em assinar o Prefácio desta edição de relançamento do livro *O Apóstolo do Sertão*, escrito por Ruth Matheus e publicado pela Junta de Missões Nacionais em 1967. A obra trata sobre a vida de um dos líderes que mais influenciaram os batistas brasileiros em sua visão missionária e amor por missões. Quando li pela primeira vez este livro, fiquei profundamente impactado e impressionado com a visão estratégica, dedicação, amor, compaixão, fé e humildade desse gigante na história de missões em nossa pátria.

A Junta de Missões Nacionais foi criada durante a primeira Assembleia da Convenção Batista Brasileira, no ano de 1907, em Salvador, na Bahia. A visão dos batistas, naquela época, pode ser compreendida com o parecer, descrito abaixo, da Comissão que propôs a criação dessa organização missionária.

Temos a certeza que, depois do Sermão Oficial, onde a necessidade de Missões Nacionais foi tão admiravelmente patenteada; depois da exposição das Memórias e Theses, onde as oportunidades actuaes da evangelização patria foram claramente reveladas, poucos dos mensageiros presentes terão se perguntado a si mesmos: Que devemos fazer? O que é que se póde fazer? A resposta a estas perguntas é clara e sôa através dos seculos até nós: “Dize aos filhos de Israel que marchem.” (Exodo 14:15.) Não podemos ficar estacionarios. Como denominação temos que avançar, porém avançar com methodo, em ordem e acima de tudo, unidos. Para realizar o alto desideratum que nos está proposto, isto é, conquistar o Brasil para Christo, a Commissão apresenta à Convenção as suggestões seguintes que devidamente estudadas devem ser adoptadas: (1) A organização duma Junta de Missões Nacionais com séde na Bahia que, de accordo com a Convenção desenvolva a evangelização patria, tendo para isso os poderes e meios necessarios desde já.

Em janeiro de 1926, o missionário Lewis Mallen Bratcher foi nomeado para o cargo que equivaleria, hoje, ao diretor executivo da Junta de Missões Nacionais; nele permaneceu até dezembro de 1953, quando faleceu, na cidade do Rio de Janeiro. Foram 28 anos dedicados, incansavelmente, à expansão missionária em regiões inóspitas e de difícil acesso.

A visão do missionário Lewis M Bratcher influenciou sua geração e continua influenciando as gerações atuais. A Junta de Missões Nacionais continua

recebendo essa influência e surfando na “visão Bratcher” de mobilização e avanço missionário.

Essa visão de futuro suplantava as perspectivas de possibilidades. Bratcher era um homem de fé, coragem e empreendedorismo. Agia movido por essa fé, e com determinação estratégica. Em muitas ocasiões se expôs aos riscos e perigos das viagens pelo interior do Brasil, naquela época, de limitadíssima infraestrutura de transporte, hospedagem e assistência médica. Porém, nunca recuou. Seguindo a trilha dos pioneiros da missão, iniciada em Jerusalém há mais de 2 mil anos, ele se dedicou completamente à vocação recebida do Senhor, sem se importar com a própria vida.

O Dr. L. M. Bratcher, como ficou conhecido entre os batistas brasileiros, foi um líder além da sua geração. Mesmo com pouquíssimos recursos e desafios gigantes planejou e liderou grandes projetos missionários, administrando a escassez e empreendendo pela fé. Seu estilo de liderança tinha como base os princípios da Palavra de Deus. Em sua agenda de prioridades estavam os sertanejos pobres, crianças analfabetas, órfãos, leprosos, povos indígenas, ribeirinhos, marginalizados, pessoas sertanejas sem acesso à educação e tratamento médico...

Destaco, neste prefácio, alguns aspectos da sua liderança que influenciaram a visão missionária das igrejas batistas brasileiras e suas instituições. Veja nestes textos, extraídos da obra que você tem em mãos, como a visão dele era extraordinária. Um coração cheio de compaixão, amor ao próximo e paixão pela proclamação do evangelho.

I. CONSCIENTIZAÇÃO E EDUCAÇÃO MISSIONÁRIA DAS IGREJAS

Era necessário criar, entre os batistas brasileiros, uma mentalidade missionária; despertar interesse e o mais profundo amor pela causa de missões, levando-os a entender melhor o seu propósito. As igrejas precisavam ser convencidas de que a principal razão da existência delas, como agências do Reino, era levar o evangelho a toda a criatura. (...) Empenhou-se em unir a denominação em torno de um ideal comum: evangelizar a pátria. (...) O entusiasmo com que Bratcher relatava as realizações da Junta de Missões Nacionais foi contagiando as igrejas.

A oferta que seria levantada no primeiro domingo de março de 1929 foi chamada de “Oferta Memorial Noemi Campelo”. Houve um apelo: que em todas as igrejas orações fossem dirigidas a Deus pela continuação da obra iniciada e por vidas que se dedicassem à evangelização do sertão. A oferta deveria ser

generosa, expressando o interesse pelo trabalho. (...) Tendo levado consigo uma máquina para filmar, conseguiu muito material interessante para ser projetado em reuniões informativas. Esse método de propaganda era, na sua opinião, o mais eficiente e proveitoso.

As ofertas para a Junta, em cinco anos, aumentara em 300%. Foi intensa a propaganda que desenvolveu sobre as atividades da Junta, através de O Jornal Batista, das revistas dominicais, dos periódicos estaduais, da revista de Senhoras e Moças, e, especialmente de “A Pátria para Cristo”, revista missionária que ele idealizou.

2. FORMAÇÃO DE LÍDERES (UMA NOVA GERAÇÃO DE MISSIONÁRIOS) E PLANTAÇÃO DE IGREJAS

A maior necessidade dos Batistas brasileiros é de obreiros que se dediquem ao trabalho da pregação do evangelho.

Com a finalidade de animar, instruir e orientar os muitos jovens que atendiam ao apelo para dedicar suas vidas ao trabalho missionário, no Brasil ou no estrangeiro, o missionário Bratcher idealizou a organização dos “Bandeirantes de Cristo”. Mensalmente, moços e moças reuniam-se na residência dele para estudos, palestras e orações. Desse abençoado grupo, fizeram parte muitos dos atuais obreiros das nossas duas juntas missionárias.

Para consolidação e futuro do trabalho, era urgente que o número de obreiros fosse aumentado. De modo geral, os jovens que deixavam o seminário já estavam comprometidos com igrejas em centros maiores, e a chamada para o sertão era mais atendida por moças.

Com a experiência adquirida e através de muita observação, o missionário Bratcher concluiu que a evangelização no interior do Brasil só se tornaria uma realidade quando os próprios sertanejos se dedicassem a essa tarefa. Como os jovens que saíam para estudar nas capitais dificilmente retornavam ao sertão, a solução seria fundar uma instituição, onde, no seu próprio ambiente, os jovens se preparassem.

3. EVANGELIZAÇÃO

Em 1946, mais uma campanha altamente patriótica foi idealizada – a Campanha de Evangelização através da alfabetização. Os dois objetivos: ensinar o adulto a ler e colocá-lo em contato com a Palavra de Deus. Como alcançar esses objetivos? Uma escola noturna em cada igreja ou congregação e cada batista alfabetizado ensinando pelo menos a um. E o apelo: “Apelamos para que todos os Batistas se alistem nessa cruzada santa. Mãos ao trabalho, Batistas, na luta contra os piores inimigos da Pátria, o analfabetismo e a falta da religião verdadeira”.

A sétima Campanha Nacional de Evangelização havia conseguido, naquele ano, listar 512 igrejas, e a campanha de alfabetização havia remetido 5.021 cartilhas a 19 estados e ao Distrito Federal.

4. COMPAIXÃO E GRAÇA

A “Marcha para o Oeste”, preconizada pelo presidente Vargas, estava sendo feita pelos batistas, graças à visão do Doutor Bratcher. Todavia, a ênfase que se dava ao assunto não deixava de impressionar as igrejas quanto à necessidade de mais escolas e mais obras assistenciais para que, através delas, o sertanejo tivesse acesso ao evangelho.

O plano para o quinquênio (1939-1943) havia sido completado, mas havia muito ainda para se fazer; Doutor Bratcher, dinâmico e idealista, sonhava com novas realizações. Em Itacajá, o Orfanato Escola Francisco F. Soren já funcionava como uma esperança à criança sertaneja. O dispensário em Pedro Afonso aliviava o sofrimento de centenas de crianças, que, sem recursos, viam no ambulatório batista sua tábua de salvação. Algumas escolas estavam em funcionamento.

Em 25 de maio desse ano, o secretário da Junta foi até Belém, no Pará, para tomar parte na inauguração do Tabernáculo Batista da Colônia Marituba. Sobre o acontecimento, Bratcher escreveu: “Jamais poderei esquecer aquela experiência que ficará para sempre gravada no meu coração e na minha mente, embora fosse mais agradável apagá-la da minha memória. As três horas da tarde, um bom auditório composto de 200 leprosos e mais de 100 irmãos das igrejas batistas de Belém reuniu-se para a cerimônia que deu à Colônia o seu lar espiritual”.

5. VISÃO MISSIONÁRIA

Precisamos triplicar os trabalhos da Junta dentro de pouco tempo. Precisamos levantar os nossos olhos e fazer planos maiores, de acordo com as oportunidades que o trabalho oferece.

Várias vezes visitou o seu querido sertão. Era sempre com otimismo que se referia ao futuro do trabalho. Seus relatórios conseguiram despertar o interesse da denominação e fizeram da Junta de Missões Nacionais uma organização de respeito, que pode igualar-se com as mais eficientes na história moderna de missões.

Não tenho dúvida de que as novas gerações serão inspiradas pela vida desse grande líder e missionário, que foi muito além das fronteiras das possibilidades humanas. Recomendo a leitura deste livro para todos os missionários, líderes, pastores, empreendedores, empresários, vocacionados para o ministério, profissionais liberais, professores de EBD, estudantes de teologia, adolescentes e jovens.

Nas linhas dessa obra você encontrará inspiração e motivação para viver intensamente os planos de Deus para a sua vida.

Vamos avançar!

Fernando M. Brandão

Diretor Executivo da Junta de Missões Nacionais

ESCLARECIMENTO DE DONA RUTH MATHEWS

Foi em janeiro de 1966, na reunião em que terminava o mandato de membro da Junta de Missões Nacionais, que fui encarregada de escrever a biografia do Doutor Bratcher. A menção do meu nome para tal tarefa era, sem dúvida, uma grande honra. Com veemência, porém, eu a declinei. Só um escritor de qualidade teria recursos para contar quem foi L. M. Bratcher. A Junta não aceitou minha recusa.

Minha Bíblia diz: *“Tudo que te vier a mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças”*. Em linguagem simples, fiz esta narrativa – com oração, com amor, com cuidado de não a fazer extensa, conforme sugerido pela querida dona Artie.

O trabalho proporcionou muita alegria. Não podia ser de outra maneira. Rememorar a vida de Doutor Bratcher é prazer, gratidão e vontade de cantar: “MINHA PÁTRIA PARA CRISTO”.

Se o leitor se sentir assim, do Senhor será a glória.

Ruth Ferreira Mathews

O PREPARO

Um apreciado autor, em magnífica biografia de um amigo seu, declarou que, para se conhecer um homem, é preciso conhecer o lar em que tal homem nasceu e os anos que ele viveu nesse lugar.

LAR

Lewis Malen Bratcher nasceu num sítio próximo à cidade de Black Rock, em Kentucky, nos Estados Unidos, no dia 11 de junho de 1888.

A casa em que ele veio à luz ficava no topo de uma pequena colina; tinha, inicialmente, um só aposento e havia sido feita de troncos tirados da mata virgem que dali fora derrubada para dar lugar à pequena habitação. Com o passar do tempo, conforme a quantidade de filhos do jovem casal aumentava, a casa também ia sendo acrescida de outros cômodos, mantendo-se, como o coração da casa e onde a família se reunia, o aposento primitivo com sua grande lareira de pedra.

Frondosas árvores cercavam a residência. Algumas eram ainda remanescentes da floresta. Outras haviam sido plantadas em lugares cuidadosamente escolhidos, não só para proteção da casa, como também pela sombra que elas dariam às crianças que viessem a fazer parte do lar.

Os pais de Lewis eram o senhor Galveston e a dona Hettie Bratcher. O casal teve doze filhos. Duas das três meninas morreram em tenra infância. Sendo Lewis o nono filho, o sétimo varão, alguns de seus irmãos casaram e deixaram o sítio quando ele ainda era bem pequeno. Laura casou-se antes de ele ter nascido e a falta que sentia da convivência com uma irmã foi várias vezes lamentada. Contudo, essa falta não foi empecilho para que Lewis tivesse uma infância feliz e divertida.

Como a casa fora construída em uma elevação, em três de seus lados o terreno era em declive, que os meninos aproveitavam, durante o inverno, como pista para

deslizar na neve. Ao lado da casa havia um grande pomar de macieiras, pereiras e pessegueiros, que forneciam aos rapazinhos deliciosos frutos. Era regra da casa: fruta não se vendia. Assim, depois do preparo de grande quantidade de conservas, as frutas que a família não conseguia consumir eram doadas aos vizinhos, que as vinham buscar em sacos.

Em volta do pasto havia outras fruteiras, como nogueiras e castanheiras. Apanhar as frutas dessas árvores era uma festa para os meninos, nas horas de folga, que, aliás, eram bem poucas. O sustento da família era tirado do sítio, e era o pai de Lewis que, com os filhos maiores, fazia a derrubada da mata, o preparo da terra, as plantações, a colheita e a armazenagem dos produtos. As vacas e outros animais também exigiam trato. A vida da roça era dura, e todos tinham de ajudar.

O senhor Galveston era um homem calmo, de natureza calada e muito sincero em suas palavras e modo de agir. Era um pai compreensivo e dedicado à família. No lar, a obediência às suas ordens era natural e sua palavra era lei. Embora seu dia começasse de madrugada e seu trabalho continuasse até o anoitecer, ele sempre arranjava um tempinho para conversar com os filhos, saber de suas necessidades, problemas e aspirações.

MACHADOS E FLORES

Alguns incidentes na infância de Lewis já revelavam facetas de seu caráter. Ele ainda era pequeno quando observava a saída do pai e irmãos, de machado ao ombro, para o preparo de uma nova roça. Que vontade ele tinha de acompanhá-los! Ficar em casa fazendo serviços de menina não agradava aquele homenzinho.

Certo dia ele encontrou uma machadinha. Não era pesada e podia segurá-la bem. Imitando o que via os mais velhos fazerem, afiou a lamina como pôde, preparando-a para o uso. Na manhã seguinte, após o café, quando os irmãos saíram para a roça, Lewis, que havia levantado cedo, deixou também a mesa, apanhou a ferramenta e os seguiu. Mas os rapazes de 18, 16 e 14 anos não queriam ser incomodados pelo irmãozinho e, quando o viram, fizeram-no voltar para “ajudar a mamãe”.

O desapontamento de Lewis foi grande. A ajuda que ele queria dar fora recusada. Seus olhinhos se encheram de lágrimas. Ao chegar à porteira que dava

acesso ao quintal, encontrou-se com o pai, que se dirigia para o trabalho. Ao ver aquele rostinho triste, olhos úmidos, machadinha, percebeu tudo. Sem dizer uma palavra, tomou as mãos do menino e o levou para roça. O pequeno iria ajudar, graças à compreensão do pai.

Lewis sempre gostou de flores e havia muito tempo que desejava ter um jardim. Mas, como já estivesse crescido, não poderia gastar seu tempo, nem suas energias, tampouco a terra para plantar flores, pois o que a família precisava era de algo que desse lucro. Uma manhã, o senhor Galveston chamou Lewis, apontou para uma faixa de terra e lhe disse: “Meu filho, esse terreno é seu. Hoje você tem o dia todo de folga. Faça seus canteiros e plante suas flores. Você e sua mãe precisam delas”. Desde então, o sítio sempre teve um jardim florido.

PAI, MÃE E PROFESSORA

Era o senhor Galveston quem dirigia o culto doméstico. Os filhos se reuniam na antiga sala. A velha Bíblia era trazida, lida e ouvida com reverência. Para a oração, todos se ajoelhavam. O pai, que a proferia, parecia estar falando com um amigo presente. Cada filho era levado nominalmente a Deus. A influência dessa hora bendita projetava-se no lar e tornou-se uma força na vida dos filhos.

Quando as circunstâncias permitiam, o senhor Galveston levava os filhos às caçadas e pescarias, e enquanto os treinava nesses passatempos, instruía-os e preparava-os para os futuros embates que teriam de enfrentar.

Dona Hettie, mãe de Lewis, era uma senhora de marcante personalidade. Era ela quem dirigia a casa, e o fazia com sabedoria, firmeza e amor. Seus interesses giravam em torno do lar, igreja e filhos. Para o bem-estar dos filhos, dona Hettie estava pronta para qualquer sacrifício. A Lewis ela transmitiu a firmeza de caráter e a persistência que lhe eram peculiares.

A escola pública onde Lewis fez seu curso primário ficava a quase cinco quilômetros de sua casa. Seu primeiro professor foi seu cunhado, que lhe deu uma boa base para os estudos futuros. Mais tarde, o professor foi substituído por uma jovem muito atraente.

A bondade dessa professora cativou o coração de Lewis, que a fez confiante de suas ambições e ideais. Percebendo as possibilidades do aluno, a professora lhe

mostrou novos horizontes e procurou inspirá-lo para atingir alturas que ele jamais havia sonhado. Empréstava-lhe bons livros e revistas instrutivas. Lewis se afeiçoou a ela a tal ponto que, alguns anos depois, ao ter notícia de sua morte prematura, ficou mergulhado em profunda tristeza.

IGREJA

A pequena igreja da qual a família Bratcher fazia parte foi outra benéfica influência no lar. As reuniões eram mensais, e todos os membros da família participavam. O velho pastor era respeitado como um verdadeiro homem de Deus, e nunca se ouviu, naquela casa, qualquer crítica àquele que por 33 anos orientava o pequeno rebanho.

Nessa igreja de roça, Lewis fez sua profissão de fé aos catorze anos. Depois de um rigoroso exame, foi aceito como candidato ao batismo. Foi um momento de grande alegria. A família toda e os amigos e vizinhos se reuniram em volta de um riacho cercado de árvores para assistirem ao ato solene em que o pastor, em obediência à ordenança de Jesus, batizava o seu jovem xará (o nome Malen fora dado a Lewis em homenagem àquele pastor).

A influência que o senhor Galveston, um homem de grande fé, conhecedor da Bíblia e batista de convicções profundas exerceu na vida do jovem Lewis, após o seu batismo, foi uma maravilhosa bênção. Sem que percebesse, pouco a pouco ele teve contato com a vida denominacional.

A carreira ministerial era apresentada como a mais nobre, a mais digna de ser vivida. O pai de Lewis não era homem de letras, mas sabia avaliar bem o valor da boa leitura, e, por isso, o jornal da denominação era lido com regularidade naquele lar. Apesar de serem poucos os recursos, os bons livros tinham um lugar na casa.

Certa ocasião, de volta dos trabalhos da Associação^[1], foram oferecidas, ao rapaz, as biografias de David Livingstone e de John Paton, com as palavras de que ele também poderia ser, algum dia, um missionário. A leitura desses dois livros deixou uma lembrança inapagável na mente do jovem Lewis.

Esses fatores influíram para que brotasse no coração daquele jovem o sentimento de que Deus o queria para o trabalho em sua vinha.

NATAL EM FAMÍLIA

No lar de Lewis, as semanas que precediam o Natal eram de animação e alegria. A casa, o jardim, o pomar e até os animais, tudo tinha de estar em condições para receber os membros da família que estavam ausentes e nessa época vinham desfrutar do aconchego do querido lar.

A atarefada mãe se empenhava em preparar o presunto e os pratos prediletos de cada filho, de modo que o jantar de Natal honrasse as tradições de fartura do velho estado de Kentucky. A lenha, que deveria alimentar o fogo da lareira, era trazida e arrumada com antecedência. Quem iria querer perder um só momento da reunião alegre para buscar lenha?

Alguns dias antes do evento natalino, mesmo com a neve caindo, o pai e os filhos mais velhos iam à cidade. Lá se separavam para que cada um pudesse comprar e guardar em segredo os seus presentes, que seriam colocados nas compridas meias, conforme o costume do país. Esses presentes representavam esforço e sacrifício. Sim, porque o dinheiro da casa nunca era suficiente para satisfazer toda as necessidades da família.

Para as compras de Natal, cada um utilizava seus próprios recursos, que eram economizados, lentamente, como resultado da venda de alguma caça, de uma pele de animal ou de algum trabalho feito sem muitas horas de descanso. O fundo de reservas para os presentes era realmente o reflexo do amor que unia a família no verdadeiro espírito de Natal.

Quando o dia chegava ao fim, a família se reunia. A Bíblia era lida e o pai agradecia a Deus a bênção daquela reunião e a alegria do Natal.

Lewis jamais apagou de sua memória uma cena que se passou em um desses Natais, quando ele era ainda bem novinho. Durante o dia todo ele aguardara a chegada do pai, que fora à cidade. Já era noite e o chão estava coberto de neve, quando ele, trepado no banco da cozinha e com o narizinho grudado na vidraça, viu seu pai chegando, curvado sob o peso do saco que trazia, no qual estavam os presentes para a família. A lembrança daquela cena, que representava dedicação e sacrifício, sempre foi motivo de muita gratidão ao pai querido.

CHAMADO

Dave, um irmão mais velho, dirigia, na cidade de Caneyville, um curso de seis meses, que preparava professores para escolas rurais. Lewis resolveu fazer esse curso e foi estudar com o irmão.

Numa linda manhã de primavera, um domingo de Páscoa, a caminho da igreja, ao passar pela casa do banqueiro da pequena cidade, Lewis viu sair uma linda jovem de vestido azul, com um chapéu da mesma cor, carregando um florido ramo de flores. Que rosto meigo tinha a jovem! A visão o encantou. Será indiscrição revelar que, ao iniciarem as aulas do curso, uma aluna de rosto meigo bateu com os olhos num rapaz simpático, alto e forte e desejou que aquele fosse seu príncipe encantado? Seria indiscrição revelar que o nome da linda colega era Artie Amanda Porter?

Lewis lecionou dois anos, mas não era feliz. Sua aspiração era ser advogado, um grande advogado que levantasse a voz em defesa dos oprimidos. Bem no fundo do seu coração uma voz lhe dizia que Deus queria que trabalhasse para o Reino. Tentou não ouvir a voz. O chamado persistia, e ele, finalmente, tomou a decisão.

O pai foi informado que ele iria para a cidade de Georgetown, Kentucky, para se preparar para o ministério. Calado, escutou a explicação do filho. Era muito penoso dispensar a ajuda do rapaz nos trabalhos do sítio, e a casa sem ele não seria a mesma. Mas, no rosto do velho pai, a alegria se estampou. Seu filho seria pregador do evangelho, seu filho iria contar aos outros a história do Salvador, a quem ele tanto amava.

O jovem, aos 19 anos de idade, partiu para se matricular no Georgetown Baptist College. Dave prometeu-lhe ajudar e o fez até sua morte, alguns anos mais tarde. Só então Lewis pôde conhecer a extensão do sacrifício que o irmão fizera para que ele tivesse a oportunidade de se preparar.

Durante a permanência em Georgetown, muita correspondência foi trocada entre ele e a jovem Artie; ocasionalmente até algumas visitas foram feitas à Caneyville.

Embora tivesse de trabalhar muito para custear os estudos, Lewis completou em seis anos o currículo que, normalmente, seria de oito anos, alcançando sempre as melhores notas. Dois professores de Georgetown exerceram grande influência em sua vida: o diretor de esportes, que se empenhava em desenvolver nos jovens um físico forte, capaz de enfrentar as lutas da vida, e o professor de literatura, que

exigia dos alunos um rigoroso estudo da língua, de modo a que tivessem facilidade e clareza na expressão de suas ideias, e gosto pelas letras.

A Pátria para Cristo

ANO VII

JANEIRO A MARÇO DE 1952

N.º 1

GRATIDÃO



Artie Bratcher

É bem conhecida e respeitada pelos batistas a figura serena e digna de D. Artie Porter Bratcher, Exma

espósa de Dr. L. M. Bratcher, mui estimado Secretário Correspondente Tesoureiro da Junta de Missões Nacionais. O que nem todos sabem, porém, e aqui queremos revelar, é a dívida de gratidão de que se fez ela credora, pelos preciosos serviços prestados durante quinze meses, substituindo Miss Letha Saunders, na sua ausência, por motivo de férias.

Não é fácil substituir Miss Letha, cuja vida se tem integrado no trabalho de Missões, conhecendo perfeitamente seus problemas, tendo para cada caso a adequada solução. Dêsse modo, quando lhe foram concedidas as férias a que tinha direito, e bem merecidas, enfrentou a Junta de Missões Nacionais o sério problema de sua substituição no escritório, sem que fôsse prejudicado o trabalho. Foi então que se apresentou o nome da Sra. D. Artie Bratcher, por todos os títulos digna de aprêço e admiração. E o que se passou durante o tempo decorrido de 15 de abril de 1950 a 14 de setembro de 1951, em que ela desempenhou as funções de

*Capa de A Pátria para Cristo
em homenagem à D. Artie Porter Bratcher*



BRASIL

Foi durante a sua permanência em Georgetown que Lewis, após uma competição esportiva da qual foi campeão, encontrou e fez amizade com o saudoso missionário A. B. Deter. Não entrava nas cogitações do jovem aspirante ao ministério sair de sua terra natal, mas, ouvindo o missionário Deter falar do Brasil, das oportunidades e necessidades, Lewis sentiu no coração o desejo de dedicar seus dias a esse país. Ele não revelou a ninguém a experiência desse chamado.

Durante as férias, visitou sua casa. Mantinha longas conversas com o pai, mas não sentia coragem de compartilhar sua decisão. Em uma oportunidade que julgou propícia, timidamente, porque não queria magoar seu velho pai, Lewis abriu seu coração. A declaração do Sr. Galveston causou ao jovem grande alegria: “Você foi colocado no serviço do altar para o trabalho missionário. Esse era o ideal para o qual eu o encorajava!”.

Em 1911, quando ainda estava na faculdade, Lewis e Artie ficaram noivos. Três anos e meio mais tarde, em 15 de junho de 1915, após a conclusão do curso, o velho pastor Malen Washburn, que havia batizado Lewis Malen Bratcher e também Artie Amanda Porter, dirigiu a cerimônia do casamento.

Logo após a lua de mel, o casal foi morar em Louisville, Kentucky. No conhecido seminário batista daquela cidade, o futuro missionário completou o seu curso teológico e se formou, em 1917. No fim de mais um ano de estudo, após a apresentação da tese que versou sobre “O trabalho missionário na América Latina”, recebeu o grau de Doutor em Teologia.

Nesse mesmo ano, Lewis Malen Bratcher e a esposa apresentaram-se à Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul, e foram nomeados missionários ao Brasil.

Em 5 de fevereiro de 1919, o casal Bratcher chegou ao Rio de Janeiro. Alguns obreiros foram recepcioná-los. Entre eles, estavam os brasileiros Francisco Fulgêncio Soren e Joaquim Nogueira Paranaguá.

[1] [N. E.] Ao que tudo indica, trata-se da associação de igrejas batistas da região.

O PRIMEIRO PERÍODO NO CAMPO MISSIONÁRIO

Ao entregar a vida para o trabalho missionário no exterior, Doutor Bratcher decidiu que o seu preparo para obra seria o mais completo possível. Por isso, só se contentou com o grau mais alto que o seminário poderia lhe conceder.

COLÉGIO BATISTA DE CAMPOS

Sete meses após sua chegada ao Brasil, foi convocado para o trabalho educacional no estado do Rio de Janeiro. Não era esse o tipo de serviço com que sonhara durante os anos de sua preparação, já que em seu coração ardia o desejo de evangelizar e ganhar almas para seu Mestre. Porém, o Senhor da Seara sabia a tarefa que seu servo deveria realizar no futuro. Como forma de complementar seu preparo, Deus o conduziu à administração do Colégio Batista Fluminense, na cidade de Campos^[2].

Esse colégio fora fundado em 1910, na cidade de Friburgo^[3], pelo missionário W. H. Canadá, que alugara na praça principal um excelente prédio para instalar o Instituto Batista Fluminense. No entanto, na véspera da inauguração, ao desencaixotar as carteiras escolares vindas dos Estados Unidos, teve um de seus olhos atingidos por uma farpa de aço. O dano sofrido foi grave, inutilizando por completo o olho de Canadá e obrigando-o a retornar à sua terra.

No dia 10 de janeiro, sob a direção do missionário A. B. Cristie, o instituto iniciou suas atividades. Com apenas dezessete alunos e a despeito da terrível opressão dos padres jesuítas, o casal Cristie conseguiu dar um grande impulso ao colégio. Por prudência, e também para facilitar o trabalho geral, o colégio foi transferido para Campos, abrindo suas portas no dia 2 de fevereiro de 1914.

Era notável o crescimento do trabalho batista no território fluminense. Congregações e igrejas eram organizadas e a responsabilidade do casal Cristie

crescia a cada dia. Para ajudá-lo, em 1916 chegou o casal John e Elisabeth Mein, que realizou ótimo trabalho não só no setor da evangelização, mas também na direção do colégio, que muito lucrou com sua administração até setembro de 1919.

Nesse mesmo ano, no dia 5 de setembro, os fluminenses receberam o casal Bratcher, que, em sessão solene, por ocasião do encerramento das aulas do Colégio, foi apresentado no cargo de diretor. Doutor Bratcher entregou-se à missão que lhe fora confiada, ao mesmo tempo que se integrava no trabalho geral do campo, que já contava com meia centena de igrejas e, mais ou menos, seis mil membros.

O casal residia no prédio do internato, até então só masculino, e reservara para si um dormitório e uma sala onde a família podia ter sua privacidade. Certo dia, porém, um casal chegou ao colégio e com muita insistência implorou um lugar para a filha ficar. O casal Bratcher não teve coragem de recusar. Abriu mão da sala e ali acomodou a nova aluna. Posteriormente, mais oito internas foram aceitas, o que deu início ao internato feminino.

Em abril de 1921, nasceu Roberto, o segundo filho do casal Bratcher, que muito orgulho tem de sua cidadania campista. A assistente que atendeu dona Artie mencionou que a propriedade que pertencera à família Peçanha, e que ficava próxima ao terreno do colégio, seria vendida e que os padres estavam querendo adquiri-la. Discretamente, o missionário se comunicou com a Missão, no Rio; dias mais tarde chegou um telegrama de Richmond, autorizando a transação.

A casa foi comprada e uma passagem foi aberta entre as duas chácaras. Em um belo dia, segurando a mãozinha do filho, Doutor Bratcher entrou, acompanhado de dona Artie, naquele que se tornou o novo departamento feminino do Colégio Batista Fluminense.

O Colégio crescia e era cada vez mais procurado não só pelas famílias da cidade, mas também pelos crentes do interior, que ansiavam dar a seus filhos uma instrução que permitisse melhor servir às igrejas. Atento à falta de recursos desses jovens e no desejo intenso de ajudá-los, Doutor Bratcher se desdobrava em apelos às igrejas.

Em 1923, no relatório prestado à Convenção Fluminense, o secretário do campo se expressa da seguinte maneira:

O nosso colégio, orgulho dos batistas, continua progredindo, pois tem se imposto de maneira a merecer a confiança e preferência das principais famílias da cidade e de outras partes do Brasil. Os seus diretores, Doutor L. M. Bratcher e sua esposa, têm dado grande impulso ao nosso estabelecimento de ensino. Os edifícios estão maiores e remodelados. Duzentos alunos estão matriculados e sua receita é de 68:817\$000.

ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

Sim, o missionário Bratcher administrava o Colégio e, através da instituição, beneficiava os crentes e ajudava as igrejas no preparo de seus futuros pastores, obreiros e professoras. Sendo ele o responsável pelos trabalhos das Escolas Dominicais, e sabendo que o sucesso delas dependia em grande parte da eficiência de seus obreiros, promoveu, no final de 1919, logo após a sua chegada, um instituto de férias no colégio, com duração de duas semanas, para um estudo não só do Manual Normal da Escola Dominical como dos outros livros do curso.

Na História dos Batistas Fluminenses, escrito pelos pioneiros Joaquim Lessa e A. B. Cristie, ainda não publicada, lemos:

O movimento que se operava no campo fluminense, durante o ano de 1920, a favor da Escola Dominical foi admirável. O Instituto reunido no fim de 1919, no Colégio de Campos, despertou tanto interesse que o Diretor do Colégio oferecia hospedagem – cama e refeições – aos estudantes que assistissem ao Instituto em 1920. Outros Institutos eram realizados sempre contando com a colaboração do Doutor Bratcher e sempre bem-sucedidos. Criou-se um ambiente favorável ao estudo dos livros do Curso da Escola Dominical, cujo resultado foi um melhoramento na organização e reorganização do trabalho.

Podemos avaliar a determinação daquele missionário no trecho de uma das atas da Convenção Fluminense, em 1920:

Dada a palavra ao Doutor Bratcher, o mesmo declara que a Junta de Escolas Dominicais do Estado realizará um Instituto todos os anos, até conseguir que cada igreja tenha os professores preparados.

No Escudeiro Batista, jornal dos batistas fluminenses, em janeiro de 1923, também está registrado:

A Junta de Escolas Dominicais do Estado teve, há quatro anos passados, a feliz ideia realizar no fim de cada ano no Colégio em Campos um Instituto que visa o estudo dos oito livros do Curso Normal e outras matérias, que por certo fornecerão aos alunos (aqueles que não tiveram a oportunidade de cursar um seminário) os conhecimentos que tornem mais eficientes na direção das Escolas Dominicais em suas igrejas.

E, assim, nesses constantes encontros com os pastores, obreiros e crentes do interior, e na vivência com a juventude, o Doutor Bratcher ia conhecendo melhor a índole do povo com quem viera trabalhar, suas virtudes e deficiências,

aprendendo a amá-lo na simplicidade de seu trato e armazenando experiências que lhe seriam de grande valia na obra que iria realizar.

RECONHECIMENTO E INFLUÊNCIA

Sua atuação no trabalho geral do campo o fez merecedor da mais profunda admiração dos fluminenses. Em O Jornal Batista, número especial do Centenário da Independência, saiu a seguinte referência:

Nesse mesmo ano o Senhor nos enviou um casal de missionários. Foi o Doutor L. M. Bratcher e sua esposa D. Artie Bratcher, que aqui chegaram em 5 de fevereiro de 1919. O Doutor Bratcher tem-se revelado um obreiro abnegado e de grande envergadura moral e espiritual. Sua esposa tem sido um grande elemento no progresso do trabalho que lhe está afeto. O irmão Bratcher, além de dirigir o Colégio, tem dirigido com grande tino o Campo Fluminense enquanto esteve ausente o Doutor Cristie, em gozo de férias.

L. M. Bratcher cultivou amizades preciosas e duradouras não só entre os colegas de ministério como também e, especialmente, entre seus jovens alunos, que, sob a influência benéfica de sua personalidade, tornaram-se pastores e líderes da denominação batista, colaborando com ele no ideal de evangelizar o Brasil.

O campo fluminense teve o privilégio de usufruir do primeiro período de trabalho do grande missionário, bem como de proporcionar-lhe os primeiros contatos com o interior, através das incursões evangelísticas realizadas em companhia dos pastores pioneiros, Alfredo Reis, Joaquim Coelho dos Santos e outros. Nessas viagens a cavalo, o missionário Bratcher demonstrou a aptidão e a agilidade de que são dotados os cavaleiros do estado de Kentucky.

[2] [N. E.] Referência ao município de Campos dos Goytacazes-RJ.

[3] [N. E.] Referência ao município de Nova Friburgo-RJ.

PLANOS PARA O FUTURO

Durante sua permanência em Campos, o Doutor Bratcher não pôde dedicar muito tempo à evangelização, uma vez que as reformas do prédio e a aquisição da bela chácara para o internato feminino exigiam toda a sua atenção. Eram poucos os recursos com que contava para tais empreendimentos e isso o obrigava a sair muitas vezes da cidade a fim de conseguir empréstimos para vencer os compromissos. Diga-se de passagem que sua esposa, dona Artie, era uma eficiente ajudadora. O fato de nunca ter deixado o colégio ao mesmo tempo que o marido prova a sua integral participação nas atividades dele.

INTERIOR DO BRASIL

O missionário realizara algumas viagens ao interior do estado do Rio e tivera a oportunidade de notar a transformação que o evangelho operava nos lugares onde era pregado. O número de obreiros, porém, era pequeno; dificilmente alguém se disporia a deixar as vantagens de centros maiores para embrenhar-se num interior quase desconhecido.

O ideal de Bratcher, como anteriormente foi mencionado, era evangelizar, e seu coração se sensibilizava pelos milhares de pessoas que, no interior deste vasto país, partiram para a eternidade sem nunca ouvir uma palavra sequer sobre o amor de Deus. Então, por que não iria ele mesmo, e bem no coração do Brasil, fincar as estacas de sua tenda e ampliar o trabalho em toda aquela região? Não estava já a sua vida colocada no serviço do altar? Não corria, em suas veias, o sangue de pioneiros?

Ele mesmo seria o precursor da marcha para o oeste. Por certo, no grande estado de Goiás, tão rico em ouro e pedras preciosas, poderia ganhar muitas almas que, como joias, ornariam a coroa de seu Rei e Senhor.

Com essa decisão, planejou fazer, antes de suas primeiras férias, uma viagem ao vasto interior do Brasil. Essa viagem, que seria não só de evangelização, mas

também de reconhecimento do lugar, possibilidades e necessidades, seria importante para o planejamento do seu segundo período de serviço missionário. Infelizmente, circunstâncias adversas impediram a realização da viagem, mas não baniram do seu coração o desejo de tornar realidade aquela aspiração.

Assim, logo após sua chegada à pátria^[4], conseguiu o consentimento e o apoio da Junta de Richmond para concretização do seu plano, e os preparativos foram logo iniciados. Sua família permaneceria nos Estados Unidos e só retornaria depois que sua viagem terminasse.

A Junta de Missões Estrangeiras da Convenção do Sul, entretanto, enfrentava, nessa ocasião, sérias dificuldades financeiras e achou por bem comunicar ao missionário Bratcher a impossibilidade de lhe fornecer os recursos e o equipamento para a viagem projetada. Mas a notícia não desanimou o intrépido missionário. Sua convicção de que Deus dirigia seus planos era tão firme que tinha como certo que Ele mesmo providenciaria os seiscentos dólares de que precisava para colocar esses planos em prática.

Pregava o Doutor Bratcher, um domingo à noite, em uma igreja no Estado de Kentucky. Como sempre fazia, falou sobre o Brasil e suas oportunidades. Não fez apelos para levantamento de ofertas, fiel ao compromisso que tinha com a Junta de Richmond. Terminado o trabalho, voltou para a cidade onde residia. Três dias depois, recebeu do pastor da referida igreja uma carta convidando-o a voltar, pois a Sra. Martin, que o ouvira pregar, sentira em seu coração o desejo de lhe entregar seiscentos dólares que possuía, reservados para um trabalho especial na obra de Deus.

DESPEDIDAS

Cheio de entusiasmo e contentamento, grato a Deus, terminou os preparativos da viagem. Despediu-se da mãe carinhosa, que o abraçou, julgando ser aquela a última despedida. Seu pai tão amado e com quem mantivera sempre a mais doce amizade, não conseguira esperar a visita do filho missionário e partira para estar com o seu Senhor, na glória.

Seguindo para a estação, dirigiu o olhar de despedida para o velho lar de tão agradáveis memórias e que o abrigara nos dias de sua infância feliz. Lar humilde,

mas que oferecera, ao trabalho do Senhor, três dos seus filhos. Parecia-lhe ser a última vez que aquele lindo sítio seria olhado como seu antigo lar. De seus olhos correram lágrimas de emoção.

A hora de se separar de sua amada esposa e filhos se aproximava, e o espinho da saudade já começava a ferir seu coração, sabendo que durante meses não lhe seria dado o privilégio de contemplar aqueles rostos tão queridos. Mas, certo de que seu Senhor cuidaria de sua família, fez as últimas despedidas. O trem partiu, e ele, em pé na última plataforma, contemplava seus dois filhinhos (o terceiro tinha apenas quatro semanas de idade), que lhe acenavam adeus, até que a primeira curva da estrada impediu de vez que sua visão os alcançasse.

Mas por que essa separação? Não estava ele com a esposa e filhos vivendo dias tão alegres no meio de parentes e amigos que tudo faziam para proporcionar-lhes bem-estar? Não estava ele desfrutando do conforto tão agradável em sua querida pátria? Não estava ele ajudando as igrejas em reuniões de avivamento e despertamento para a obra missionária? Por que, então, deixar sua família e enfrentar a longa jornada?

A resposta era uma só: O Mestre, a quem entregara a sua vida, chamava-o para o desempenho de uma tarefa no sertão do Brasil. Ele guiava seus passos e sua vontade deveria ser cumprida.

A viagem para o Rio de Janeiro foi monótona. Os poucos passageiros pareciam, durante os dias que estiveram a bordo, completamente esquecidos da existência de Deus. De forma alguma seus divertimentos, a não ser os esportivos, constituíam atração para o missionário.

Mas, os dias passaram e, no início de 1925, o missionário Bratcher estava novamente no Rio de Janeiro, alegre por estar de volta ao Brasil. Seus planos para o futuro estavam delineados e firmes, e ele prosseguiria para novos empreendimentos.

[4] [N. E.] Referência à pátria natal do Dr. Bratcher, os Estados Unidos.

UMA VIAGEM INESQUECÍVEL

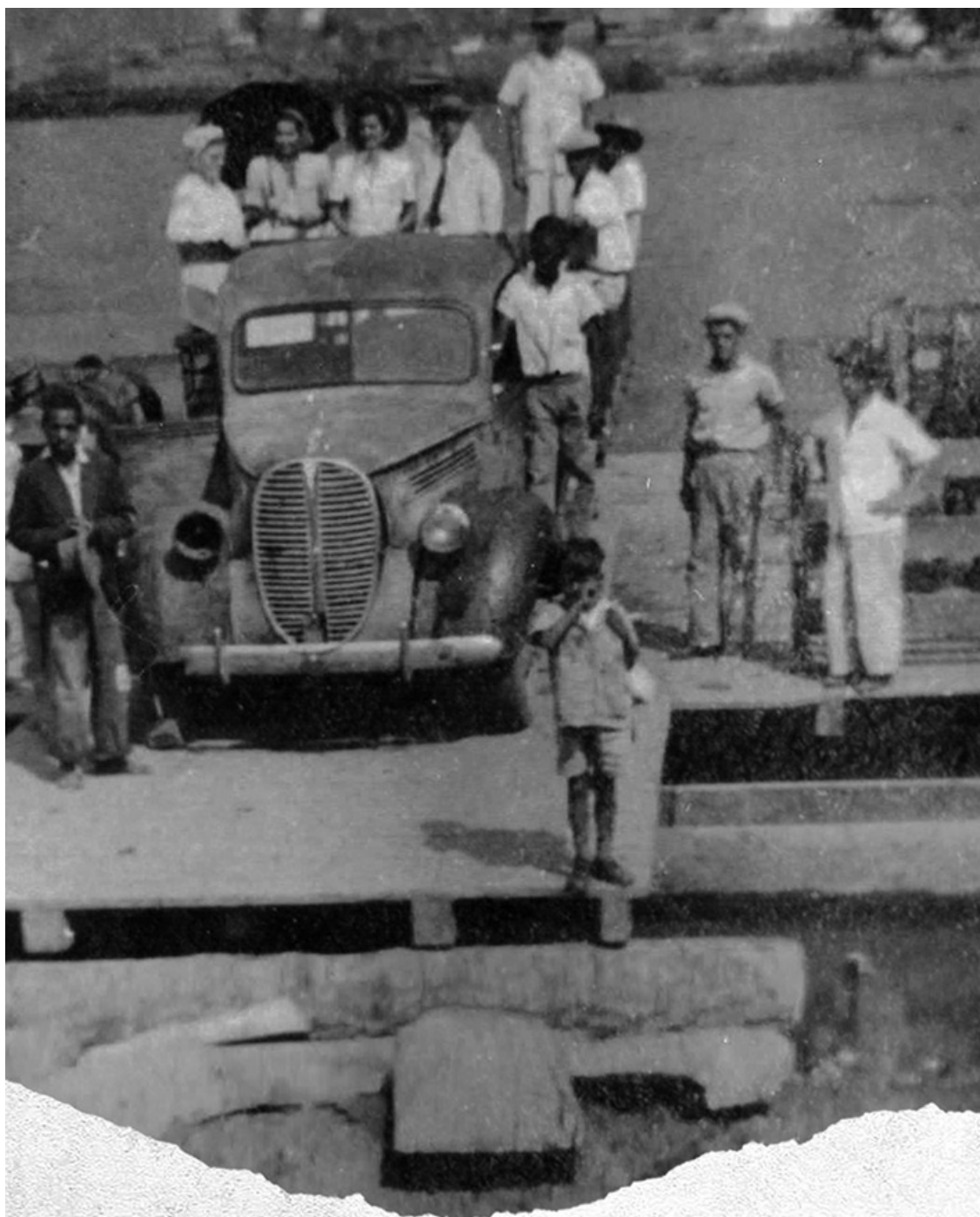
Foram poucos os dias que passou no Rio de Janeiro, uma vez que o Doutor Bratcher ansiava ver com os seus olhos o interior da grande terra chamada Brasil.

No começo de abril, seguiu para São Paulo e depois para Araguari, no Triângulo Mineiro, para encontrar-se com seu colega, o pioneiro Salomão Ginsburg. O plano era realizar uma excursão evangelística até a capital de Goiás e, ao mesmo tempo, obter o máximo de informações para a futura viagem ao sertão, a qual os dois empreenderiam juntos, o que não aconteceu, pois o missionário Ginsburg não estava bem de saúde.

ANÁPOLIS

Após terem realizado atividades cristãs com os irmãos de Araguari, Cristalina, Ipameri, Bonfim e Pires do Rio, chegaram a Anápolis, que, em pleno desenvolvimento, já possuía dois mil habitantes.

Nessa cidade, conheceram um irmão presbiteriano, Carlos Magalhães Pereira, proprietário de grandes terras e profundo conhecedor de todo o estado de Goiás. Ouvindo ele sobre o projeto dos missionários, ofereceu sua ajuda e, traçando com eles um roteiro, propôs acompanhá-los parte do caminho. A viagem introdutória alcançara seu objetivo.



*Travessia do Rio Doce, em
Conselheiro Pena/MG, com o Ford*



Depois de uma breve parada no Rio de Janeiro para os preparativos finais, o missionário Bratcher seguiu para Ribeirão Preto, em São Paulo, a fim de se encontrar com o Dr. Fanstone, um médico inglês e também missionário.

Eles viajaram até Anápolis num carro *Ford*. Ainda não era comum esse tipo de transporte, e um cidadão goiano, ao ver o carro novinho em folha e cheio de equipamento da viagem, conhecendo bem a distância e as estradas que deveriam percorrer, declarou: “Os senhores têm muita coragem!”. Bratcher contou que se sentiram lisonjeados, ao ouvirem o elogio, a que julgavam mesmo fazer jus. Porém, no decorrer dos seis dias da viagem, perceberam que o termo “coragem”, na verdade, teria significado diferente daquele que fora entendido; aquele cidadão, certamente, teria se referido a imprudência, ignorância e quase loucura da parte deles. Mas os missionários estavam animados. Era o aniversário do Doutor Bratcher, e é bem provável que ele tivesse considerado a aventura como uma forma de celebração.

Pela falta de conhecimento das estradas, do rumo certo e também do *Ford* novo, as aventuras foram muitas. Deslumbraram-se com cenários majestosos, conheceram cidades interessantes, ganharam bastante experiência e chegaram a Anápolis, onde residia o Dr. Fanstone.

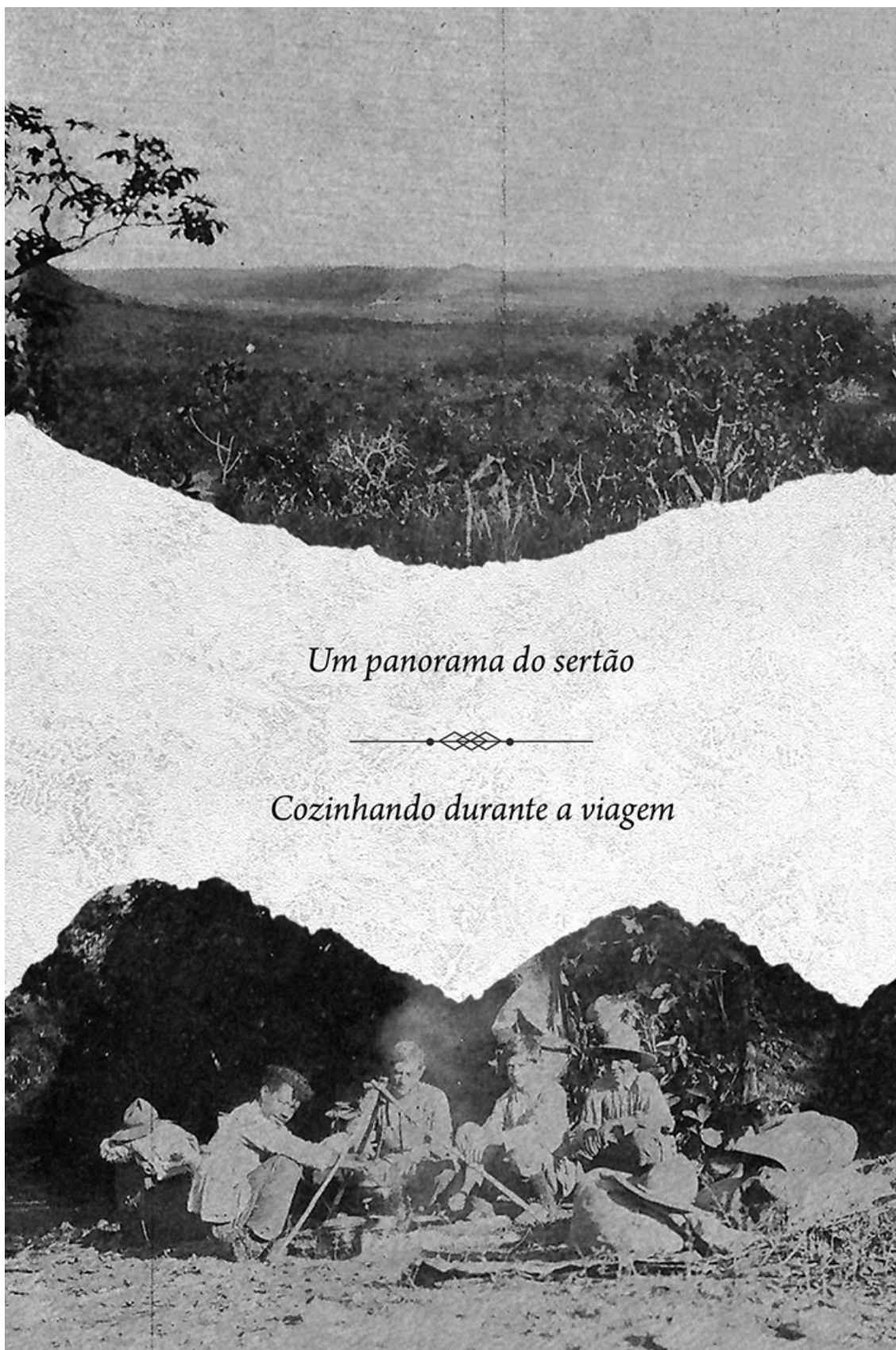
PRIMEIRO TRECHO

Conforme havia sido combinado anteriormente, o irmão Carlos deveria estar com tudo pronto para o prosseguimento da viagem. As dificuldades, porém, surgiram, uma delas a de encontrar um cavalo forte o bastante para aguentar o corpo do missionário Bratcher, com 110 quilos e quase 2 metros de altura. Só depois de alguns dias de espera é que partiram para Pirenópolis^[5]. Lá também fizeram uma parada e, no primeiro dia de julho, com as montarias e a bagagem em ordem, seguiram rumo ao norte de Goiás.

Conforme a descrição, a viagem não poderia ter sido melhor. Os tropeiros eram eficientes e cozinhavam bem. Dr. Carlos, filho do ilustre pastor, o gramático Eduardo Carlos Pereira, era possuidor de vasta cultura e, com os conhecimentos que tinha do sertão, estava em condições de satisfazer a curiosidade do missionário Bratcher, para quem tudo era novidade.

Depois de uma rápida parada em Lavrinhas^[6] para uma visita a Santa Dica^[7], célebre na época, chegaram à fazenda do Dr. Carlos, onde Bratcher, mais uma vez, desfrutou da magnífica hospitalidade do bom amigo e servo do Senhor. Os dias foram agradáveis, pois, além do descanso de que já estava necessitando, ele pode caçar, pescar e passear pelos lindos campos que circundavam a fazenda. No domingo, dirigiu a Escola Dominical e a pregação evangelística.

Os cinco dias de refrigério chegaram ao fim. Despedindo-se dos bons amigos, o missionário Bratcher continuou sua jornada, agora acompanhado apenas de Dionísio, trabalhador da fazenda cedido pelo Dr. Carlos.



Um panorama do sertão



Cozinhando durante a viagem

[5] [N. E.] Referência ao município de Pirenópolis-GO.

[6] [N. E.] Possível referência à região do Sítio Lavrinhas, localizado no próprio município de Pirenópolis-GO.

[7] Referência a Benedicta Cypriano Gomes (1903-1970), religiosa do distrito de Lagolândia, pertencente a Pirenópolis-GO, a quem a população atribuía poderes de cura e profecia.

CONCRETIZANDO O SONHO

Conforme fora previsto, a primeira povoação a ser alcançada pelos dois viajantes seria a de Descoberto^[8], após uma semana de marcha. No quarto dia, os dois passaram por uma terrível experiência - a falta de água -, uma vez que os riachos que Dionísio esperava encontrar estavam completamente secos.

A região, com exceção de algumas pequenas florestas, era uma planície infinda, com grama e pequenos arbustos. O que quebrou a monotonia foi o encontro, depois de passarem por Amaro Leite, com um grupo de índios Xerentes, que se dirigia à capital^[9] para pedir ao governo instrumentos agrícolas. Eles estavam vindo do norte de Goiás e já haviam caminhado muitos quilômetros a pé.

DESCOBERTO E PEIXE

Fazia parte do planejamento do missionário Bratcher realizar cultos em todas as localidades em que estivesse, mas fora avisado para não pregar em Descoberto, onde o povo não o receberia com agrado. Chegaram à noite e, no dia seguinte, antes das oito horas da manhã, um senhor veio a sua procura querendo informações sobre a Bíblia. Em conversa, ofereceu sua casa para pregação. À noite, um auditório de cerca de cinquenta pessoas, entre elas autoridades, ouviu pela primeira vez o evangelho de Jesus.

A segunda etapa era a povoação de Peixe^[10], que ficava à margem do rio Tocantins; para lá chegarem foi necessária mais uma semana. A variedade de pássaros ali existente e a beleza do rio, com quase meio quilômetro de largura, encantaram o Doutor Bratcher.

Depois de um bem merecido descanso de dois dias, prosseguiram a viagem atravessando o rio em uma pequena canoa. Só depois de duas horas de preocupação e trabalho, por causa do forte vento que soprava, conseguiram alcançar a margem oposta. Como estavam ansiosos para chegar a Natividade^[11], apressaram as cavalgadas.

Uma noite dormiram à beira de um regato^[12], a outra, à beira de um lago, ambas tão frias que a fogueira teve de ser conservada até o amanhecer.

Era um sábado e bem cedinho puseram-se a caminho, desejosos de chegar logo ao destino. Pararam para um pequeno descanso e, enquanto Dionísio preparava o café, os animais, famintos, aproveitaram a ocasião e fugiram em busca de pasto. Durante quatro horas, Dionísio esteve à procura deles; nesse tempo, o missionário Bratcher teve de enfrentar tremenda luta contra os mosquitos, que o assediaram de tal forma que quase o levaram ao desespero. Mas venceram as dificuldades; à noitinha chegaram a Natividade, exaustos pelos muitos quilômetros percorridos e com as cavalgadas quase arrasadas de fome. A viagem havia sido dura!

NATIVIDADE

A noite fora bem dormida, mas parecia que o esgotamento, a lembrança dos perigos, o desconforto que enfrentara e, mais que isso, a falta de notícias da esposa e filhos tão distantes, na América do Norte, trouxeram ao missionário um sentimento de frustração e de profundo desânimo. Todavia, a acolhida amável, as visitas que desde cedo começou a receber e o interesse que todos demonstravam pelo evangelho foram, aos poucos, dissipando os sentimentos negativos, fazendo-o quase esquecer os obstáculos da viagem.

Agora que os amigos haviam se prontificado a levá-lo até Porto Nacional, o bom Dionísio, de quem se tornara amigo e, quem sabe, pai na fé e irmão em Cristo, poderia retornar com os animais, o que foi feito quarta-feira, depois de um abraço e sentidas despedidas.

No domingo pela manhã, Doutor Bratcher visitou o irmão Floriano Borges do Nascimento, que morava em Chapada^[13], poucos quilômetros distante, e a quem mandara uma carta havia três meses, mas que só fora recebida no dia anterior.



Bratcher e sua cavalgadura



Ficou logo combinado que durante a permanência do missionário em Natividade, ele pregaria todas as noites na casa de dona Genoveva, um nome que muitas vezes ouvira como referência a uma fiel e apaixonada discípula de Jesus.

Mais tarde foram visitá-la, e eis a descrição que o próprio Doutor Bratcher fez do encontro:

Era uma senhora idosa, ligeiramente curvada, cabelos brancos como a neve e com um rosto de rara beleza, refletindo a glória da presença de Cristo. Quando o seu neto, irmão Floriano, avisou-lhe que o missionário estava presente, endireitou o corpo e, em passos largos, veio ao meu encontro. Depois de cumprimentar-me, curvou-se um pouco e, sem que eu previsse, beijou-me as mãos e disse: “Ah! O Senhor não sabe que veio a este lugar em resposta às minhas orações. Tenho pedido ao Pai que me permitisse contemplar mais uma vez a face de um missionário, e Ele ouviu a minha oração”. As lágrimas corriam-lhe pelas faces. Virando-se, disse em voz baixa: “Agora, Senhor, deixa a tua serva partir em paz”.

A emoção se apossou de mim, pensando que a profunda alegria daquela serva de Deus era motivada pela presença de um pregador, oportunidade que só tivera três vezes, sendo a última, seis anos atrás. A entrevista que se seguiu foi uma das mais interessantes da minha vida, e àquela visita se seguiram outras, quando, então, pude me assentar aos pés daquela santa para aprender mais profundamente do amor e do poder de Jesus Cristo. Sua esperança, amor e fé eram uma contínua maravilha para mim.

Somente três vezes em sua vida tivera ela o privilégio de ouvir o evangelho, mas seu conhecimento do plano da salvação e da *Bíblia era maior* que milhares que vivem e morrem dentro de nossas igrejas, onde o evangelho é ouvido todas as semanas. De todas as suas declarações, a que mais me impressionou foi a contínua expressão de gratidão a Jesus Cristo, que lhe dera a bênção de conhecer o evangelho e aceitá-lo como Salvador. Sua oração era que lhe fosse permitido ver, antes de sua morte, uma igreja fundada em Natividade.

Oh, Deus! Que sua oração seja respondida!

[8] [N. E.] Provável alusão ao antigo distrito de Descoberto, que hoje forma o município de Porangatu-GO.

[9] [N. E.] Isto é, a cidade do Rio de Janeiro.

[10] [N. E.] Referência ao município de Peixe-TO.

[11] [N. E.] Referência ao município de Natividade-TO.

[12] [N. E.] Isto é, um córrego.

[13] Provável alusão ao atual município de Chapada da Natividade-TO.

CONVERSÃO DE DONA GENOVEVA

“Assim será a palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia, mas fará o que me agrada e cumprirá com êxito o propósito da sua missão”. Isaías 55.11

Dona Genoveva pertencia a uma família de destaque e, desde a mocidade, ela havia dedicado grande parte do seu tempo à prática de sua religião. Era devota adoradora dos santos e, com amor e muito capricho, lavava e engomava as toalhas de seus altares, enfeitando-os com as flores mais bonitas. A ela também eram trazidas as imagens que necessitavam de limpeza e reparos, trabalho que realizava com carinho e respeito. Sua presença era constante em todos os atos religiosos, certa de que, assim fazendo, não somente agradava a Jesus, como também obteria graças que garantiriam sua salvação.

Os anos se passavam e o coração de Genoveva continuava insatisfeito. As práticas vazias de sua religião não lhe davam a paz e a segurança que tanto almejava. Certa vez, trouxeram-lhe uma imagem de Jesus, a mais famosa em todo o estado de Goiás, que necessitava de uma boa limpeza, um retoque na pintura que os ratos e as baratas haviam estragado. A festa em que a imagem deveria receber a adoração dos fiéis se realizaria dentro de poucos dias, e era urgente melhorar o seu aspecto.

Cuidadosamente, Genoveva começou o trabalho. Com carinho, colocou a imagem numa bacia com água e iniciou a lavagem dela, retirando a grossa camada de imundície que a cobria. Pela primeira vez, uma dúvida surgiu em sua mente. Contemplando o tosco pedaço de madeira, disse consigo mesma: “Se não tens poder para evitar que os ratos te roam e as baratas te sujem, como podes ter poder para salvar a minha alma?”. Essa dúvida persistiu em seu coração.

Um dia, ouviu falar sobre a Bíblia, a Palavra de Deus. Quis conhecer o livro e, depois de muito esforço, conseguiu um exemplar, apesar da proibição do vigário.

Iniciou a leitura; quando percebeu o quanto desagradava a Deus o culto que prestava às imagens, clamou dizendo: “Perdoa-me, Pai, pois fiz na ignorância”.

Genoveva sentiu que sua oração fora atendida e que a luz de Jesus raiava em seu coração obscurecido pela idolatria, libertando-a das superstições e do medo da morte. Seu primeiro passo foi destruir os ídolos que, em grande quantidade, enchiam a sua casa e por tanto tempo possuíram seu coração. Provocando grande espanto e até horror entre seus familiares, ajuntou todas as relíquias de seu culto e as queimou de uma vez.

Julgaram-na louca – aliás, o padre se encarregou de espalhar a notícia – e estavam certos de que ela sofreria uma terrível vingança por parte dos santos. Mas as semanas e meses se passaram sem a punição esperada. Observando-a melhor, perceberam que seu juízo era perfeito e que o poder de sua influência se estendia não só aos de sua família, mas a lugares mais distantes.

Genoveva estava realmente transformada e se tornara uma discípula de Jesus. Entendia, entretanto, que, como tal, devia ser batizada para obedecer a seu Mestre e dar um testemunho público de sua fé. Mas quem a batizaria, se naquelas paragens tão longínquas não havia ninguém em condições de fazê-lo?

Suas súplicas subiram a Deus. Um dia, o missionário Ernesto Jackson, fazendo uma excursão evangelística pelo estado, visitou a pequena e afastada vila, oferecendo-lhe, então, o ensejo de seguir o exemplo de seu Mestre e obedecer a Ele por meio daquele ato público de fé e dedicação, doze anos depois de sua conversão.

Com mais intensidade, então, seu desejo era ganhar os membros de sua família e sua vizinhança para o Senhor. Deus a abençoou. Duas filhas e quatro netos tornaram-se seguidores de Cristo e, por meio de sua influência, o evangelho ficou conhecido naqueles arredores.

Irmã Genoveva tinha 96 anos quando o missionário Bratcher a encontrou. Através dele, a história dela chegou ao conhecimento dos batistas brasileiros e americanos; ela é constantemente lembrada como uma demonstração do poder da Palavra de Deus.



D. Genoveva



CONHECENDO O BRASIL

Foram dez os dias passados em Natividade. Havia pregações todas as noites, visitas a pessoas interessadas no evangelho, visitas de cortesia. Anotações e estudos foram feitos até a hora da partida para Porto Nacional, município que tinha mais ou menos novecentos habitantes.

A caminhada foi feita em cinco dias através de extensa planície e sob um sol abrasador. Bratcher tivera oportunidade de presenciar grupos de romeiros que se dirigiam ao Bonfim^[14], e isso o deixara com o coração pesado diante do sacrifício daquela pobre gente que viajava a pé, quilômetros e quilômetros, para pagar uma promessa ou alcançar uma graça.

Domingo, à noitinha, chegaram a Porto Nacional. Fazia quarenta e sete dias que o missionário Bratcher começara a sua viagem nas costas do animal. Percorrera 1.100 quilômetros. Agora, iniciaria o retorno, descendo o rio Tocantins em uma pequena canoa^[15].

PORTO NACIONAL

Logo após sua chegada, foi providenciada, pelo chefe político, uma casa onde ele e o irmão Floriano, que o acompanhara, ficaram alojados. Antes mesmo de estarem prontos, as visitas começaram a chegar.

Embora a cidade fosse sede de bispado, tivesse um convento de freiras e o povo fosse dominado pelo catolicismo, logo foi oferecida uma sala para que fosse pregada a Palavra. Doutor Bratcher, naturalmente, não recusou a oferta e, à noite, dirigiu-se para lá com poucas esperanças de encontrar ouvintes. Porém, foi uma agradável surpresa encontrar o auditório com mais de cem pessoas que ouviram atentamente a mensagem do evangelho.

De volta a casa, seu coração se encheu de tristeza, por pensar que se passariam meses, ou talvez anos, até que outro mensageiro da cruz ali chegasse, e que muitos daqueles atenciosos ouvintes morreriam sem salvação. Essa preocupação o levou a

lançar em seu diário de viagem: “Oh, Senhor, até quando brincarás o teu povo com a tarefa que lhe tens dado de ganhar este mundo para o teu reino?!”.

Devido à pouca profundidade do rio, naquela época do ano, o único meio que poderia utilizar para descer o Tocantins seria a canoa do Serviço Postal. Desse modo, já havia sido combinado que na sexta-feira daquela semana, bem cedo, partiram em demanda até Marabá.

O RIO TOCANTINS

Com tristeza, o Doutor Bratcher se despediu do irmão Floriano e entrou na pequena canoa, com menos de quatro metros de comprimento, entulhada com as correspondências e uma porção de utensílios. Havia apenas um pequeno espaço para a sua bagagem, em cima da qual se acomodou.

Seus companheiros de viagem, João e Antônio, eram completamente desconhecidos e, embora demonstrassem muito interesse pelo bem-estar do missionário, o assunto de suas conversas, a linguagem que usavam e a cachaça que consumiam durante a viagem convenciam-no cada vez mais da necessidade urgente que aquele pobre povo tinha do evangelho.

Remaram nove dias até alcançar Carolina, no Maranhão, passando por Piabanha, hoje Tocantínia, Pedro Afonso e outros lugarejos.

Apesar do desconforto da canoa e dos terríveis mosquitos que perturbaram durante as noites dormidas à beira-rio, a viagem havia sido boa e propiciara ao missionário Bratcher a oportunidade de apreciar um maravilhoso nascer do sol. De modo surpreendente, os raios dourados se projetavam na água, formando como que uma coluna sólida de ouro, que o fez pensar na coluna de fogo que guiara os israelitas à terra da promessa. Enquanto a coluna se fragmentava, o rio apresentava um colorido tão lindo, proporcionando, com o movimento das águas, um espetáculo de magnificência indescritível. Também a extensa fila de majestosas palmeiras, a enorme variedade de lindas aves, patos selvagens e outros animais deslumbraram o missionário, levando-o a declarar várias vezes que não podia haver rio mais lindo que o Tocantins. Porque o tempo era de seca, o nível da água era tão raso que ele podia ver a brilhante areia e variados peixes, entre eles a perigosa raia.

Bratcher sentiu desejo de passar por sete cachoeiras, algumas das quais conseguira chegar por meio da sirga, um transporte de carga que é feito por terra com o reboque da canoa.

Pôde conhecer, também, com os próprios olhos, o estranho fenômeno das corredeiras do Funil e do Funilzinho, ambas formadas por um estreitamento súbito do rio que, de seiscentos metros de largura passa, repentinamente, a ter oitenta. Impressionou-o o ruído estrondoso causado pela passagem rápida das águas, que se comprimem espumantes contra o enorme paredão formado de altas pedras negras, tão negras que a água em redor lhes toma a cor. O ruído era tão forte que podia ser ouvido a quilômetros de distância.

De tudo isso, o que realmente mais agradou o Doutor Bratcher, pois aí estava o seu principal interesse, foi visitar uma aldeia de índios e conhecer de perto a condição de abandono em que viviam os primeiros habitantes desta grande terra. A pergunta que o velho chefe lhe fez, ao se despedir, nunca saiu da mente do missionário: “Será que o senhor não pode fazer nada pelo pobre índio?”

CAROLINA E IMPERATRIZ

Com os olhos vermelhos, lábios rachados, mãos inchadas e a pele do rosto descascando pela inclemência do sol, o missionário chegou a Carolina, a melhor cidade que vira durante a sua jornada, com aproximadamente cinco mil habitantes, considerada a capital do Sertão. Lá, passou cinco dias como hóspede do missionário inglês Norman Lang, descansando, pregando, observando e fazendo estudos sobre a região.

A etapa seguinte seria Imperatriz; a viagem até lá havia sido mais suave. A pequenina embarcação de um só remo era conduzida por um canoeiro habilidoso, um homem negro, forte e rijo, chamado Tiago. Graças à calma, bom humor e comprovada perícia daquele homem, o difícil trecho foi vencido sem acidente, mesmo na passagem da perigosa cachoeira de Santo Antônio, que durou duas horas. Mesmo contrariado, Doutor Bratcher teve de deixar a canoa durante essa travessia, pois de modo algum Tiago consentiu em expor seu passageiro a tão grande risco.

Chegando a Imperatriz depois de cinco dias, o missionário foi à procura de um dos principais homens da cidade, para quem levava uma carta. Para seu grande desapontamento, foi informado que esse homem não estava mais lá. Porém, isso não foi problema. O agente do correio, amigo de Tiago, convidou Bratcher para hospedar-se na casa dele. Durante os dias que ficou nessa casa, o missionário foi tratado com a máxima consideração e carinho.

Encontrou, ali, alguns crentes e dirigiu um animado culto em que muitíssimas pessoas ouviram a mensagem de salvação. A despedida de Tiago foi comovente, devido à profunda e real tristeza que o mesmo sentiu ao separar-se do missionário, de quem tinha se tornado amigo.

MARABÁ A SÃO VICENTE

Para prosseguir sua viagem até Marabá, Doutor Bratcher conseguira lugar em uma canoa grande, coberta, em parte, com folhas de palmeiras, conduzida por seis remadores. Havia mais sete viajantes, de forma que era pequeníssimo o espaço de que dispunha para si e sua bagagem.

Os companheiros eram alegres, mas, por serem incrédulos e amantes de “matar o bicho”^[16], assim como também eram os remadores, não foram companhias agradáveis ao missionário.

Após cinco dias de navegação perigosa, chegaram à confluência do rio Araguaia, quando os dois gigantes se encontram, apresentando um espetáculo de beleza singular. Logo que os rios se fundem, o Tocantins se alarga e chega a ter dois mil metros; começa, então, o trecho das corredeiras: São João, Mãe Maria e três outras de menor perigo, até chegar a Marabá, no estado do Pará.

Nessa cidade, o missionário Bratcher se encontrou com o irmão Alexandre Silva e, depois de duas noites de pregação, ambos subiram o rio Araguaia até São Vicente^[17], uma viagem de seis dias.

Em São Vicente, um lugar que tinha cerca de mil habitantes, foram alegremente recebidos pelo povo, que já os esperava. Era a primeira vez que um missionário batista visitava o lugar, e ali realizaram abençoados trabalhos. Uma Escola Dominical foi organizada e, após a profissão de fé de duas senhoras, as águas

plácidas do grande rio foram agitadas pela celebração do batismo daquelas duas discípulas, ato assistido por centenas de pessoas.

Visitaram também o povoado de Bom Jesus^[18], a quilômetros de distância, onde pregaram o evangelho para real alegria dos crentes e interessados. Em todos os lugares onde pregava, o missionário percebia a fome espiritual do povo; os apelos que faziam para que ficasse mais tempo ficaram indeléveis em seu coração.

Muitas foram as peripécias da viagem: copiosas chuvas que prejudicavam a visibilidade dos canoeiros, falta de abrigo na canoa e riscos que correram nas passagens das perigosas cachoeiras. Tudo isso foi vencido com espírito de pioneirismo e com a declaração de que os majestosos cenários, o privilégio de ajudar o povo a conhecer o amor de Deus e a experiência e os conhecimentos adquiridos compensavam plenamente todos os obstáculos. Havia, ainda, a companhia do irmão Alexandre, tornando tudo muito mais fácil, agradável e interessante.

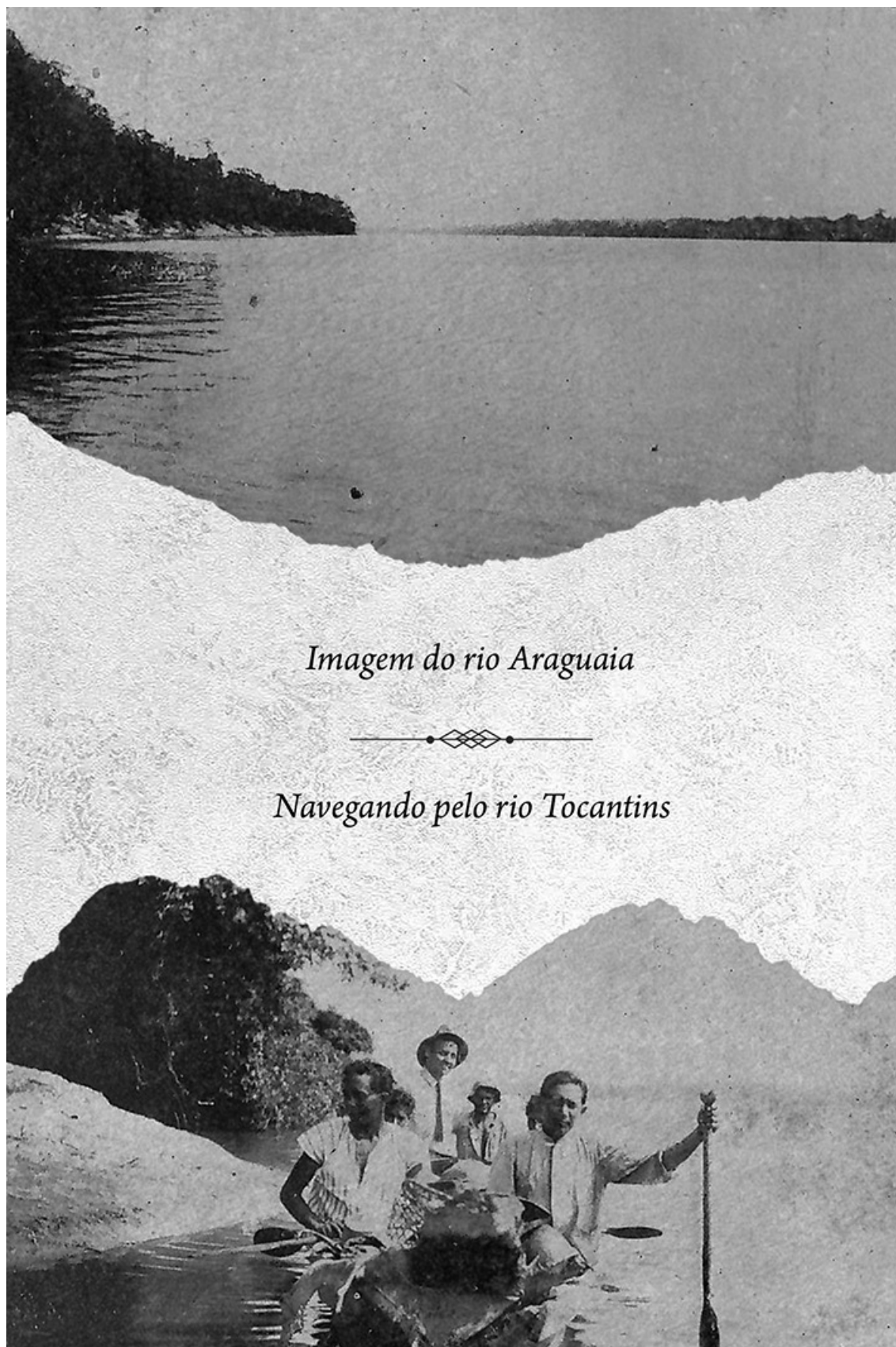


Imagem do rio Araguaia



Navegando pelo rio Tocantins

[14] [N. E.] Alusão ao distrito de Bonfim, no município de Araguacema-TO, onde ocorre, desde 1932, uma romaria em homenagem ao Senhor do Bonfim.

[15] [N. E.] Olhando o mapa do Brasil, fica difícil imaginar que seguir de Porto Nacional-TO para Marabá-PA seria, de algum modo, um caminho de retorno. Porém, esse é o sentido natural do Rio Tocantins, que deságua na Baía do Marajó.

[16] [N. E.] Possível referência à prática de ingerir cachaça, de manhã, ainda de jejum.

[17] [N. E.] Provável alusão à Ilha São Vicente, no município de Araguatins-TO.

[18] [N. E.] Possível referência a uma localidade, pertencente a Araguatins, a qual dista 24km da cidade.

A GRANDE EXPERIÊNCIA

A permanência em São Vicente foi de uma semana e, no retorno a Marabá, a viagem se tornou penosa. A canoa era grande, mas levava uma carga de cheiro terrivelmente enjoativo, além de um bode inquieto e fedido. A temperatura, que até então se mantivera agradável, subira e o calor se tornara quase insuportável.

O pior de tudo foram os sintomas de malária que o missionário Bratcher começou a sentir. Havia esquecido em Marabá os medicamentos preventivos que trouxera. Sem ter como combater o mal, a moléstia foi tomando conta do seu organismo; foi um grande alívio chegar, no sábado, em Marabá, depois de cinco dias na canoa.

MALÁRIA EM MARABÁ

O povo ali o esperava para um intenso trabalho evangelístico, como fora anteriormente planejado. O desaponto foi grande. Muito maior, porém, deveria ter sido a preocupação dos irmãos, vendo tão enfermo, e mesmo em perigo de vida, seu ilustre visitante.

“E longe dos seus, molhando a língua, seca pelo fogo da febre, em caldo estranho; sem vigílias de amor; sem palavras amigas que adoçassem o tédio dos remédios”, como diria o poeta, Dr. Bratcher enfrentou sozinho a dura provação.

Suas forças diminuíram rapidamente, uma vez que seu estômago recusava qualquer alimento, como já vinha acontecendo durante a viagem. Sábado e domingo a febre declinou um pouco, para voltar na segunda-feira com maior intensidade. Na terça-feira não houvera melhoras, Doutor Bratcher passara toda a noite em claro, em grande sofrimento. Na quarta-feira a febre o atacou de maneira violenta e, para aumentar sua tortura, o dia amanheceu quente, ar parado, sem qualquer brisa.

O médico que o tratava foi chamado – felizmente havia um médico do governo, hospedado em Marabá – e se assustou quando percebeu que o coração do

enfermo estava fraco. Aplicou-lhe uma injeção. Visitou-o oito vezes durante o dia e, com a finalidade de baixar a febre, administrou-lhe outros medicamentos, mas ela persistia e o mal-estar era tremendo. O que se passou, então, foi tão lindo que me esforcei para traduzir o que Doutor Bratcher mesmo escreveu:

Teve lugar, nesse dia, uma das mais profundas experiências de minha vida. Torna-se difícil relatá-la, pois é como penetrar no Santo dos Santos de minha alma, porque ela foi tão real! Na esperança que ela ajude alguém mais a usufruir a abençoada presença do Mestre, tentarei descrevê-la, tendo, para isso, lido e relido muitas vezes meu diário de viagem.

Durante o dia todo, eu orava ao Mestre pedindo alívio para meu sofrimento e o fim da febre que me atormentava ou, caso não fosse essa a sua vontade, me fosse revelado o fato de que Ele me chamava para o seu lar. As quatro horas da tarde, minha oração foi respondida. A hora, o lugar, a experiência, jamais poderei esquecer. Estaria eu dormindo? Não sei. Estaria inconsciente? Não posso afirmar. Mas sei que, enquanto orava, veio uma voz clara, doce como o cântico de um anjo: “Não tenha receio, você não está só. Eu estou ao seu lado. Hoje a febre o deixará, e você continuará sua jornada”.

Como? Eu não sei. De onde veio? Também não sei. Mas eu ouvi aquela voz e sei que, desde então, meu coração se encheu de doce calma e confiança. Também sei que, naquela hora, a febre me deixou e recebi o alívio que pedira. Em meu rosto, senti o roçar suave de mão macia e ouvi até como que o farfalhar das vestes do Bom Pastor. Ele passou. Uma suave brisa começou a soprar da superfície do caudaloso rio, duas horas mais cedo do que comumente vinha. Até as pessoas que me visitaram comentaram o fato.

Com o passar dos dias fui lentamente recobrando as forças, não estando, porém, em condições de pregar, como o povo tanto desejava. Esperava por um barco a motor que devia partir logo e os dias pareciam intermináveis. Esforcei-me para ter paciência. Se não fora a companhia do Mestre, a demora teria sido insuportável.

Tenho para mim que a coisa mais triste na vida dos incrédulos é o fato de que eles se privam da maior felicidade que os seres humanos podem desfrutar: isto é, a companhia e a amizade com Jesus, aquele que veio como homem para conhecer de perto os problemas e tentações a que estamos sujeitos, estando em condições de se simpatizar conosco, ajudando quando a carga se torna muito pesada.

Na quarta-feira seguinte, quando apenas me levantava para mais um dia de espera, o irmão Alexandre veio me dar a notícia de que o barco partiria dentro de uma hora. Com a rapidez que minhas forças permitiam, preparei-me para a viagem, rogando a Deus por resistência. As despedidas foram breves e às 9h30 já partíamos com destino a Itaboca.

Enquanto olhava pela última vez a pequena cidade de Marabá, meu coração se tornou palco de profundas emoções. Na primeira visita, pregara o evangelho a um grande grupo que o ouviu com a melhor atenção e interesse. Com alegria antevia o meu regresso, pois pretendia passar alguns dias em trabalhos evangelísticos. O Mestre, entretanto, tivera um plano diferente, e ali passei doze dias debatendo-me com a febre e decorrente debilidade. Mas aquela luta me trouxe indizível alegria, pois o Mestre estivera ao meu lado e a sua presença consoladora tornara aquela cidade um lugar de preciosa e sagrada lembrança.

Doutor Bratcher não esqueceu de registrar a atenção com que foi tratado em Marabá, especialmente pelo irmão Alexandre Silva, que se desdobrou em cuidados.

DE VOLTA AO RIO TOCANTINS

No início da viagem, o rio estava calmo e a monotonia de sua superfície só era quebrada quando aparecia alguma ilhota coberta de verdejantes palmeiras. A região era tomada de castanhais; então, podia-se admirar as frondosas castanheiras com os pesados frutos que já começavam a cair.

Chegando às proximidades da cachoeira de Itaboca^[19], a mais perigosa de todo o rio Tocantins, a navegação ficou mais difícil e arriscada. Em Porto Jacó o barco parou e a travessia da cachoeira foi feita a pé, um trajeto de oito quilômetros até Arrependido. O calor era intenso, contudo a caminhada era feita através de espessa floresta, e, desse modo, os viajantes não foram judiados.

Em Arrependido, pela primeira vez durante a jornada, o missionário Bratcher foi vítima de um golpe. A canoa que alugara estava podre e imprópria para uma viagem perigosa em meio a cachoeiras. Os comestíveis que encomendara, e pelos quais pagara um bom preço, não apareceram. Por isso, teve de se contentar com leite condensado e pão duro de oito dias, que foram racionados para que durassem até chegar a Patos^[20], onde pegariam o navio para Belém.

A localidade de Patos fica à margem direita do Tocantins, bem na raiz da serra. Durante os cinco dias que ali esperaram pelo navio *Tocantins*, passaram horas amargas devido à completa falta de alimento no mercado. Quando a fome já estava se tornando insuportável, Doutor Bratcher se dirigiu a uma fazenda que ficava nas imediações. O dono declarou que não havia nada para vender, mas o missionário pediu, em nome da hospitalidade brasileira, que lhe arranjasse algum alimento. O pedido foi atendido; foram-lhe fornecidas refeições diárias, e sem custo para ele.

Finalmente o *Tocantins* chegou, e nele embarcaram para fazer a penúltima etapa da viagem.

BELÉM

Agora, em confortável cabine, o missionário podia dormir em cama limpa e com travesseiro macio. Terminara também sua preocupação quanto à comida, o que era um grande alívio.

Depois de pequenas paradas em Macajuba e Cametá, chegaram em Belém. Aí despediu-se do irmão Alexandre, que voltaria ao sertão, enquanto ele retornaria ao Rio.

Dificuldades surgiram, na hora de adquirir a passagem, por falta dos documentos de identificação. Mas com o auxílio valioso do conceituado diácono da Segunda Igreja Batista, o irmão Neemias Soares, e a boa vontade do cônsul americano, elas foram sanadas.

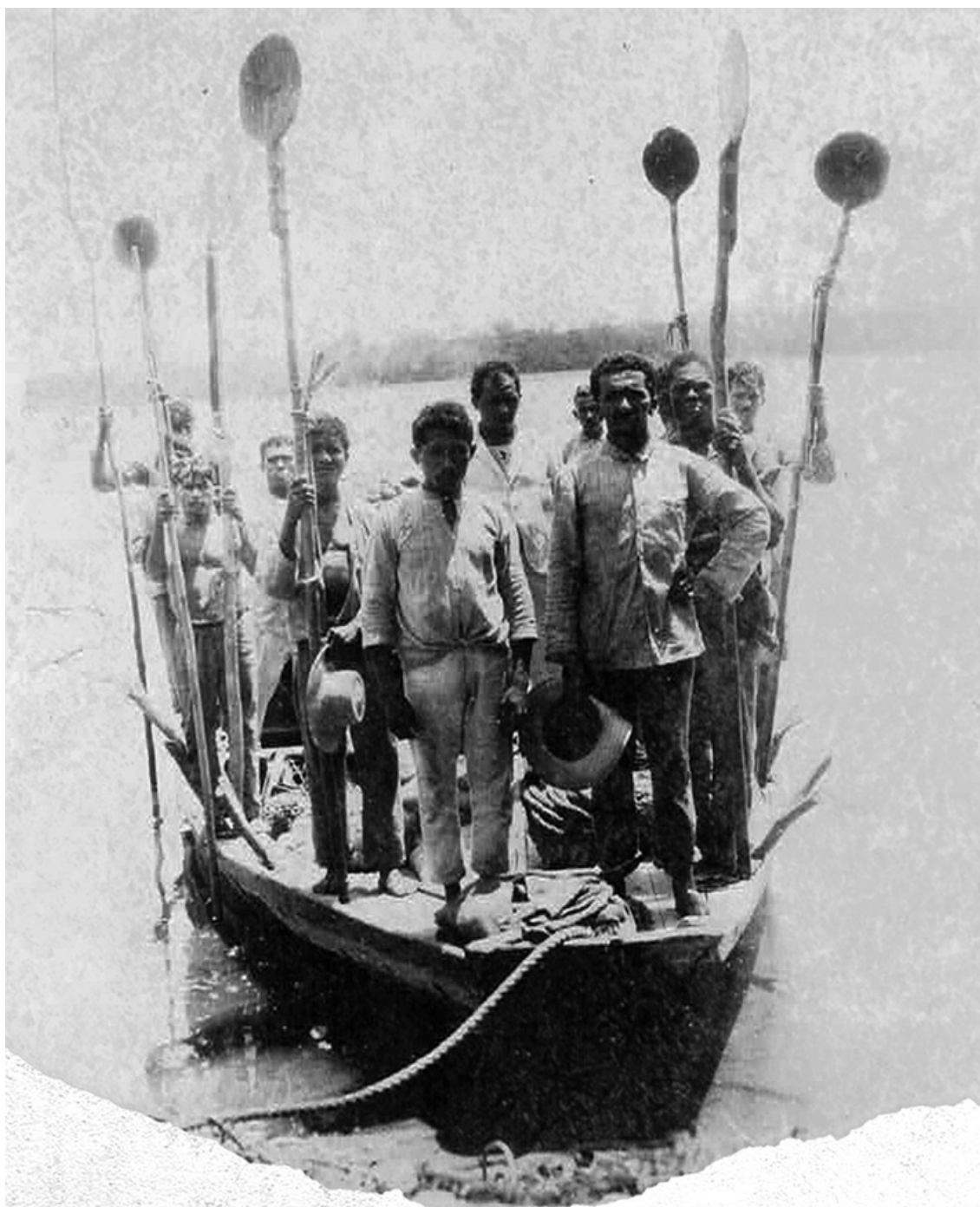
Na hora marcada, o “Itapuca” zarpou, levando o intrépido missionário. Nas diversas escalas, Dr. Bratcher desembarcava para conhecer, mesmo que de forma superficial, as cidades da Costa. Em Recife, passou dois dias, visitou o Colégio Batista e o seminário, onde foi apresentado ao irmão Zacarias Campelo.

Depois de doze dias agradáveis, L. M. Bratcher aporta no Rio de Janeiro. A viagem durara cinco meses. Realizara seu sonho. Então, ele já conhecia parte desta grande terra, conhecia melhor a sua gente e também a necessidade de evangelizar a grande pátria para que, sob a influência do evangelho, ela se envolvesse e se tornasse uma nação feliz.

FIM DA VIAGEM

Dois dias antes de chegar ao Rio a febre retornou, e Bratcher se viu obrigado a procurar o médico assim que desembarcasse. Foi-lhe imposta internação imediata, seguida de um severo tratamento. Uma semana depois, já melhor e com justificada alegria, foi ao encontro de sua família, de quem só recebera notícias quatro vezes, durante a viagem.

Não foi fácil, especialmente para as crianças, reconhecerem o pai. Tinha perdido 25 quilos e estava quase tão moreno como os índios que vira no sertão. Sua fraqueza era ainda tão grande, que não teve forças para carregar o robusto filhinho que deixara ainda recém-nascido.



Viagem de canoa pelo rio Tocantins



[19] [N. E.] Nas imediações do hoje município paraense de Tucuruí.

[20] [N. E.] Referência à vila de Nazaré dos Patos, situada às margens do Rio Tocantins, a 55km da sede do município de Breu Branco-PA.

NO VALE

O Doutor Bratcher passou dias de grande provação, após sua chegada ao Rio. Em suas notas, afirma ter sido um dos períodos mais difíceis de sua vida.

O verão se aproximava e o calor já se mostrava intenso. A febre voltara com violência; o médico havia afirmado que só depois de severo tratamento é que conseguiria livrar-se dela. O tratamento fora feito, mas seu estado geral não era bom. Em consequência da substância que tomara para combater a febre, estava completamente surdo.

DECEPÇÃO

A Junta de Richmond o informara que devido ao déficit financeiro em que se encontrava não seria possível abrir uma nova frente de trabalho em Goiás. Nessas circunstâncias, Doutor Bratcher aceitou o convite para ocupar o cargo de deão no Colégio Batista do Rio e ensinar uma nova cadeira no seminário.

Mas o missionário continuava a pensar no Sertão. Era tão grande o desejo que tinha de fazer alguma coisa em favor daquela gente humilde, boa e tão necessitada do evangelho, daqueles pobres índios tão abandonados, daquelas crianças que teriam potencial mas cresciam sem assistência alguma, sem escolas e sem esperança de dias melhores.

Se não era possível trabalhar entre os sertanejos, como planejava, então o tempo, as energias e o dinheiro gasto naquela viagem, tudo teria sido em vão. Havia posto em risco sua saúde e, muitas vezes, a própria vida. Tinha suportado a ardência do sol, a chuva, a friagem da noite, o cansaço nas longas caminhadas, o desconforto das frágeis canoas, a ameaça da fome, a enfermidade, a separação dos seus queridos, tudo isso tinha sido em vão. O descanso e as energias adquiridas durante as férias em sua terra haviam sido completamente desperdiçados.

Que decepção teria a Sra. Martin, que generosamente contribuía para a realização da viagem, na certeza de que o interior do Brasil seria beneficiado!

CONVICÇÃO

Doutor Bratcher sentia-se completamente deprimido. Com esses pensamentos, as horas se arrastavam. Nem mesmo os dias passados em Marabá, quando lutara com a enfermidade, nem mesmo em Patos, quando a fome o castigara, haviam sido tão difíceis de suportar como os que enfrentava naquele momento. O seu desapontamento era total, quando pensava nas almas sedentas que continuariam sem a Água da Vida; nos apelos, nas portas abertas e nas oportunidades que se perdiam.

Lembrava-se, também, de que o Mestre dirigira seus planos. O Mestre possibilitara a viagem. O Mestre o guardara através de tantos perigos. O Mestre estivera ao seu lado. E esse seu Mestre não trabalhava em vão. Então, sua viagem, seu esforço e o dinheiro gasto não teriam sido em vão.

CONVENÇÃO HISTÓRICA

A Convenção Batista Brasileira realizaria, nos dias 15 a 16 de janeiro de 1926, no salão nobre do Colégio Batista do Recife, a 15ª Assembleia.

A viagem a Pernambuco era muito dispendiosa e estava completamente fora dos planos do Doutor Bratcher ir participar daquela Assembleia. Todavia, o assunto foi considerado com dona Artie e chegaram à conclusão de que, embora a situação financeira da família não fosse das melhores, uma viagem marítima talvez ajudasse na recuperação da saúde do missionário.

A ASSEMBLEIA

Bratcher seguiu para Recife. Um de seus primeiros encontros naquela cidade foi com o irmão Zacarias Campelo, a quem expôs seus planos futuros, quais fossem o de se dedicar sua vida ao trabalho com os índios.

Como não tinha o propósito de participar nas discussões, uma vez que estivera ausente mais de dois anos e, por essa razão não estaria muito a par dos problemas, Doutor Bratcher esteve nas reuniões convencionais mais como ouvinte e observador.

Nunca havia tido muito interesse no trabalho da Junta de Missões Nacionais, contudo, do mesmo modo como participara das outras sessões da Assembleia, estava presente quando o relatório dessa organização foi lido. Eis alguns trechos:

No ano passado, na assembleia, foi apresentado pelo irmão Salomão Ginsburg o plano de iniciar a evangelização dos indígenas do norte do Amazonas. Plano que, apesar das discussões acaloradas, foi aprovado. O pastor Manoel Gomes dos Santos, mensageiro do Amazonas à Convenção, irmão zeloso e experimentado obreiro, declarou ter visitado alguns grupos de índios naquela região e relatou suas impressões, mostrando-nos as portas abertas e as oportunidades diante de nós. Com isso, a Junta aprovou o plano, e a combinação foi feita entre o irmão Gomes e o irmão Salomão. Entre as dificuldades encontradas está a quase vencível [*sic*] distância que separa a sede da Junta do campo missionário. É tão difícil a troca de ideias entre a Junta e o missionário que parecem estar divorciados um do outro. Basta dizer que, desde junho, temos escrito e telegrafado ao missionário, mas na última carta que recebemos faz as mesmas perguntas que fazia em junho. Isso atrasa e dificulta grandemente o progresso do trabalho.

Outra dificuldade foi a mudança inesperada da Secretaria Geral, pois logo após as coisas estarem nesse pé, o secretário correspondente apresenta à Junta o seu pedido de resignação. Tais foram os argumentos e a insistência oferecidos que não houve outro recurso senão atendê-lo. Outra é que, acertado o plano, dependia ainda de se esperar o missionário consertar a lancha de sua propriedade. Tudo nos prejudicou muito, mas graças a Deus não estamos no terreno dos planos e das discussões. Conforme telegrama, o missionário partiu, em 18 de setembro, na sua primeira viagem evangelística entre os joanaperis, no rio Negro. Graças e glória a Deus. Do resultado não sabemos até hoje. Sabemos por uma carta de sua filha ao tesoureiro da Junta que o irmão Gomes já havia voltado de sua primeira viagem e voltara doente, esperando melhorar para nos enviar relatório. Caso recebamos até o fim da reunião, transmiti-lo-emos verbalmente, se não, faremos por meio do Jornal Batista. Fica com a Convenção recomendar a Junta o que fazer para o futuro. A nossa responsabilidade cessa com este relatório, já que termina o nosso mandato de membro da Junta. O nosso desejo é que Deus indique um obreiro que faça o trabalho a contento dos irmãos de todo o Brasil e que a Junta leve avante o serviço uma vez começado, para glória de Deus, para a extensão do reino do Senhor e do seu Cristo. Ass. Manoel Avelino de Souza (Atas C. B. B. - 1925, anexo nº 2).

Após a leitura desse relatório, iniciou-se a discussão sobre a Junta e seu programa, ou melhor, sua falta de programa. Pastores, missionários, obreiros e outros irmãos opinavam. As críticas que faziam à Junta e ao missionário eram as mais severas. Pensaram até, conforme informações da irmã Jane Soren, em transformar a Junta numa espécie de Junta de Evangelização, semelhante à que fora criada Assembleia anterior, em Belo Horizonte.

Doutor Bratcher ouviu tudo em silêncio, ainda que seus nervos estivessem um tanto abalados. Não sendo membro da Junta e não estando bem a par da situação, não se sentia em condições de tomar parte no debate, embora julgasse um tanto injustas as críticas feitas.

A certa altura, porém, um destacado obreiro, residente no Rio de Janeiro, ao defender a opinião que tinha, declarou que a questão da distância seria matéria vencida, no Brasil. Essa o missionário Bratcher não pôde aguentar. Sentindo que não podia permanecer calado por mais tempo, pediu a palavra e fez algumas considerações. Ele sabia o que era distância no interior do Brasil, pois acabara de experimentar a difícil situação de viajar, no lombo de um burro e em canoas pequenas e frágeis, pelas regiões sertanejas.

Narrou algumas de suas experiências e, desse modo, despertou grande interesse. Sentiu que Deus o orientava e tentou, então, abrir os olhos dos presentes para as necessidades e oportunidades do grande interior do Brasil. Conta o pastor Manoel Avelino de Souza que, ao terminar suas palavras, o missionário

acrescentou: “Como gostaria de ter um lugar ou parte na Junta de Missões Nacionais!”.

○ PARECER

O parecer da comissão relatora de Missões Nacionais recomendava três itens: a continuação do trabalho iniciado entre os indígenas do Amazonas, a mais ampla cooperação das igrejas com a Junta e a celebração do Dia Especial de Missões Nacionais.

O primeiro ponto desse parecer foi largamente debatido. Dois pontos deram causa à discussão: a saúde do missionário e a necessidade de ele ter de viver muito distante daqueles que seriam o alvo de evangelização – os índios. Parecia, a alguns, que o dinheiro gasto no centro amazonense poderia com mais proveito e segurança de êxito ser aplicado na evangelização dos índios mais acessíveis, como os de Goiás ou do Espírito Santo.

Ao ser apresentado o relatório da Comissão de Renovação das Juntas, o nome de L. M. Bratcher figurava no terço renovado da Junta de Missões Nacionais^[21].

[21] [N. E.] “Terço renovável” corresponde à fração dos membros das juntas administrativas da Convenção Batista Brasileira – a exemplo da JMN –, que eram substituídos a cada assembleia anual.

ELEITO SECRETÁRIO

Doutor Bratcher relatou que, no navio, durante a viagem de volta, várias vezes ouviu o seu nome mencionado como possível secretário da Junta de Missões Nacionais. A ideia era completamente nova para ele. Nunca pensara em ocupar tal posição, pois nunca tivera um interesse especial no trabalho da Junta. Então, a melhor coisa que tinha a fazer era pedir a orientação do Mestre.

PLANO DE DEUS

Depois de muito orar, decidiu que se os irmãos brasileiros o chamassem para aquela função ele a aceitaria, reconhecendo ser mais uma parte do plano que Deus tinha para sua vida. Os conhecimentos e a experiência adquiridos na viagem poderiam, então, ser usados no trabalho, e ela não teria sido inteiramente em vão, assim como a contribuição da Sra. Martin.

Em 4 de janeiro de 1926, O Jornal Batista publicou a seguinte comunicação:

A Junta de Missões Nacionais acaba de se reunir e escolher os seus dirigentes. Sendo assim, foi eleito: Presidente, o irmão A. E. Jackson; Vice, o irmão Doutor F. F. Soren; Tesoureiro, o irmão Ismail Gonçalves; 1º Secretário, o Professor Souza Marques, e Secretário Correspondente, o Doutor L.M. Bratcher. De maneira que, de agora em diante, tudo o que se refere à Junta de Missões Nacionais trata-se com o Doutor Bratcher.

O Doutor Bratcher, que foi alguns anos Diretor do Colégio de Campos, acaba de ser nomeado deão do Colégio Batista do Rio, sendo, portanto, bem conhecido de todos, de quem espera a mais franca cooperação. Ass. Manoel Avelino de Souza.

Muitos foram os problemas que o missionário Bratcher enfrentou, ao assumir o cargo para o qual fora eleito. Nos materiais que a irmã Jane Soren bondosamente disponibilizou, há relatos referentes às dificuldades que surgiram, inicialmente, visto ser ele missionário da Junta de Richmond e haver assumido funções correspondentes à de missionário dos batistas brasileiros.

Esse impasse, porém, foi afastado pelo entendimento geral de que, se a Junta de Richmond estava interessada na evangelização do Brasil, e se era esse também o

objetivo da Junta de Missões Nacionais, melhor contribuição não podia a primeira fazer à segunda do que ceder um obreiro para auxiliar no desenvolvimento do trabalho.

JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS

Ao assumir a direção da Junta, o Doutor Bratcher traçou, em linhas gerais, o seu programa de ação: planos razoáveis e de possível execução e ampla divulgação do trabalho.

E ele não perdeu tempo. Sua eleição aconteceu no final de janeiro e em O Jornal Batista de 11 de janeiro o missionário dirige um apelo, não aos batistas em geral, mas aos pastores. Ele sabia muito bem que uma igreja reflete o seu pastor, e que dele depende o entusiasmo ou a indiferença com que a igreja encara o desafio da Grande Comissão.

Eis o seu primeiro grito: “1º domingo de março!”.

O DIA DE MISSÕES NACIONAIS

Fazei deste dia, irmãos pastores, um dia de despertamento a favor do trabalho que está sendo iniciado entre os indígenas do centro amazonense, pela Junta de Missões Nacionais. Mostrai o valor deste empreendimento e o quanto necessita de recursos. Orai pela Junta, pelo seu Secretário Correspondente, pelo seu missionário (antes “nosso”), reverendo Manoel Gomes dos Santos, e por aqueles pobres indígenas que tanto necessitam do evangelho salvador de Cristo. Tirai uma boa coleta e enviai logo ao Secretário Correspondente, não esquecendo a remessa regular da contribuição mensal. Que o Senhor vos abençoe neste esforço.

No dia 25 de fevereiro, L. M. Bratcher publicou, em O Jornal Batista, o primeiro artigo-propaganda, breve e dividido em tópicos: “1. *O local do trabalho*; 2. *O missionário*; 3. *As dificuldades do trabalho: falta de obreiros e distância*; 4. *O povo: selvagem, instável e de língua diferente*”.

Nesse mesmo jornal ele inicia uma série de quinze artigos^[22], nos quais descreve sua viagem ao interior, que foi resumidamente relatada aqui neste livro. Em abril, Bratcher apresentou o relatório financeiro da Junta, correspondente ao primeiro trimestre:

Saldo anterior: 3:164\$220^[23]

Entradas: 2:785\$100

Total: 5:949\$320

Despesas: 5:711\$500

Em caixa: 237\$820

ZACARIAS E NOEMI CAMPELO

Em O Jornal Batista de 27 de maio de 1926, Doutor Bratcher transcreve a carta do irmão Zacarias Campelo na qual este se apresentava à Junta para trabalhar

entre os índios. Depois de narrar a experiência de seu chamado, Zacarias descreveu seu plano:

Estabelecer-se na aldeia; fundar escola e oficina de ofício; ferir-lhes a imaginação e impressioná-los com a mensagem do evangelho. Aparece nisso uma dificuldade que pode ser um embaraço: É que para realizar o meu plano à risca é preciso eu ir para o campo que conheço, isto é, a tribo dos Xerentes, às margens do rio Tocantins, acima de Carolina. Primeiro por ser este o campo de minha vocação e segundo por não querer comprometer-me com trabalhos de cujos resultados tenho dúvidas. Enquanto os irmãos talvez queiram por ora manter o trabalho do interior do Amazonas.

A Junta foi convocada e o assunto, considerado. O casal Zacarias e Noemi Campelo foi, então, nomeado.

O coração do Doutor Bratcher se encheu de júbilo. O velho índio cuja aldeia visitara havia lhe perguntado, ao se despedir: “O Senhor não pode fazer nada pelo pobre índio?”. E ali estava, de maneira como nunca pensara, ajudando o próprio povo brasileiro a levar ao índio abandonado a esperança do evangelho.

Depois da consagração do irmão Zacarias, em maio de 1926, e de seu casamento com Noemi Falcão, o jovem casal partiu em viagem de núpcias ao seu campo de trabalho. E que viagem!

Os batistas brasileiros tinham, então, um casal de missionários, os primeiros a se interessarem pela salvação dos índios, no extremo norte de Goiás, na aldeia dos Kraôs.

[22] [N. E.] Na verdade, foram dezessete.

[23] [N. e.] Leia-se: três contos, cento e sessenta e quatro mil e duzentos e vinte réis.

NOVO ENCONTRO COM DONA GENOVEVA

Kraonópolis foi a denominação dada pelo casal Campelo ao lugar onde foi iniciado o trabalho, em fins de agosto de 1926, bem no meio das aldeias dos índios Kraôs.

A tarefa era árdua, mas a evangelização dos índios estava se tornando realidade. As informações que chegavam à Junta eram logo transmitidas à denominação, através de O Jornal Batista. Já se podia notar maior interesse pelo trabalho, pois o relatório financeiro do ano de 1927 acusava uma receita de 22:720\$000, que representava um aumento de 77% em relação ao ano anterior. Assim, o ano de 1928 iniciava com um saldo de 1:274\$760.

INSPIRAÇÃO

Quando o povo batista começava a se entusiasmar com o empreendimento, eis que chega a notícia da morte de Noemi Campelo, em 2 de maio de 1928. Tudo perdido, pensou o Dr. Bratcher. O entusiasmo ainda nascente dos brasileiros, agora se esfriará. Quem mais terá interesse nos pobres índios? Quem mais ousará arriscar a vida nas aldeias?

Mas a fibra do missionário Bratcher não admitia fracasso, nem suportava esmorecimento. Propôs em seu coração, com a ajuda de Deus, transformar a dolorosa ocorrência em fonte de inspiração e em desafio à mocidade brasileira. Redobrou seus esforços.

Noemi Campelo escrevera uma página gloriosa na história batista do Brasil e alertara os brasileiros a respeito do abandono a que os índios estavam expostos. Todavia, as mãos que haviam levado o facho de luz para iluminar o caminho do índio jaziam inertes. A voz que falara sobre o amor de Deus fora silenciada. E Noemi apenas iniciara a tarefa. Quem a continuaria?

A mocidade batista foi convocada a que tivesse visão, a que não medisse sacrifícios!

A oferta que seria levantada no primeiro domingo de março de 1929 foi chamada de “Oferta Memorial Noemi Campelo”. Houve um apelo: que em todas as igrejas orações fossem dirigidas a Deus pela continuação da obra iniciada e por vidas que se dedicassem à evangelização do sertão. A oferta deveria ser generosa, expressando o interesse pelo trabalho. Artigos foram escritos e programas para as revistas da Mocidade e das Senhoras e Moças foram preparados.

Os batistas responderam bem ao apelo. A receita do ano de 1928 foi de 28:448\$620. O trabalho entre os imigrantes foi iniciado em novembro daquele ano, para o qual fora nomeado o irmão Francisco Medeiros Simas.

O Jornal Batista de 24 de janeiro de 1929 registrou o pedido que fora feito à Convenção, de custear a aquisição de mobília para uma sala que a Primeira Igreja Batista do Rio, da qual Doutor Bratcher era pastor interino, gentilmente cedera para a sede da Junta, que até então não tinha um espaço próprio.

Havia sido votada, naquela Assembleia da Convenção, na Bahia, a suspensão do trabalho no Amazonas. Contudo, em março daquele ano (1929), a Junta já nomeava o casal Francisco e Beatriz Colares para ajudar na evangelização dos índios. A Oferta Memorial Noemi Campelo alcançara a importância de 5:510\$800 e o casal Alexandre e Clotilde Silva foi enviado para Porto Franco, no Maranhão.

SEGUNDA VIAGEM AO SERTÃO

Por meio do relatório de 1930, tivemos conhecimento de que a sede já possuía um arquivo e móveis no valor de 1:000\$000, além de um armário para literatura. As ofertas para a Junta, em cinco anos, aumentaram 300%.

Em 1931, o missionário Bratcher realizou sua segunda viagem ao sertão, dessa vez como secretário da Junta. Levou em sua companhia o jovem médico Jayme de Andrade, para que este visse as necessidades e oportunidades de sua grande pátria, tendo em vista que também desejava oferecer a Deus os primeiros frutos de sua carreira de médico.

Ao amanhecer o dia 21 de fevereiro, antes de sair para a longa jornada, como era seu costume, leu com sua família o Salmo 23 e, depois de orar entregando-a aos cuidados do Bom Pastor, dirigiu-se à estação, onde, apesar de serem seis horas da manhã, um bom número de irmãos o aguardava para as despedidas. Entre eles estavam o pastor F. F. Soren e dona Jane.

A viagem, que havia sido muito mais bem planejada e bem mais agradável que a primeira, durou seis meses. Foram percorridos 1.000 quilômetros de trem – do Rio de Janeiro até Pirapora^[24]; 1.050 quilômetros foram percorridos em vapores, pelos rios São Francisco e Grande, de Pirapora a Boqueirão^[25]. De Boqueirão a Porto Nacional, 950 quilômetros foram feitos a cavalo. De Porto Nacional a Piabanha, hoje Tocantínia, o missionário Bratcher e seu companheiro de viagem fizeram 125 quilômetros em canoa. De Tocantínia a Belém, 1.275 quilômetros foram percorridos em motores e vapor no Rio Tocantins. Na viagem de volta, de Belém ao Rio de Janeiro, foram feitos 3.850 quilômetros por mar; desse modo, o total foi de 8.250 quilômetros percorridos na viagem.

PORTAS ABERTAS

O plano inicial visava conhecer o trabalho que os missionários realizavam entre os índios e descobrir os pontos estratégicos para futuros empreendimentos. A viagem, entretanto, tornara-se uma verdadeira excursão evangelística. Tantas foram as oportunidades para a pregação... Foram dirigidas 12 séries de conferências, Doutor Bratcher falou 116 vezes, fora as muitas outras em que pregou o Dr. Jayme, que já, nesse tempo, era ótimo pregador.

As portas estavam realmente abertas para a evangelização do interior e, embora não fosse essa a tarefa que a Convenção entregara à Junta de Missões Nacionais, não havia, na opinião do Doutor Bratcher, outra organização que melhor pudesse realizar esse trabalho.

A demora de três dias em Pirapora, cuja população, na época, era de 20 mil habitantes, propiciou que o missionário estudasse as possibilidades de futuros trabalhos ao longo do Rio São Francisco – “O Rio das Oportunidades”, como ele o chamou.

Bom Jesus da Lapa também foi visitada, e em Barra passaram alguns dias – Dr. Jayme atendendo os doentes, e ambos pregando o evangelho. De Barra, seguiram para Corrente, no sul do Piauí, e para o Instituto Batista Industrial, onde o médico e missionário estiveram três semanas em abençoadas atividades. O trabalho realizado por aquele “Oásis no Sertão”, bem como a fé, a tenacidade e a dedicação de seus diretores, o saudoso casal Terry, encantaram os visitantes.

De acordo com o itinerário que fora traçado, a parada seguinte seria Natividade, em Goiás, uma jornada na qual seriam gastos 16 dias.

“QUANTO TEMPO TERÃO DE ESPERAR?”

Partiram no dia 15 de abril, e em seu diário de viagem Bratcher registrou o seguinte, no dia 17: *“Hoje é aniversário de meu filho Roberto. Estou orando para que ele possa dar a sua vida ao serviço do Mestre. Não há nada que se compare a este serviço”*.

Em 30 de abril, já à hora do crepúsculo, o missionário e seus companheiros chegaram à fazenda onde morava dona Genoveva. Depois de atravessar espessa floresta, avistaram ao longe a casa branca onde vivia essa serva de Deus. Chegaram mais perto e perceberam que alguém estava à porta. Logo reconheceram que era a dona Genoveva. Doutor Bratcher saltou do cavalo e correu ao seu encontro. O relato dessa visita o leitor terá o prazer de ler como ele mesmo escreveu:

Por algum tempo, olhou para o meu rosto, mas os anos eram muitos e sua vista estava muito enfraquecida. Finalmente disse:

– Quem é? – perguntou.

– Não sabe?

– Não, eu não vejo muito bem.

– É Doutor Luiz (este é o nome pelo qual sou conhecido no interior. Bratcher é muito difícil para pronunciar).

Então me abraçou com a luz da glória no seu rosto, exclamando:

– Oh! Tenho esperado tanto tempo.

– Mas eu lhe disse que voltaria.

Ela concordou, mas tinha certeza de que não estaria viva se eu voltasse. Ela não continha sua alegria, mas falava e falava do que o bom Jesus havia reservado para ela naquela hora:

– Agora – disse ela – estou pedindo a Jesus para que me leve para o seu eterno lar.

A viagem era penosa, mas esqueci tudo isso em ver dona Genoveva tão alegre. Recebera a notícia da nossa vinda e, por três dias, estava sentada à porta, à nossa espera. Esperando pela vinda do pregador, antes dela ir para o eterno lar.

Este é o quadro que se prende na minha memória e este é o quadro que eu pedi ao Mestre para pintar no coração de cada filho de Deus que leia estas linhas. O quadro da velha santa de Deus, os cabelos embranquecidos pelos seus 102 anos, a vista enfraquecida, mas a fé firme na promessa de Deus. Ali sentou-se por três longos dias, esperando, vigiando e anelando pela nossa chegada. Esperando ouvir mais uma vez a pregação da Palavra. Vigando a vinda daquele que contaria a história da salvação, não somente a ela, mas àqueles a quem amava. Anelando ouvir mais uma vez os belos hinos antes que fosse estar com aquele a quem amou.

Seis longos anos haviam passado e ninguém tinha ido confortá-la e consolá-la, enquanto esperava a vinda do Mestre. Durante aqueles anos, ninguém fora fortalecer a sua fé nas horas de provação. Porém, era sempre fiel a seu bom Jesus, amigo e companheiro naquelas provas.

Passei quatro dias com ela. Desejava ficar mais tempo, mas outros deveres nos chamavam com urgência. Diversas vezes nestes quatro dias, o povo de Natividade mandou me dizer que esperava ansiosamente a pregação da Palavra de Deus. Foram dias tristes e alegres. Tristes, porque, desde a hora da nossa chegada, dona Genoveva enfraquecia dia a dia. Dizia repetidamente que estava pedindo a Jesus para levá-la para o seu lar, porque agora eu havia chegado e ela estava pronta. Às vezes, eu ia ao seu quarto e cantava os seus hinos prediletos e falava outra vez acerca de Jesus. Seu único lamento era que nem todos os seus aceitaram o evangelho. A família de uma filha aceitou, mas a outra se envolveu no espiritismo. Como seu coração ansiava por aqueles!

Tinha de sair muito cedo de manhã, mas dona Genoveva estava ainda na cama. Fui me despedir. Quando me inclinei para dizer a palavra de despedida, ela ergueu sua mão trêmula, apontou para o céu e disse: “Até lá”.

Para mim, dona Genoveva é um símbolo. Enquanto tento apresentar este apelo, dois pensamentos me ocorrem. Dois outros quadros aparecem e exigem que eu pense neles. Um deles, por causa das experiências que tive durante os longos meses de viagem no coração do Brasil. O outro, por causa do amor do Mestre, que se tornou mais real em razão dessas longas estradas e cansativos quilômetros.

O primeiro quadro é o de muitas almas perdidas que estão ansiando pela vinda do mensageiro do Rei dos reis e Senhor dos senhores. Até nos lugares onde o povo é mais escravizado pelo jugo romano, há muitos corações tristes, desejosos do amor de Jesus. Durante os meses de viagem, sempre me despedi com dor no

coração dos que estão esperando, vigiando e ansiando. Vi muitos rostos se tornarem tristes quando disse que não podia demorar mais, nem prometer que alguém fosse tomar meu lugar.

Uma ilustração será suficiente. Poderia dar centenas. Em Piabanha, quando cheguei, fui informado que dois chefes indígenas estavam me esperando para conversar. Assim que foi possível, disse-lhes que viessem. Nunca me esquecerei daqueles momentos. Um deles, especialmente, me impressionou pela sua atitude e seu apelo. Ele veio como homem a homem pedir o que esperava que eu desse. Com toda a dignidade fez seu apelo.

Uma vez, disse ele: “Os índios eram tolos e não queriam o que o branco dava. Agora tudo está mudado. Vim pedir-lhe alguém para ensinar o meu povo, especialmente meus filhos e os da minha aldeia”. Ouvi seu apelo com o coração doendo, porque já sabia o que teria de responder.

Respondi com a maior brandura possível, mas, quando falei, a luz do seu rosto desapareceu, dando lugar ao desespero. Só podia lhe dizer que agora ninguém poderia ir e não sabia quando seria possível mandar alguém. Levantou-se vagarosamente para me dizer adeus: “Faça o favor de perdoar-me por incomodá-lo”. Que repreensão! Não foi dito como tal, mas penetrou até o coração. Esperando, vigiando, anelando. Sim, estão.

O segundo quadro é o do Mestre. Ele está esperando, vigiando e anelando que seu povo corra com pés ligeiros, com as Boas-Novas da salvação para os corações famintos e almas sedentas. QUANTO TEMPO TERÃO DE ESPERAR?

BATISMOS EM NATIVIDADE

Doutor Bratcher e seus companheiros tiveram ótimas recepções em Natividade. Foram visitados pelo prefeito e outras autoridades. Todos manifestaram alegria pela oportunidade de ouvir o evangelho.

A sala logo se tornou pequena para as reuniões. Foi sugerido que elas fossem realizadas na praça, mas o missionário Bratcher se opôs, temendo que as mensagens perdessem seu toque espiritual. O povo insistiu e ele acabou cedendo, desde que o Prefeito fosse favorável. Consultaram-no e a resposta foi: “Acho que o senhor deve fazer o que o povo deseja. Querem ouvir o evangelho e têm direito a isso. Deve ir à praça”.

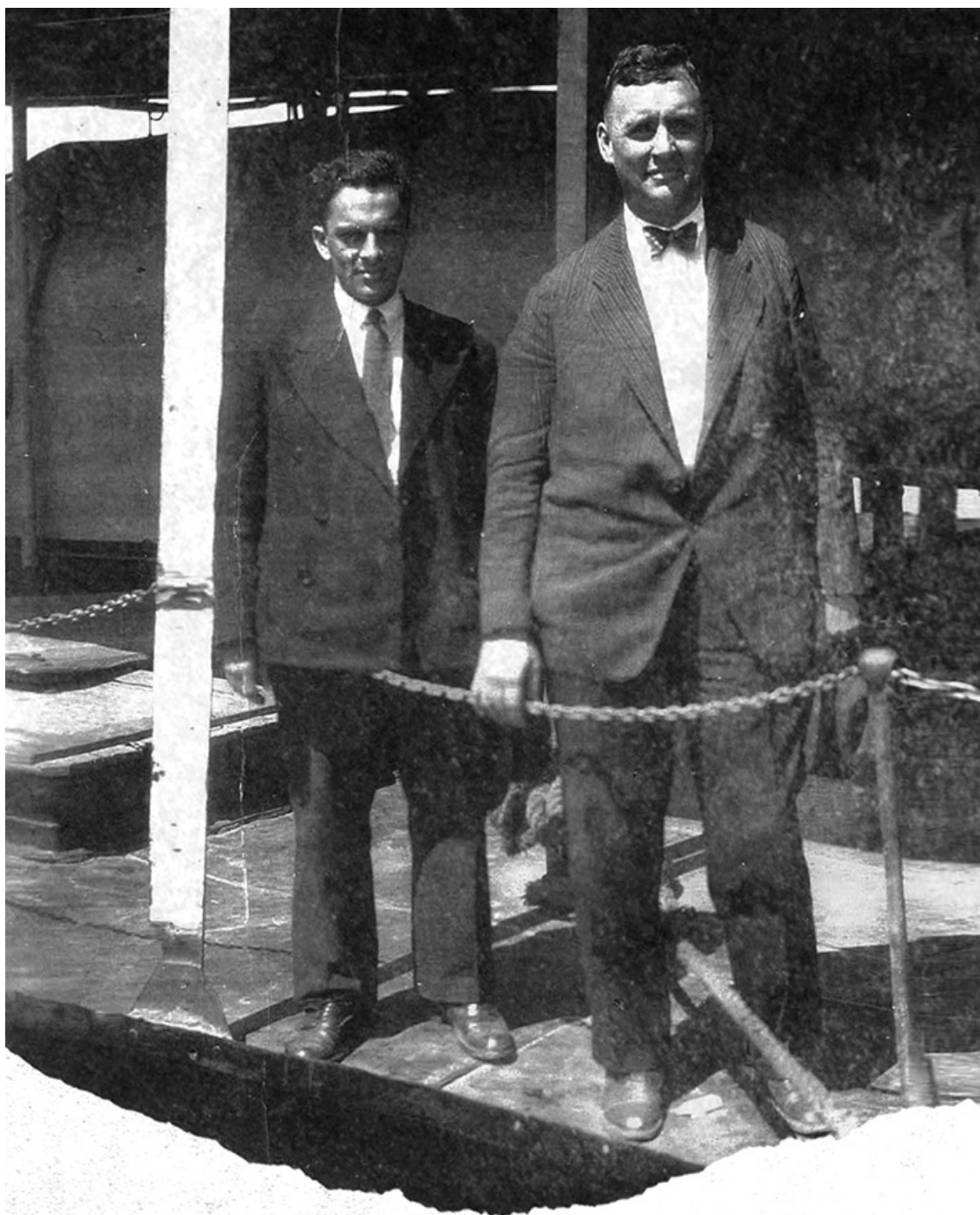
Doutor Jayme falou primeiro sobre os efeitos do álcool. Depois, o missionário pregou a um grande número de pessoas atenciosas e reverentes, aproximadamente 75% da população de Natividade.

Domingo pela manhã foram examinados e aceitos para o batismo dois candidatos. Eram netos de dona Genoveva, inclusive uma senhora que havia viajado sete léguas através das matas.

À tarde, no mesmo local onde há 25 anos dona Genoveva havia sido batizada, Bratcher, perante uma boa assistência, ministrou essa ordenança do seu Mestre.

À noite realizaram a última reunião. A praça estava repleta de ouvintes. Depois da mensagem, o apelo. O missionário relatou que o fizera de maneira difícil de ser atendido, para que ele tivesse certeza da sinceridade dos que se apresentassem. Sete pessoas expressaram sua decisão de seguir a Cristo. Entre elas, um neto e dois bisnetos de dona Genoveva.

Quatro gerações de batistas, numa cidade onde não havia igreja.



*Com o Dr. Jayme de Andrade
a bordo de navio a vapor*



[24] [N. E.] Isto é, Pirapora-MG, cidade margeada pelo Rio São Francisco.

[25] [N. E.] Provável alusão à localidade de Boqueirão, no município de Mansidão-BA, na confluência dos rios Grande e Preto.

APAZIGUANDO O SELVÁGENS

A cidade de Porto Nacional, fundada nos tempos coloniais por causa das ricas minas de ouro descobertas nas proximidades do rio Tocantins, alcançou foro de sede de bispado por influência de dona Genoveva.

Em sua visita a essa cidade, em 1925, Doutor Bratcher alojara-se na casa que o chefe político, o coronel Frederico Lemos, cedera. Informados de que ele estaria em sua fazenda, os viajantes fizeram uma parada na cidade, a fim de cumprimentá-lo. Foram alegremente recebidos e tratados com a máxima atenção. Ao saber que passariam em Porto Nacional alguns dias, o coronel colocou à disposição a casa que tinha na cidade. O oferecimento foi aceito com satisfação; no sábado à noite os “doutores” eram os ocupantes da casa.

OPOSIÇÃO E SALVAÇÃO

O catolicismo dominava a cidade. Quando o padre teve conhecimento da chegada dos visitantes, ameaçou, na manhã seguinte, excomungar os adultos e fazer as crianças se ajoelharem na porta da igreja o dia todo, caso assistissem ao culto batista.

O irmão Simeão Ayres havia arranjado o edifício da escola pública para realização dos trabalhos e, domingo à noite, a afluência foi tão grande que o povo, por falta de lugar, ficou do lado de fora para ouvir a mensagem. O missionário Bratcher concordara em ficar dez dias na cidade; cada noite o número de interessados na pregação aumentava.

Vendo o padre que suas ameaças tinham sido inúteis, saiu à rua para dizer que o pregador atacava a Igreja Católica e a Virgem Maria, que, em sua opinião, era maior que Jesus. Alegava que isso seria um crime e que ninguém deveria ir ouvi-lo. Mas os que já haviam assistido ao trabalho sabiam que era mentira e os que ainda não o tinham feito queriam se certificar. Desse modo, a assistência cada dia aumentava mais.

Como os visitantes estavam hospedados na casa do chefe político e faziam as refeições na residência do chefe de polícia, ninguém ousava persegui-los. Acrescia a essa circunstância que tanto Doutor Bratcher como o Doutor Jayme haviam vindo de longe para curar os doentes e falar-lhes sobre Jesus. Mereciam, pois, consideração, e ninguém queria atacá-los.

Então, o padre mudou de tática. No sermão de domingo, não falou em excomunhão. “Realmente”, disse ele, “parecem ser bons homens. São educados e corteses. De fato, são cavalheiros, mas foi o diabo que os mandou aqui. Por isso, se estiverem com fome, dai-lhes de comer; se estiverem com sede, dai-lhes de beber; mas se pedirem um lugar para pregar,izei-lhes que vão ao mato e lá preguem aos animais”.

O resultado foi que um dos mais influentes homens da cidade insistiu para que o missionário Bratcher pregasse na casa dele, e o prefeito ofereceu a sala da câmara para a reunião do domingo à noite. Os padres possuíam um teatro e foi anunciado um espetáculo, com entrada franca, para aquela mesma noite. Era a primeira vez que isso acontecia. Mesmo com o espetáculo gratuito, o salão da câmara não comportou as pessoas que queriam ouvir o evangelho e, ao fim da pregação, 27 pessoas fizeram sua decisão de caminhar com Cristo.

XERENTES

A seguinte carta chegou às mãos do Doutor Bratcher, quando este ainda estava em Carolina:

Exmos. Srs. Drs. L. M. Bratcher e Jayme de Andrade: Prezadíssimos irmãos em Cristo Jesus.

Continuo dando graças a Deus pelas bênçãos incontáveis com a vossa vinda a essa cidade. O despertamento havido naqueles dias da vossa visita, nas horas dos cultos, ainda se observa até hoje, pois certamente perguntaram-me pela volta dos irmãos. Quando teremos dias iguais àqueles, quando levantaremos igreja, etc., etc.

Disseram-me que muitos não se batizaram com receio dos frades, pois o ministro retirava-se e os dominicanos caíam sobre eles a resgatá-los; como se ouve falar deles, no púlpito, depois da saída dos irmãos, contra aqueles que foram aos cultos, de como cantaram hinos, da atenção que prestaram, etc., etc. Tem analisado tudo e dizendo que na igreja deles o povo não presta atenção, conversa, ri, sai, etc., durante o ofício deles, e no culto dos “Protestantes” prestaram toda a reverência; mas isso falam por certo zelo ou por não terem outra coisa a dizer. O que é certo é que quase houve um “Pentecoste” aqui. Devemos orar mais e mais para que este serviço não seja vão no Senhor; isto é, que os que se despertaram sejam

inteirados na fé pelo batismo e pela obediência completa ao nosso divino Salvador – *é o que peço aos bons irmãos*, que cooperem conosco para a verificação de tão grandiosa obra.

Aquela senhora Raimunda, tia do irmão Justino, tem dito, até no meio da rua, que foram os dias mais bonitos, mais belos que se viu nesta cidade, e que ela é crente verdadeira e quer se batizar, chamando os outros de irmãos. O João Cantuária e seu irmão José não cessam de falar dos doutores, como os chamam aqui. Na minha escola, os meninos só querem cantar “Plena paz” e “Só por Jesus”. Diversas pessoas de destaque disseram-me que tinham sentido muito não irem com os irmãos até ao embarque para Piabanha. Não sabiam da hora. De maneira que os irmãos e eu estamos cheios de motivos para dar graças a Deus pelas ricas bênçãos espirituais que nos abençoaram aqueles dias.

A chegada daquele cento (não sei se chegou a tanto) de Novos Testamentos, na agência postal, antes um pouco da saída dos irmãos, veio comprovar a obra. Não chegaram para quem quis. Se tivessem chegado antes, poucas pessoas aceitariam. Mas, com gosto estão examinando o que os irmãos leram nos cultos. De sorte que, escrevendo, nunca poderei dizer-vos tudo.

Domingo passado fizemos culto de leitura e oração na casa do irmão Justino. Hoje, iremos novamente. Ouvi dizer que terá muita concorrência. Faremos tudo para honrar a Deus e servir nosso bondoso Salvador.

A canoa e a tripulação que foram levar os irmãos chegaram com apenas sete dias; isto é, saíram daqui terça-feira e chegaram segunda-feira da outra semana. Foram rápidos. Espero que os irmãos tenham viajado ouvindo e sentindo as vibrações incessantes do vosso motor, em plena paz e comunhão com o Senhor Jesus.

Há muitas recomendações dos de cá para os irmãos.

Do vosso em Jesus Cristo,

Ass. Simeão Ayres da Silva

A notícia de que Doutor Bratcher estava de viagem correu rápido pelo sertão, chegando até as aldeias. Ao se aproximarem de Tocantínia, avistaram muitos índios que aguardavam sua chegada. Eram da tribo dos Xerentes e faziam parte de uma comissão. Ali também os esperava o missionário Campelo.

Logo na manhã seguinte, dois dos chefes, representando a comissão, procuraram o missionário. O primeiro falou: “Viemos para dar-lhes as boas-vindas e ver os presentes que trouxe da distante cidade do Rio de Janeiro, porque sabíamos que um grande chefe branco, como o senhor, traria alguma coisa de valor para os índios”.

Do melhor modo que pôde, Doutor Bratcher explicou que não era grande chefe e que, pelo fato de o caminho ser tão longo, não havia sido possível trazer nada para os índios. Descreveu a viagem e as estradas por onde passara e prometeu falar com o missionário Campelo para ver se era possível arranjar alguma coisa para eles ali.

O chefe ouviu com respeito e não demonstrou desapontamento, dizendo apenas que sua missão estava cumprida e que seria, então, a vez do chefe mais moço dizer alguma coisa.

A fala do segundo chefe foi mais extensa. Entre outras coisas, disse ele: “Eu não vim pedir presentes. Meu irmão já fez isso. Vim pedir-lhe para mandar alguém ensinar o meu povo. Os padres vieram e pensamos que eles iam ajudar, mas eles só querem fazer dos nossos filhos escravos, e nós não queremos isso. Eles recebem nossos presentes e saem sem ajudar o índio. Ouvimos dos Kraôs e do trabalho que Zacarias está fazendo lá. Queremos que mandem um bom homem como o Zacarias para nos ensinar também. Se fizerem isso nós o sustentaremos. Faça o favor de mandá-lo a nós”.

Doutor Bratcher tentou explicar a dificuldade que seria arranjar um homem como Zacarias e deu outras razões por que seria difícil atender àquele pedido; prometeu, entretanto, fazer o que fosse possível para o bem do índio.

A explicação foi ouvida com atenção, e, como o primeiro chefe, aquele também não demonstrou descontentamento, dizendo apenas: “Faça o favor de me perdoar por ter incomodado o senhor”. Foi com o coração partido que o secretário da Junta viu os dois chefes se retirarem.

KRAÔS

Na viagem, em 1925, Bratcher viajara em canoa ou barcos alugados. Dessa vez, porém, havia trazido um motor Johnson. Assim que o colocaram no barco que o irmão Zacarias trouxera, iniciaram a descida do rio Tocantins, em demanda às aldeias dos Kraôs.

Uma pequena parada foi feita em Pedro Afonso, onde tiveram excelentes reuniões para pregação do evangelho. Cinquenta pessoas tomaram a decisão de seguir a Cristo.

Com mais cinco dias de navegação chegaram à embocadura do rio Manoel Alves Pequeno, o qual começaram a subir em direção às aldeias. Foi um trecho difícil. Após vários dias e muitas peripécias, deixaram o barco e, a cavalo, percorreram extensa planície arenosa. Atravessaram, então, uma densa mata e, finalmente, alcançaram a terra dos índios.

Os chefes das aldeias de Kraonópolis e Indianópolis (nome que o irmão Colares dera à aldeia) logo chegaram trazendo as saudações. Bratcher relatou que o fizeram de modo interessante e com muita distinção. Achavam que seria ele o responsável pela ida dos missionários e queriam demonstrar gratidão. Estavam também muito curiosos para ver os presentes; como não houvesse, mostraram-se desapontados e desgostosos, sem, entretanto, dizer qualquer palavra a respeito.

No domingo, as duas aldeias se reuniram para o culto. O missionário Bratcher, que nunca vira tantos índios em toda a sua vida, teve dificuldade para pregar; não sabia como começar e como apresentar a mensagem de modo a ser entendido. Falou a respeito de Jesus, e todos prestaram muita atenção.

Depois do culto, muitas fotografias foram tiradas, apesar de certa relutância por parte dos índios. A razão era que, sendo a palavra “alma” e “retrato” quase a mesma, na língua dos índios, estes temiam que, ao tirarem retrato deles, tirassem-lhes também a alma.

Enquanto Bratcher tirava as fotografias, percebeu que algo de anormal se passava, uma vez que os chefes estavam em constantes conferências. O fato de não receberem os presentes que esperavam causara muito descontentamento. Mostraram-se satisfeitos quando lhes foi dito que cada aldeia receberia um boi de presente, porém fora uma satisfação apenas aparente.

À tarde, os visitantes foram à casa do irmão Colares e lá encontraram um grande grupo de índios. Aliás, todo o tempo em que estiveram nas aldeias andaram escoltados por eles. Mesmo quando julgavam estarem a sós, avistavam, de repente, a escolta que os seguia.

Os índios foram convidados para um novo culto. Ao fazer o convite, o irmão Colares indicou a hora, apontando um lugar no horizonte, pouco acima das montanhas. Pontualmente, como se houvesse um toque de clarim, na hora marcada pela posição do sol, os índios chegaram.

Mais uma vez o missionário falou-lhes de Jesus. A atenção revelava o interesse de todos que o ouviam. Embora sem muita harmonia, após a mensagem todos cantaram “Só por Jesus”. O culto terminou, e em poucos minutos os índios desapareceram em direção às aldeias.

Horas depois ouviu-se uma chamada para a dança que aconteceria no centro da aldeia, no mesmo lugar onde realizavam os cultos. Os visitantes foram assisti-la,

mas não ficaram até o fim, já que a dança se estenderia por quase toda a noite, por vezes até que os índios caíssem completamente exaustos.

A segunda-feira havia sido um dia cheio e difícil, quando se esclareceu o motivo das conferências entre os chefes no dia anterior. Os índios foram informados de que o Doutor Bratcher seria um chefe importante e muito rico e que traria muitos presentes. Queriam saber, pois, os motivos por que não os havia trazido.

Bem cedo, aqueles índios chegaram à casa do irmão Colares. Foram para fazer algumas exigências ao missionário, que, com clareza e firmeza os fez entender que concordava plenamente com os missionários e que tudo quanto fosse feito em favor dos índios seria através de Colares e Zacarias.

O chefe mais velho aceitou a explicação, mas o outro era mais teimoso. Um grande número de índios cercava a casa e só depois de três horas de falação é que chegaram a uma conclusão satisfatória.

Muito alegre, certo de que as dificuldades estavam sanadas, Doutor Bratcher foi para a casa do irmão Zacarias. Encontrou-a cheia de índios e, só então, viu o quanto se enganara. Os índios esperavam por ele. Quando sentou e perguntou o que desejavam, dois dos chefes fizeram as mesmas exigências dos outros. O missionário logo percebeu que havia, entre os índios, uma combinação e que deveria agir com muita cautela, para que o trabalho não fosse prejudicado.

Chiquinho, o chefe principal, começou sua fala dizendo que ele se tornara crente e, como tal, merecia consideração especial. Disse que deveria ser o missionário e ser sustentado pelos Batistas. E mais: que tinha certeza de que poderia realizar um trabalho muitas vezes melhor do que o de Zacarias e Colares. Os índios, armados, cercavam a casa e procuravam ouvir a discussão. Pacientemente, o Doutor Bratcher tentava explicar, mas Chiquinho levantava a voz, cada vez mais. Finalmente, ficou zangado e declarou que não queria mais ser crente, que ia sair e levar toda a sua gente, e que os missionários fossem embora e deixassem o seu povo em paz.

Com toda a mansidão, o missionário Bratcher perguntou-lhe:

- Chiquinho, seus lábios falaram, mas seu coração não falou, não é verdade?
- Não – respondeu Chiquinho –, a minha língua falou e às vezes fala coisas ruins. O meu coração não falou.

Então, atendendo a um apelo, ele ficou calado o resto do tempo. Bratcher pensou que a vitória estava garantida e que tudo estava terminado. Mais uma vez se enganara.

O subchefe começou a falar em voz alta, acusando Zacarias e Colares pela falta dos presentes. Sua voz aumentava cada vez mais, e os índios, ao redor, mostravam-se inquietos e nervosos. Os missionários tentavam raciocinar com ele, mas não havia jeito de acalmá-lo.

Energicamente, Doutor Bratcher impôs que ele falasse baixo, ou se retiraria. O chefe abaixou a voz, mas insistia nas exigências. Enquanto o ouvia, o missionário orava a Deus, pedindo ajuda para resolver a situação.

Finalmente, um velho chefe declarou que queria falar. O subchefe o interrompeu, afirmando que ele era velho demais e o que falasse não seria importante. Mas o chefe insistiu com gravidade:

– Deixa o velho falar. Ele tem palavras de sabedoria.

– Sim – disse o Doutor Bratcher. – Deixa o velho falar. Ele é muito sábio e nos dirá palavras de sabedoria. Nós, os moços, muitas vezes falamos tolices. Deixa o velho falar.

Com palavras escolhidas, o velho chefe expôs a situação. Fez uma sugestão que agradou a todos. A harmonia de suas palavras conseguiu acalmar os índios e, ao terminar, a vitória estava ganha e a continuação do trabalho assegurada. Os índios começaram a se retirar e em pouco tempo todos haviam deixado a casa.

À noite, os missionários foram dirigir o culto na aldeia. O chefe os recebeu com cordialidade. Alegrementemente, reuniu o povo. Até o subchefe, que dera tanto trabalho, estava lá também. Foi o melhor culto que tiveram durante os doze dias que lá permaneceram.

A crise passara. O Mestre atendera as orações de seus servos. Os outros dias foram cheios de trabalhos e nada de desagradável aconteceu.

Na última noite que passaram na aldeia, o missionário Bratcher e seu companheiro tiveram ainda oportunidade de ouvir o choro de lamentação por um índio que havia morrido. Desobedecera a lei da aldeia e fumara o cigarro preparado com a semente de uma planta que tem propriedades idênticas ao ópio e que causa uma espécie de loucura, fazendo com que a vítima fugisse de seus semelhantes para vagar sozinho pelas matas.

Era costume, entre os Kraôs, quando um de seus membros falecia, chamar todos os índios para participar do choro, que começava ao pôr do sol e só terminava ao amanhecer do dia seguinte. Depois de o cadáver ser lavado e pintado com urucum, os companheiros aproximam-se dele e, dirigidos por alguém experiente no assunto, iniciam um longo canto improvisado, no qual são lembradas as boas qualidades do morto. Todos os presentes tomam parte e, pouco a pouco, o volume da voz é aumentado, até que o canto se transforme em uma horrível gritaria. Um a um, os amigos se despedem do morto, abraçando-o e beijando-o nos lábios, chorando porque nunca mais o verão.

Como todos os seres humanos, os índios também amam. Toda a tristeza e dor da separação daqueles corações sem esperança entram no último adeus.

A casa do missionário ficava ao pé do alto morro no qual estava a aldeia. Assim, o vento que soprava trazia, durante a noite, o som triste da cantoria dos índios.

O terno coração do Doutor Bratcher foi alcançado pelo desespero de mais um ser que passava para a eternidade sem esperança de salvação. As palavras repetidas no canto penetraram profundamente na alma do missionário, que declarou nunca ter ouvido toada de tanta melancolia. Mais uma vez ele sentiu como era urgente a tarefa de evangelizar aquelas pobres criaturas.

O secretário da Junta entendera bem o quanto era difícil aquele trabalho, que não seria de dias, nem de meses ou anos, mas talvez de gerações. A obra exigia paciência, dedicação e constância. Mas, no tempo próprio, os frutos seriam abundantes, pois estavam nas mãos daquele que dera a si mesmo pela salvação do índio.

RIO DE OPORTUNIDADES

Na manhã seguinte, os viajantes partiram para Carolina, onde havia uma pequena igreja batista. A expectativa do Doutor Bratcher era de que o Doutor Jayme ficasse residindo naquela cidade, considerando o glorioso trabalho que poderia realizar como médico e pregador. A decisão, porém, foi outra.

Realizaram uma série de conferências. No começo, houve indiferença, mas antes do fim da semana a casa se encheu e, como resultado, contaram-se 28 decisões. Um verdadeiro avivamento aconteceu. Ao saírem da cidade, Bratcher estava

convencido de que havia ali uma excelente oportunidade para o estabelecimento de um trabalho importante que facilitaria a evangelização dos índios e de todo o sertão.

Pelo fato de terem um motor próprio, os viajantes puderam parar nos lugares que desejavam. Assim, o missionário Bratcher pôde perceber melhor que o rio Tocantins também era um “rio de oportunidades”.

Em Ressaca[26], onde Doutor Jayme pregou e anunciou culto para a noite seguinte, tiveram excelente trabalho. A estada foi agradável; havia abundância de melancias, abacaxis, bananas e outras frutas. O preço era baratíssimo, mas o povo nada cobrava. Na hora da partida, o barco ficou cheio delas.

Fizeram também parada em Coco[27], situada no meio das palmeiras do coco babaçu, e, depois, em Estreita[28], onde o missionário Bratcher pôde rever amigos que fizera em 1925. Conta ele que as reuniões realizadas nessa localidade foram as melhores de toda a viagem. Ao fazer o apelo, quase todo o auditório foi à frente.

Com pesar, os dois visitantes precisaram negar o pedido insistente de que ficassem mais tempo por lá. O irmão Alexandre Silva, evangelista da Junta que morava em Porto Franco, já havia anunciado uma série de conferências, razão por que precisaram partir.

A casa de cultos em Porto Franco, no Maranhão, era pequena; desse modo, foi arranjada para as conferências a maior sala da cidade. O número de pessoas aumentou todas as noites e os resultados foram excelentes. Dr. Jayme deveria pregar nos primeiros dias da semana, porém, como ficara doente, a responsabilidade ficou toda com o Doutor Bratcher.

Encerrado aquele compromisso, seguiram, então, para o trecho das cachoeiras, no qual tiveram muitos incidentes por causa da incompetência do piloto. Pararam em Santo Antônio[29] e em Imperatriz para pregar; tiveram grande assistência e ótimos resultados.

Chegando a Marabá, centro da indústria da castanha, cidade de muito movimento, Doutor Bratcher vendeu o motor, tendo em vista que sairia mais barato viajar no motor do município.

A viagem até Nazaré dos Patos, de tristes recordações para o missionário, foi feita em meio a muitos obstáculos entre os rochedos que cercavam o rio. Nessa localidade, embarcaram em um vapor até Belém. Depois de ficarem uma semana

na capital do Pará, em que bons trabalhos foram realizados, outro vapor deixou o Doutor Jayme no Recife e levou, ao Rio de Janeiro, o secretário da Junta de Missões Nacionais.

[26] [N. E.] Não foi possível identificar essa localidade. Existe uma com esse nome mais à frente, em Governador Edilson Lobão-MA, perto de Imperatriz, porém a narrativa ficaria fora de ordem.

[27] [N. E.] Referência ao atual município de Babaçulândia-TO, que, à época, chamava-se Nova Aurora do Coco e onde se situa a Praia do Coco.

[28] [N. E.] Provável alusão ao município de Estreito-MA.

[29] [N. E.] Provável alusão a Santo Antônio da Cachoeira, antigo nome do município de Itaguatins-TO.

DOUTOR BRATCHER ESCRITOR

Das qualidades raras de que foi dotado o Doutor Bratcher, talvez o talento de escritor nunca tivesse sido revelado, não fosse a sua determinação de fazer conhecidas, dos batistas brasileiros e de seus compatriotas na América do Norte, as inúmeras oportunidades que a terra do Cruzeiro do Sul oferecia para que se alcançassem as vitórias do evangelho.

Contam-se centenas, senão milhares, de artigos que escreveu a título de informação e inspiração, não somente na imprensa batista nacional como também em jornais e revistas de sua terra. Sempre com vivo colorido, quer descrevendo cenários, quer relatando experiências ou contando fatos, as necessidades espirituais do povo brasileiro, especialmente do sertão, a carência de escolas e de assistência social eram apresentadas. Ressaltando as realizações da Junta de Missões Nacionais, clamava por mais vidas e por mais recursos para o prosseguimento da obra.

Através de seus artigos fez conhecidas as belezas naturais da nossa terra, a grandeza de nossos rios e cachoeiras, o viço exuberante de nossas florestas, a variedade multicolor de nossos pássaros, o pôr do sol no sertão, o encanto das noites enluaradas, as majestosas castanheiras do Pará, o sabor de nossas frutas e o agradável gosto do café brasileiro. Dos mais corriqueiros incidentes, o Doutor Bratcher sabia extrair algo para despertar atenção e o interesse à terra e ao povo que ele tanto amou, a quem deu seu coração e também a vida.

Dos inúmeros artigos e notas que tive o privilégio de ler, escritos no idioma natural do missionário, encontrei poucos nos quais não mencionasse a hospitalidade brasileira, a atitude amiga do povo, a fidelidade dos humildes sertanejos que lhe serviram de guia, a perícia dos canoeiros e a boa vontade de todos para prestar serviços.

Com carinho, o missionário Bratcher faz referência, em suas notas, à prontidão com que a esposa de quem o hospedara no estado do Rio- em cuja casa chegara em uma noite chuvosa, após cansativa viagem de evangelização - lavara e enxugara a ferro sua roupa encharcada e totalmente enlameada, para que, de madrugada, ele pudesse partir e chegar ao seu destino em condições apresentáveis. “Por certo” – escreveu ele – “a senhora gastou a noite toda nesse trabalho, mas, na manhã seguinte, ao me vestir, parecia estar com uma roupa novinha, tão bem engomada estava ela”.

Muitas vezes, enquanto eu escrevia este livro, ao ler tão vívidas e magníficas descrições registradas pelo Doutor Bratcher, lamentei a minha inabilidade de escrita, senti não estar à altura de transmitir ao leitor uma ideia mais fiel do amor, dedicação e grandeza de alma desse grande missionário. Em momento algum ele criticou a deficiência dos transportes ou se queixou da qualidade e, às vezes, escassez da alimentação (ao contrário, sempre elogiou os pratos brasileiros); sem reclamar das incompreensões, sem lamentar a solidão, relata que passou semanas a fio em companhia de um barqueiro desconhecido, nas mãos do qual colocava a sua preciosa vida, e de companheiros incrédulos, cuja linguagem era imprópria, tudo para conhecer melhor o povo e esta Pátria, que desejava ver salva para Cristo.

Foi-lhe oferecida a oportunidade de colaborar em um periódico batista de seu estado natal. O missionário Bratcher aproveitava para escrever, no espaço que lhe fora reservado, uma mensagem missionária acompanhada de apelos para que mais vidas e recursos fossem empregados na tarefa de encher este vasto país com a luz do evangelho. Eis uma delas:

A solitária sepultura de um índio e a mensagem que ela apresenta.

O lago de Maués é um dos mais lindos de todos os que formam o vale do grandioso rio Amazonas. Ligados ao grande rio por canais naturais, servem eles de reservatórios quando as abundantes águas rolam das cordilheiras dos Andes, provenientes da neve que se derrete. Não fossem esses reservatórios e o baixo vale amazônico, se transbordaria com a enchente causada pelo periódico derreter da neve.

Há muito desejava eu visitar o lago Maués e tinha para isso três razões: por ser o centro da indústria do guaraná, por se localizar ali uma grande colônia de japoneses e pela existência de uma antiga povoação de índios maués. A última razão era a mais forte, pois queria muito conhecer algo sobre o desaparecimento rápido da tribo que dera o nome ao famoso lago.

Acrescia ainda o fato de que uma vez a Junta de Missões Nacionais havia planejado abrir um trabalho entre esses índios. Circunstâncias fora de nosso controle impediram a abertura desse trabalho, não conseguindo, entretanto, destruir o interesse que eu tinha pelos índios.

Foi possível satisfazer a minha curiosidade quanto às plantações de guaraná e também quanto à colônia de japoneses. Tive o prazer de conhecer a planta do guaraná e ficar sabendo alguma coisa sobre a preparação da bebida que, com justiça, tornou-a famosa. Visitei também alguns lares de japoneses e foi grande a minha satisfação ao encontrar ali muitos crentes; uma das horas inesquecíveis que passamos foi quando, reunidos, cantamos e oramos juntos.

Quanto aos índios, entretanto, fiquei desapontado. O que uma vez fora uma ativa e poderosa tribo, agora estava reduzida por doenças trazidas pelos brancos. Sua terra fora conquistada por brasileiros e japoneses para o plantio do guaraná. Até o solo sagrado, onde os seus mortos estavam sepultados, havia sido invadido, pois o próprio lugarejo Maués situa-se no local onde a antiga tribo tinha o seu cemitério. Na pequena praça podiam ainda ser encontradas as sepulturas dos que antes haviam sido heróis e valentes guerreiros. Diariamente, pés descuidados pisam essas sepulturas absortos em seus interesses e problemas, sem um pensamento sequer sobre aqueles que abaixo repousam. (Os maués faziam o enterro de seus mortos, colocando-os em grandes urnas de barro).

Sim, é apenas a solitária sepultura de um índio da valente tribo maués, mas que transmite uma mensagem ao coração de cada discípulo do amado Mestre. Que mensagem será essa? Que mensagem atingiu o coração do secretário da Junta de Missões Nacionais ante a solitária lápide?

Da contemplação daquela sepultura, nosso olhar se estendeu e alcançou o esplendor do formoso lago, onde águas plácidas uma vez se moveram ante os remos da rápida canoa do índio maués. E, enquanto encantados apreciavam a beleza do cenário, uma mensagem atingiu nosso coração, mensagem de desespero e não de esperança ou inspiração.

Nós esperávamos poder salvar os remanescentes daquela tribo da total destruição. Nós tínhamos esperança de alcançá-la com a mensagem de Cristo. Agora nossas esperanças se esvaneciam, porque nossos pés haviam sido tão vagarosos e nossos passos tão lentos para lhes trazer a mensagem. A oportunidade se fora, oportunidade que jamais voltaria.

Assim deixamos a solitária sepultura com amargo sentimento no coração, pois essas criaturas de Deus haviam partido para o além sem nada saber do seu amor, misericórdia e poder de salvar. Era tarde demais. Para entregar a mensagem era tarde demais.

E os outros? Através do interior deste vasto Brasil há centenas, há milhares que nunca ouviram a mensagem de amor. Eles também seguem a trilha da tribo maués. Breve, muito breve, eles também irão sem esperança, se não levarmos a mensagem do Mestre com mais prontidão.

Possa a lembrança da sepultura solitária ajudar-nos a sentir a urgência da tarefa, para que com mais diligência levemos as novas de salvação.

Além da colaboração aos jornais de sua terra, foi intensa a propaganda que desenvolveu sobre as atividades da Junta, através de O Jornal Batista, das revistas dominicais, dos periódicos estaduais, da revista de Senhoras e Moças, e, especialmente de “A Pátria para Cristo”, revista missionária que ele idealizou.

Foi também apreciado escritor na língua inglesa, da qual era profundo conhecedor. Reconhecido por seu primoroso estilo, recebeu um prêmio literário, que, à época, fora conferido apenas para dez outras personalidades, entre as quais figurava Winston Churchill.

Entre os livros que escreveu em inglês, consta a interessante coletânea de narrativas sobre as cavalgadas que montou em suas viagens evangelísticas pelo interior do Brasil^[30]. Essas histórias, por vezes pitorescas, foram escritas para crianças e adolescentes, trazendo a seguinte dedicatória: *“A todos os meus leitores que, talvez, no futuro, cavalgarão em caminhos do sertão para contar a história de Jesus”*. Na segunda edição do mesmo livro, lê-se:

Possa essa segunda edição fazer mais que a primeira, despertando o interesse e mostrando a necessidade de mais obreiros que estejam dispostos a ir a lugares longínquos por amor de Cristo e a cavalgar em caminhos do sertão por Ele.

L. M. Bratcher também escreveu a empolgante biografia de seu amado pastor, o Dr. F. F. Soren^[31], obra de fôlego, que requereu muito estudo, pesquisa e trabalho, desejoso que outros, através das páginas de seu livro, conhecessem aquele que, em vida, fora um dos seus melhores e mais íntimos amigos.

[30] *Mule Tales from Inland Trails.*

[31] *Christ's Interpreter to Many Lands.*

O PAI

Doutor Bratcher procurou ser para os seus filhos o que seu pai fora para ele. Assim, fez tudo o que estava a seu alcance para que os três meninos, que abençoaram e alegraram seu lar e sua vida, sentissem que ele era o melhor amigo deles.

Ensinou-os que seus comportamentos, especialmente quando ele estivesse ausente de casa, significavam uma participação no seu trabalho missionário, e que, mesmo quando em viagem, eles estavam presentes no coração dele. Nunca deixava de trazer-lhes uma lembrancinha, a maior parte das vezes “pé de moleque” ou algum doce diferente dos que teriam em casa.

Cada um dos filhos foi acostumado a dar-lhe um relatório mensal de como havia gasto sua mesada. Eles iniciaram bem cedo, na infância, a prática do dízimo e de uma oferta especial para o trabalho missionário. Nas orações do culto doméstico, os missionários da Junta eram mencionados e os problemas que estes enfrentavam eram levados a Deus.

Como educador, Doutor Bratcher esmerou-se no preparo que deu aos filhos; causou-lhe imenso júbilo o fato de os três jovens terem dedicado suas vidas ao trabalho do Senhor.

Mule Tales **FROM** *Inland Trails*



*Mule tales from inland trails,
de L. M. Bratcher (1948)*



INCREMENTANDO A OBRA

Durante sua permanência em Carolina, o missionário Bratcher visitou o túmulo da nossa primeira missionária, Noemi Campelo. Após a viagem às aldeias, estava mais apto para avaliar, embora não em toda a sua extensão, o sacrifício a que se entregara aquela heroína. Diante daquele túmulo, que deve ser sagrado aos batistas brasileiros, o secretário da Junta de Missões Nacionais, de novo se consagrou à tarefa que iniciara Noemi.

FRUTOS DE NOEMI CAMPELO

O feito daquela preciosa vida deveria ser imortalizado nas páginas de um livro. Por isso, Doutor Bratcher, antes de viajar com a sua família para os Estados Unidos em gozo de merecidas férias, tomou as providências expressas na seguinte nota publicada em O Jornal Batista de 14 de abril de 1932, assinada pelo pastor Manoel Avelino de Souza, que, mais uma vez, era secretário da Junta:

Acaba de partir para os Estados Unidos o Doutor L. M. Bratcher. Antes de partir, fez uma oferta à Junta, para ajudá-la na compra de uma máquina de escrever e mais uma oferta considerável para publicação da biografia de Noemi Falcão Campelo.

Em 8 de agosto de 1932, no mesmo jornal, o pastor Avelino apresentava o livro à denominação:

Este livro, A HEROÍNA DE KRAONÓPOLIS, chegou à realidade pela tenacidade, esforço e contribuição do Doutor Bratcher; pela dedicação e amor cristão de Stela Câmara e pelo auxílio da União Geral de Senhoras. O primeiro, por idealizar e encaminhar a confecção do livro. A segunda, por se dispor a reunir o material e escrevê-lo, e a terceira por ajudar com o resto do custo.

Muita propaganda foi feita em torno da biografia, especialmente entre a Mocidade, que era conclamada a continuar a obra pela qual Noemi Falcão Campelo dera a vida.

Em 1932, a professora Marcolina Figueira de Magalhães foi nomeada pela Junta para abrir uma escola em Porto Franco, no Maranhão. Ela era a primeira moça

solteira a seguir para o campo missionário. Outras, mais tarde, seguiriam o seu exemplo.

A eficiência e dedicação da professora atraíram a simpatia e preferência das famílias. A escola cresceu, estendendo sua influência evangélica. Sem que ela tivesse conhecimento, o interventor federal nomeou-a professora pública, privilégio que foi recusado.

VISÃO MISSIONÁRIA

Em 1933, Doutor Bratcher assumiu novamente o seu posto. As atividades da Junta prosseguiram e as despesas estavam sendo cobertas. Todavia, o secretário percebeu que os batistas brasileiros não estavam levando muito a sério a evangelização de sua grande pátria.

Embora a denominação estivesse se desenvolvendo, as igrejas não haviam ainda alcançado o senso da responsabilidade coletiva e individual da tarefa de evangelizar o Brasil. Muitos achavam ser desperdício a energia e o dinheiro gastos em regiões tão distantes, quando poderiam ser mais bem empregados na evangelização de zonas mais povoadas. Achavam absurda a ida de uma jovem solteira para lugar tão longínquo. E havia alguns que até consideravam contestável a salvação do índio. O livro “A Heroína de Kraonópolis”, que a Junta publicara na certeza de que teria um grande número de leitores, não despertara o interesse que era esperado.

O desapontamento do missionário Bratcher, nesse sentido, foi revelado em nota publicada em O Jornal Batista de 11 de janeiro de 1934:

Como todos sabem, o livro, a “A Heroína de Kraonópolis”, é a biografia de nossa primeira missionária, e de autoria de Stela Câmara. Sabendo estas duas coisas, esperávamos que a primeira edição seria esgotada logo, e que haveria a necessidade de uma segunda edição em pouco tempo. Não aconteceu assim. A procura deste livro é muito limitada e prova outra vez que nós, os Batistas, somos capazes de esquecer com facilidade de nossos trabalhadores em pouco tempo. Apelamos aos irmãos, especialmente à Mocidade brasileira, para que seja movimentado logo esse precioso livro.

Doutor Bratcher analisou a situação e concluiu que nosso povo não alcançara integralmente o sentido de missões. As igrejas eram ativas, mas contentavam-se em pregar o evangelho em suas imediações, considerando a evangelização dos pecadores sob o ponto de vista apenas individual.

Era necessário criar, entre os batistas brasileiros, uma mentalidade missionária; despertar interesse e o mais profundo amor pela causa de missões, levando-os a entender melhor o seu propósito. As igrejas precisavam ser convencidas de que a principal razão da existência delas, como agências do Reino, era levar o evangelho a toda a criatura.

Se os Batistas brasileiros estivessem cientes da tarefa que deviam realizar no setor da evangelização da pátria, então a obra missionária se estabeleceria em bases bíblicas estáveis e sua continuidade estaria assegurada. Para atingir esse objetivo, Doutor Bratcher não poupou esforços, não mediu sacrifícios. Pregava missões, ensinava missões, escrevia sobre missões. Visitava igrejas, associações. Estava sempre presente nas convenções e ensinava em institutos. Era quase onipresente, como escreveu alguém.

Empenhou-se em unir a denominação em torno de um ideal comum: evangelizar a pátria. O amor que dedicava à nossa terra e o interesse pelos nossos começaram a impressionar os batistas. Apelou ao patriotismo da nossa gente. O evangelho seria a força regeneradora manifestada por meio de seus frutos, aperfeiçoamento espiritual, moral, extinção de analfabetismo, civilização dos selvagens. Os batistas brasileiros precisavam ter visão.

A obra de Missões Nacionais, além do valor imediato de ganhar almas para Cristo, tinha também o seu valor futuro. Surgiriam, no interior deste vasto país, grandes cidades, centros culturais e indústrias importantes, e o evangelho deveria ser o alicerce desse progresso.

O entusiasmo com que Bratcher relatava as realizações da Junta de Missões Nacionais foi contagiando as igrejas. As necessidades do sertão começaram a ser sentidas.

Em 1943, foi possível enviar o irmão Aminadab Coutinho para o Amazonas, a fim de trabalhar com os índios Parintins. No ano de 1935 o missionário Bratcher havia visitado essa nova frente de trabalho, indo de Mato Grosso até Guajará-Mirim, chegando à Bolívia. Parte dessa viagem, que durou três meses, ele o fez na companhia do missionário Eurico Nelson. Ao conhecer de perto as necessidades e oportunidades da Amazônia, estava em condições de dar à Junta uma orientação mais eficiente para os trabalhos futuros.

Em 1936, as jovens Beatriz Silva e Ligia de Castro, deixando o conforto da cidade maravilhosa, seguiram para o sertão, a fim de dirigirem escolas. Beatriz, em Tocantínia; Lígia, em Carolina, no Maranhão.

Ainda nesse ano o trabalho da Junta se estendeu ao Vale de São Francisco; para a cidade de Barreiras foi enviado um casal de obreiros.

TERCEIRA VIAGEM AO SERTÃO

Em 1937, Doutor Bratcher realizou a terceira viagem ao sertão. Acompanhado de seu filho, o jovem Roberto, percorreu 12.802 quilômetros, em uma jornada que durou seis meses e meio. As cidades visitadas foram as mesmas do itinerário de 1925 e 1931. A recepção que recebia, porém, não era a mesma daqueles anos. Havia, em todas aquelas cidades, um grupo de irmãos que ansiosamente o esperava ou ia ao seu encontro dar-lhes as boas-vindas.

Visitaram Pirapora, Barra, Corrente[32], Santa Rita[33], Formosa[34], Riachão das Neves, Barreiras – onde, apesar da oposição do padre, organizaram a igreja –, Estiva de Palmeiras e São José do Duro[35]. Em todos esses lugares realizaram trabalhos evangelísticos, sempre abençoados com conversões. O violino que o filho Roberto levara foi um grande auxílio, sempre ouvido com real satisfação.

No caminho para Natividade fizeram pouso na fazenda onde vivera dona Genoveva, um lugar de recordações para o missionário Bratcher: o regozijo com que a santa velhinha o recebera naquela primeira visita, as longas conversas que com ela tivera, a interpretação linda que ela sabia dar às Escrituras e a sua figura na soleira da porta, vigiando, esperando e anelando a sua chegada.

A visita feita ao túmulo de dona Genoveva foi a homenagem que o secretário da Junta de Missões Nacionais prestou à sua memória, agradecendo a Deus aquela preciosa vida, cuja fidelidade a Cristo havia preparado terreno propício à pregação do evangelho naquelas redondezas.

Em Natividade, onde ficaram aquela semana, Doutor Bratcher teve o privilégio de participar da organização da igreja pela qual dona Genoveva tanto orara. A primeira oração, após a cerimônia, foi feita pela filha mais velha daquela irmã, que estava com quase noventa anos.

Pai e filho dirigiram cultos em Chapada e em Porto Nacional. O padre que havia decidido impedir a pregação ficou desapontado com a afluência do povo para ouvir o evangelho.

Uma comissão dirigida pelo irmão Campelo foi ao encontro deles para recepcioná-los, antes de entrarem em Tocantínia. A professora Beatriz Silva o esperava muito feliz. Sua escola estava fazendo maravilhas, com relação ao evangelho, naquela cidade. Depois de alguns dias, seguiram rumo às aldeias. Os índios se encantaram com a música do violino e não se cansaram de ouvir.

Prosseguiram viagem: Pedro Afonso, Itacajá, Carolina – onde a professora Ligia de Castro os aguardava –, Porto Franco e Belém. Em todos esses lugares dois pedidos eram comumente ouvidos: mais dias de trabalho e o envio de alguém para anunciar o evangelho.

Doutor Bratcher registrou, em suas notas de viagem: *“Se as respostas que tantas vezes fui obrigado a dar estiverem registradas no Livro da Vida, quando ele for aberto e lido, por certo muitas negativas serão ouvidas”*.

ENTUSIASMO

Pouco a pouco, igrejas foram surgindo no longínquo sertão. Em relatório apresentado à Convenção, em 1938, Bratcher fez menção de uma carta que fora escrita por um padre a um colega, na qual aquele dizia: *“Enquanto os padres estavam dormindo, os Batistas entraram no futuroso Vale do Tocantins, e hoje aquele vale é um vale Batista”*.

Nesse relatório, o missionário e secretário da Junta, alegremente, faz alusão à atitude diferente, em relação ao trabalho daquela instituição, que a maioria absoluta dos batistas brasileiros passaram a ter. Havia fé, confiança e entusiasmo.

Em 1938 foi editado o álbum comemorativo “Trinta anos de trabalhos da Junta de Missões Nacionais”. No final desse álbum, havia o registro do plano de realizações aprovado para o quinquênio de 1938 a 1942, que incluía um aumento de vinte e seis obreiros. Doutor Bratcher termina com estas palavras de prece: *“Permite, Senhor, que os Batistas tenham a graça para realizá-lo para glorificação de teu nome e para engrandecimento do Brasil”*.

VÁLE AMAZÔNICO

O Vale Amazônico seria a região a ser visitada pelo missionário secretário, em 1939. Conforme havia sido tratado, o incansável obreiro Eurico Nelson deveria encontrar-se em Guajará-Mirim^[36] com seu colega nas lides e nos ideais, para juntos realizarem uma jornada evangelística nas cidades e vilas às margens do rio Amazonas e seus afluentes, a fim de procurarem lugares estratégicos para futuros trabalhos.

Na cidade do encontro, os dois missionários realizaram excelentes reuniões na igreja local. Continuando o programa, dirigiram-se a Porto Velho, cidade cortada pelo rio Madeira, passaram por Maués e chegaram a Itaquatiara^[37].

Devido à enfermidade de Nelson, seguiram para Manaus, onde, duas semanas depois, esse missionário faleceu. Sozinho, Doutor Bratcher prosseguiu a viagem, cumprindo o itinerário que havia sido traçado.

Era muito doloroso repetir, a cada lugar que ia, que o seu querido amigo, o missionário Nelson, partira para a eternidade. Era duplamente doloroso ouvir as expressões de tristeza dos que recebiam a notícia, quase sempre acompanhadas da indagação: “Quem virá substituir o irmão Nelson?”.

Foi uma jornada longa, rica em experiências. Alguns trechos de seu relatório nos revelarão suas impressões e sentimentos:

Descrever também as belezas do Rio Solimões não é possível para este Secretário. Somente um Euclides da Cunha ou um Raymundo de Moraes pode fazer isso. As águas turbulentas do Rio, as florestas eternamente verdes nas margens, os majestosos rios que jogam as suas águas nas correntezas do Rio Mãe, os céus rosados pelo sol a tardar o dia, os mesmos céus iluminados pelo sol nas primeiras horas da manhã, as flores e arbustos, as fazendas de gado e os grandes castanhais não podem ser descritos por falta de linguagem apropriada.

Basta dizer que algumas das horas mais felizes da minha vida foram passadas na proa do vapor “Belém”, enquanto ele singrava as águas ao pôr do sol. Olhando para aquelas paisagens gloriosas foi muito mais fácil acreditar, com todo o coração, nas visões do velho apóstolo João na Ilha de Patmos. Certamente, se a terra pode mostrar tanta glória, os céus não poderiam ser descritos pelas palavras do homem.

...

Pouco tempo depois de sair de Manaus, dissemos adeus ao velho Solimões, onde passamos muitos dias em estudo e meditações sobre o futuro do evangelho lá. Num tempo muito próximo, a Junta de Missões Nacionais terá de entrar em cooperação com a Junta Estadual, com o fim de evangelizar mais depressa aquele grande rio ou ver o trabalho perdido durante muito tempo. Aqui fica registrada esta convicção.

...

A Junta Cooperadora do Amazonas e Acre tinha informado os irmãos de todas as igrejas na margem do Solimões da minha passagem. Assim, em quase todos os lugares houve irmãos à nossa espera, mesmo que fosse à meia noite ou nas horas da madrugada. Em todos esses encontros houve duas notas tristes. Todos esperavam a visita do irmão Nelson. Assim, em muitos lugares a notícia da morte do irmão foi levada por este Secretário. Às vezes, quando abraçava os irmãos, eles olhavam para trás e perguntavam: “E o irmão Nelson está dormindo?”. Precisava dizer que estava dormindo para sempre. Jamais ele voltaria para levar alegria e prazer aos irmãos de seu querido Solimões.

Creio que jamais senti mais profundamente a tragédia de falta de obreiros para levar o Pão da Vida às almas famintas. Se os meus irmãos pastores pudessem me acompanhar, estou certo que eles abandonariam para sempre qualquer outro emprego, dedicando-se exclusivamente à pregação da Palavra de Deus.

...

Esperança é um lugar muito estratégico para evangelização não somente de brasileiros, mas também dos peruanos e colombianos. Em Esperança como centro, o evangelho podia ser irradiado para Tabatinga, onde há muitos brasileiros; Letícia, na Colômbia, e Ramon Castila no Peru. É pena que o irmão Nelson tivesse de clamar a favor daquele trabalho durante tanto tempo e partir para a eternidade sem ver os seus gritos angustiosos atendidos. Certamente os Batistas brasileiros não fecharão os seus ouvidos e os seus corações durante muito mais tempo àquela necessidade. Desejo adicionar o meu apelo ao do irmão Nelson para que o trabalho fosse aberto lá dentro de pouco tempo. Também clamarei em vão?

...

À tarde, deixamos definitivamente o solo brasileiro, entrando no Peru. Estava deitado na minha rede perto do comandante. Disse ele: “Sair do Brasil é deixar terra muito boa”. Concordei com todo o meu coração. Entramos no Peru na quarta-feira à tarde e chegamos em Iquitos no domingo. O Solimões lá tem outro nome, mas é o mesmo velho rio com as suas grandezas e belezas. Pode mudar o nome, mas o rio é o mesmo.

...

Voltei daquela viagem com uma nova ideia da vastidão e das necessidades do grande Amazonas. Não admiro que o coração do irmão Nelson fraquejasse depois de tantos anos. Não sei como ele aguentou o peso daquela tarefa durante tanto tempo. Fiquei convencido que o Rio Solimões é um outro rio de oportunidades para os Batistas, uma oportunidade que será perdida dentro de pouco tempo. Acordem irmãos Batistas, enquanto há tempo. A voz do irmão Nelson emudeceu para sempre. Desejo levantar um outro apelo para que o trabalho dele não seja em vão.

...

De Teresina a Carolina.

O avião tornou possível esta parte de nossa viagem. Embarcamos no domingo às sete horas, e às onze estávamos voando sobre o majestoso Tocantins. Que diferença! A viagem por terra seria de duas a três semanas.

Ao assentar nas águas do majestoso Tocantins, fomos outra vez surpreendidos com uma multidão que esperava à beira do rio. Esta vez não havia dúvida, eu era o único passageiro para Carolina. A recepção foi bem diferente daquela, em 1925, quando precisava procurar alguém para arranjar hospedagem e uma canoa para o rio abaixo. Como as coisas mudam! Desembarquei logo para receber os abraços de boas-vindas, e não somente de nossos obreiros, mas também de muitos amigos e conhecidos.

...

No dia doze, bem cedo de manhã, avistei a linda Baía de Guanabara, certamente a mais bonita em todo mundo, e, ao seu lado, a cidade maravilhosa. Ao atracarmos, vi logo o Secretário Auxiliar e o Secretário de Propaganda e mais tarde comissões da Primeira Igreja e do Colégio Batista Feminino. Naturalmente estava triste porque os meus queridos não estavam presentes, e as saudades eram muitas. Senti também saudades do meu amado e sempre lembrado Pastor Doutor F. F. Soren, que nunca deixou de estar no cais para me esperar.

Nessa viagem, que fora custeada pelas Senhoras Batistas do estado de Kentucky, Doutor Bratcher gastou 276 dias; fora, portanto, a mais longa viagem por ele empreendida. Visitou dezesseis estados e quatro países fora do Brasil. Percorreu uma distância de 21.750 quilômetros em motores, lanchas, canoas, vapores e aviões. Pregou 336 vezes, e 378 pessoas manifestaram desejo de seguir a Cristo. Visitou 42 igrejas, muitas congregações, centenas de lares, além de ter feito muitas entrevistas particulares.

Durante a viagem, leu uns vinte livros, escreveu dois e preparou material para mais dois. Tendo levado consigo uma máquina para filmar, conseguiu muito material interessante para ser projetado em reuniões informativas. Esse método de propaganda era, na sua opinião, o mais eficiente e proveitoso. Quanto às impressões da viagem, o missionário anotou:

A maior necessidade dos Batistas brasileiros é de obreiros que se dediquem ao trabalho da pregação do evangelho. Devemos pedir ao Senhor da seara que Ele mande obreiros dedicados.

A segunda impressão que me alegrou muito é que o povo Batista tem uma confiança ilimitada e um profundo amor pela Junta de Missões Nacionais. Creem na sua missão, tem fé na sua integridade e nos seus planos. Deseja o seu sucesso e está se dedicando mais e mais à tarefa de levar a pátria aos pés de Jesus.

A terceira impressão é que nós precisamos triplicar os trabalhos da Junta dentro de pouco tempo. Precisamos levantar os nossos olhos e fazer planos maiores, de acordo com as oportunidades que o trabalho oferece. Grande parte do Brasil está negligenciada e precisamos ocupá-la para honra e glória de Deus e para salvação das almas perdidas.



Lewis Malen Bratcher



- [32] [N. E.] Ou seja, o município de Corrente-PI.
- [33] [N. E.] Provável referência ao município de Santa Rita de Cássia-BA.
- [34] [N. E.] Provável referência ao município de Formosa do Rio Preto-BA.
- [35] [N. E.] Provável alusão ao antigo nome do atual município de Dianópolis-TO.
- [36] [N.E] Município do estado de Rondônia, na fronteira com a Bolívia.
- [37] [N. E.] Isto é, Itacoatiara-AM.

CONSOLIDANDO A OBRA

Doutor Bratcher teve uma experiência dolorosa, na noite que sucedeu ao sepultamento do irmão Nelson. Desde o encontro em Guajará-Mirim, a enfermidade do amigo, a volta para Manaus, as preocupações, o desenlace, o funeral e a ausência de seus queridos, esse acúmulo de emoções lhe causara um intenso sofrimento físico, em determinada noite.

Foi uma prova dura, mas, como sempre, o Mestre esteve a seu lado e renovou suas forças, permitindo que ele completasse a jornada e fosse ao encontro de sua família, nos Estados Unidos, onde deveria passar o ano de suas férias.

As condições de sua saúde, entretanto, não eram boas. Uma úlcera duodenal fora constatada, o que exigiu um tratamento mais longo. Só no final de 1941 é que retornou ao Brasil, indo residir na Rua Moura Brito, nº 105[38].

ÀS MOÇAS

Era um casarão antigo. A parte térrea foi reservada para a sede da Junta de Missões Nacionais, que já contava com um secretário auxiliar, o pastor Raphael Zambrotti, e uma auxiliar de propaganda, a missionária Letha Saunders, que dedicava parte de seu tempo a esse trabalho.

As atividades da Junta estavam divididas em quatro departamentos: Evangelização, Trabalho entre os índios, Literatura e Propaganda. A instalação de três escritórios e mais uma sala para o estoque de literatura, na própria residência do Doutor Bratcher, poupava-lhe muita energia e permitia que cuidasse da saúde, conforme o médico recomendara.

A “Marcha para o Oeste”, preconizada pelo presidente Vargas, estava sendo feita pelos batistas, graças à visão do Doutor Bratcher. Todavia, a ênfase que se dava ao assunto não deixava de impressionar as igrejas quanto à necessidade de mais escolas e mais obras assistenciais para que, através delas, o sertanejo tivesse acesso ao evangelho.

O plano para o quinquênio (1939-1943) havia sido completado, mas havia muito ainda para se fazer; Doutor Bratcher, dinâmico e idealista, sonhava com novas realizações. Em Itacajá, o Orfanato Escola Francisco F. Soren já funcionava como uma esperança à criança sertaneja. O dispensário em Pedro Afonso aliviava o sofrimento de centenas de crianças, que, sem recursos, viam no ambulatório batista sua tábua de salvação. Algumas escolas estavam em funcionamento.

A expansão da obra era evidente, mas o missionário Bratcher não descansava nos louros da vitória, antes os considerava um incentivo e um desafio para maior dedicação à tarefa de evangelizar o Brasil.

Para consolidação e futuro do trabalho, era urgente que o número de obreiros fosse aumentado. De modo geral, os jovens que deixavam o seminário já estavam comprometidos com igrejas em centros maiores, e a chamada para o sertão era mais atendida por moças, que pareciam ter o coração mais sensível às necessidades, o que fora declarado pelo próprio Doutor Bratcher. Os batistas, com humor, inventaram que os moços estariam deixando o sertão às moscas, e, em modo de protesto, criaram esta frase: “Não às moscas, mas às moças”.

INSTITUTO TEOLÓGICO

Com a experiência adquirida e através de muita observação, o missionário Bratcher concluíra que a evangelização no interior do Brasil só se tornaria uma realidade quando os próprios sertanejos se dedicassem a essa tarefa. Como os jovens que saíam para estudar nas capitais dificilmente retornavam ao sertão, a solução seria fundar uma instituição, onde, no seu próprio ambiente, os jovens se preparassem.

Sonhou, então, com um Instituto Teológico. Não podia haver lugar melhor do que a cidade de Carolina, para instalá-lo. Como não fosse ainda possível contar com os recursos da Junta, Bratcher apelou a seus compatriotas. Uma senhora, dona Mae Clinton Stroup, amiga de sua esposa, tornou possível a aquisição de uma casa, na qual, depois de algumas reformas, o instituto pudesse funcionar. Pouco mais tarde, Harry G. Bright ofereceu uma quantia para a compra do sítio onde deveria ser construído o Instituto Teológico de Carolina.

Apelos e mais apelos foram feitos. Uma noite, no Rio de Janeiro, em concorrida reunião, o apelo foi feito novamente. Ninguém o atendeu. O dirigente pediu a um consagrado irmão, diácono de uma grande igreja, que orasse. Após a oração, o próprio pastor da igreja na qual aquele diácono era membro apresentou-se em resposta ao apelo.

Jovem, culto, simpático, o homem talhado para a tarefa. Era o pastor Helcias Câmara, da Igreja de São Cristóvão, que logo após o seu casamento com a jovem missionária da Junta, dona Lígia de Castro, seguiu para o seu novo campo de ação.

Em 4 de abril de 1944, o Instituto Teológico de Carolina iniciava suas atividades e tornava-se uma bênção para o trabalho batista no Brasil. Era mais uma vitória.

EVANGELIZAÇÃO

Com sua alegria e entusiasmo, Doutor Bratcher conseguia empolgar os batistas brasileiros. Mas o secretário da Junta compreendia muito bem que um entusiasmo permanente por missões só seria possível através da intensificação do evangelismo.

Idealizou e promoveu, em 1943, uma Campanha Especial de Evangelização. No desejo de vincular a campanha ao amor patriota do povo, o mês de setembro foi escolhido. Pouco mais tarde, mediante acordo com a Junta de Missões Estrangeiras, o Dia Especial passou também a ser celebrado no segundo domingo desse mesmo mês. Programas, folhetos, evangelhos e instruções foram fornecidos às igrejas e seus obreiros. A ideia foi bem aceita e tantas foram as bênçãos recebidas pelas igrejas que a aderiram que o empreendimento passou a fazer parte do programa da Junta, por recomendação da própria Convenção.

Com a finalidade de animar, instruir e orientar os muitos jovens que atendiam ao apelo para dedicar suas vidas ao trabalho missionário, no Brasil ou no estrangeiro, o missionário Bratcher idealizou a organização dos “Bandeirantes de Cristo”. Mensalmente, moços e moças reuniam-se na residência dele para estudos, palestras e orações. Desse abençoado grupo, fizeram parte muitos dos atuais obreiros das nossas duas juntas missionárias.

Aproveitando a oportunidade que era aberta, através do rádio, para pregação do evangelho, a Junta de Missões Nacionais iniciou, em 1945, a irradiação de dois

programas semanais, “A Pátria para Cristo”, o que levou à criação de mais um departamento: o Departamento de Rádio.

A PÁTRIA PARA CRISTO

A partir de 1945, outro ideal do missionário Bratcher se tornou realidade e fez ampliar o raio de ação da Junta: por recomendação da Convenção, aquela organização poderia abrir trabalho em qualquer parte do território nacional, desde que a solicitação partisse do campo local. Então a Junta fazia realmente jus ao nome que tinha.

Em 1946, mais uma campanha altamente patriótica foi idealizada – a Campanha de Evangelização através da alfabetização. Os dois objetivos: ensinar o adulto a ler e colocá-lo em contato com a Palavra de Deus. Como alcançar esses objetivos? Uma escola noturna em cada igreja ou congregação e cada batista alfabetizado ensinando pelo menos a um. E o apelo: *“Apelamos para que todos os Batistas se alistem nessa cruzada santa. Mãos ao trabalho, Batistas, na luta contra os piores inimigos da Pátria, o analfabetismo e a falta da religião verdadeira”*. A Junta fornecia o material: uma cartilha modelo, e Evangelhos de Marcos e João, com as sílabas separadas e preparados especialmente pela Sociedade Bíblica do Brasil.

As atividades da Junta de Missões Nacionais estavam realmente se estendendo. Muita propaganda era realizada através de projeções luminosas, palestras em flanelógrafo, cartas, circulares etc. Tudo era usado para informar o povo. Mas isso não bastava; Bratcher sonhou com uma revista missionária. Assim, as notícias que viessem dos campos, as cartas recebidas pela Junta, as fotografias alcançariam as igrejas e todos os leitores seriam inspirados.

A Junta aprovou a ideia. Para escolha do nome, os pastores foram consultados. A maioria se pronunciou a favor de “A Pátria para Cristo”. Em janeiro de 1946, tendo como redator o pastor Zambrotti, foi publicado o primeiro número da revista. Como o nome do periódico era doce ao coração do Doutor Bratcher – A Pátria para Cristo! Ele exprimia tão bem o seu ideal. O hino 439 tornou-se “oficial” da Junta de Missões Nacionais e o povo aprendeu a cantá-lo com vibração.

“Levantai os olhos e vede” foi o texto usado constantemente pelo secretário da Junta, ao reiniciar suas atividades em junho de 1948, depois de suas férias nos Estados Unidos. Em novembro desse ano ele apresentou um programa que deveria cumprido em cinco anos, no qual estava incluída a aquisição de uma sede própria para a Junta de Missões Nacionais.

“Ano da Vitória”, foi a denominação dada pelo missionário Bratcher ao ano de 1949. As razões: nunca os obreiros haviam revelado tanto entusiasmo e eficiência no desempenho de suas tarefas. Nunca tantos jovens haviam consagrado suas vidas para levar o evangelho aos pontos mais distantes da pátria. Nunca houvera tanta cooperação por parte dos batistas brasileiros, e nunca as ofertas do Dia Especial tinham sido tão liberais.

No início desse ano, o Doutor Bratcher havia alugado, para sua residência, o prédio 1621 da Rua Barão de Bom Retiro. No grande salão ao fundo da casa foi instalada a sede da Junta. Estudos foram feitos no sentido de ser a propriedade adquirida. Surgiram dificuldades, mas foram vencidas. No final de 1949, através de um financiamento, ofertas especiais e o aluguel pago, a Junta assinou a escritura de promessa de venda, mais um ideal que era alcançado.

A sétima Campanha Nacional de Evangelização havia conseguido, naquele ano, listar 512 igrejas, e a campanha de alfabetização havia remetido 5.021 cartilhas a 19 estados e ao Distrito Federal. Ainda em 1949, a Junta nomeou um casal de obreiros para a Colônia de Marituba, no Pará.

O Alvo financeiro para 1950 foi de Cr\$ 500.000. Doutor Bratcher comentou, em seu relatório: “*A mocidade em particular e o povo em geral aceitaram o desafio e muitas vidas foram consagradas ao Mestre*”. O alvo foi ultrapassado. O povo começou a sentir sua responsabilidade pessoal e a agir por meio do plano de evangelização da pátria.

Em 1951 foi adotado o tema: “Uma nova Esperança”, baseado no texto “O povo em trevas viu uma luz”. Esse tema, conforme escreveu o missionário Bratcher, penetrou no coração de todos os brasileiros, que começaram a trabalhar com o propósito de fazer brilhar a luz da Nova Esperança em todos os recantos da pátria amada. No início, parecia que o alvo de Cr\$ 600.000 estava além das possibilidades, mas a onda de consagração e abnegação se avolumou e a oferta atingiu Cr\$ 722.229,90. Nunca o povo batista no Brasil conseguiu uma vitória

tão significativa. O ano da Nova Esperança trouxe muitas bênçãos para o trabalho do Mestre no interior do Brasil.

Em outro trecho do relatório sobre o plano quinquenal, o secretário escreveu:

O plano foi iniciado em 1949, mas já foi ultrapassado, de maneira que não serve nem mesmo como base para o trabalho no futuro. Deus está abrindo as portas de todos os lados e precisamos aproveitar a oportunidade e entrar por essas portas. A nossa 'Marcha para o Oeste' é um fato consumado, mas precisamos acelerar a marcha para que não percamos as oportunidades.

AINDA MUITÍSSIMA TERRA PARA SE POSSUIR

O voo do “Bandeirante” foi motivo de grande regozijo para o Dr. Bratcher. Um irmão da Colônia Leta, o Sr. Werner Grimberg, dono e piloto de um aviãozinho de três lugares, concordou em levá-lo aos campos no Vale do Tocantins. Com que alegria o missionário chegou em Porto Nacional e viu a igreja com mais de cem membros, e a Escola Batista superlotada, com 127 alunos! Com gratidão a Deus, lembrou-se de suas primeiras visitas àquela cidade, quando fora advertido a não pregar ali.

Visitaram todo o trabalho do Tocantins. Bratcher pôde estar presente na reunião de formatura de uma turma de sete alunos, no Instituto Teológico de Carolina, “a esperança do Vale”, como ele o chamou.

Por certo, havia muito a fazer. Era ainda o dia das “coisas pequenas”. Mas as estacas já estavam firmadas. Os batistas brasileiros, com espírito missionário e amantes de sua terra, levariam avante a sua conquista.

“Fica ainda muitíssima terra para se possuir” foi o tema para O Dia da Evangelização Pátria, em 1952. O alvo financeiro: um milhão de Cruzeiros.

COLÔNIA DE LEPROSOS EM MARITUBA

Em 25 de maio desse ano, o secretário da Junta foi até Belém, no Pará, para tomar parte na inauguração do Tabernáculo Batista da Colônia Marituba. Sobre o acontecimento, Bratcher escreveu:

Jamais poderei esquecer aquela experiência que ficará para sempre gravada no meu coração e na minha mente, embora fosse mais agradável apagá-la da minha memória. As três horas da tarde, um bom auditório composto de 200 leprosos e mais de 100 irmãos das igrejas batistas de Belém reuniu-se para a cerimônia que deu à Colônia o seu lar espiritual. Esse lar era a concretização dos sonhos e esperanças de

muitas pessoas entre as quais o pastor da Primeira Igreja Batista de Belém, irmão Vance Vernom, a quem coube em grande parte a responsabilidade da construção; do secretário da Junta de Missões Nacionais, e do irmão José Júlio da Silva, pastor da Congregação.

Com um programa simples, fizemos entrega de um exemplar das Escrituras Sagradas ao Doutor Telmo Sarmiento, diretor da Colônia, que havia dado todo apoio ao projeto. O secretário da Junta proferiu uma mensagem e, depois de uma oração dedicatória, o Tabernáculo foi entregue aos irmãos de Marituba. Agora o púlpito pertence ao pastor José Júlio e não será usado outra vez por outro pastor de fora.

Aquele Tabernáculo foi uma oferta de amor, e jamais poderá ser usado para outro fim. Se em qualquer tempo a Colônia for extinta e a casa for posta abaixo, nem um tijolo poderá ser tirado.

O trabalho em Marituba tem uma história tocante. O jovem José Júlio, vice-presidente da Assembleia da Mocidade Batista do Pará, acadêmico de direito, fora declarado leproso e mandado para a Colônia. Ali começou a pregar o evangelho. Aquele grupo de jovens do estado resolveu ajudar na manutenção do trabalho, e ele cresceu. Quando não mais pôde sustentar o jovem Júlio, o grupo apelou para a Junta de Missões Nacionais.

Algum tempo depois, uma jovem recém-formada no Conservatório de Música de Belém foi atacada pela doença e teve de ser mandada para a Colônia. Estava planejando suicidar-se, quando alguém sugeriu que ela fosse ouvir o pastor José Júlio pregar. Sem saber muito bem do que se tratava, aceitou o conselho. Tornou-se crente e casou-se, depois, com o pastor Júlio.

Logo depois que a Junta assumiu o trabalho na Colônia, sentiu a necessidade urgente de haver uma casa para realização dos cultos. Como a Junta não tivesse condições de prover essa necessidade, Doutor Bratcher começou a apelar para amigos seus, no Brasil e na América do Norte. Conseguiu algum recurso.

A Junta de Richmond forneceu quinhentos dólares, mas isso não era ainda suficiente. Então, esse secretário apelou para o pastor do Tabernáculo Batista de Louisville, no estado de Kentucky, o irmão L. C. Ray. O apelo encontrou guarida e a igreja ofereceu o dinheiro necessário para a construção.

VALE DO SÃO FRANCISCO

Ainda em 1952, o Doutor Bratcher fez, a pedido da Junta de Missões Nacionais, uma viagem ao Vale de São Francisco, o “Campo Promissor”. Foi feita de avião e durou seis dias. Conseguiu visitar os pontos principais e constatar a

excelência do trabalho que os obreiros estavam realizando. Verificou também como era vastíssima a terra a ser possuída. O último tópico do seu relatório diz:

Voltamos com um desejo maior de levar as Boas-Novas da salvação a todas as partes do grande Vale, que será no futuro de maior importância no progresso e desenvolvimento da pátria. Possuamos a muitíssima terra.

A Pátria para CRISTO

ANO I

Janeiro - Março de 1946

N.º 1

Eis os Campos de Missões Nacionais



*Capa da primeira edição de
A Pátria para Cristo (janeiro de 1946)*

[38] [N. E.] No Bairro da Tijuca, Rio de Janeiro-RJ.

DOUTOR BRATCHER PREGADOR E PASTOR

Doutor Bratcher foi um notável pregador. Era fácil perceber que suas mensagens vinham de um coração cheio de compaixão, realmente interessado em fazer conhecido de seus ouvintes o poder redentor de Jesus.

Isaías viu a glória do Senhor dos Exércitos; o Doutor Bratcher viu, nesta grande terra à qual dera o seu coração, milhares de almas imersas nas trevas da idolatria, da superstição, sem o conhecimento da verdadeira luz. As experiências vividas em suas viagens, os apelos que não pudera atender, pendiam como “quadros em sua memória” (figura usada por ele) e fazia com que sua mensagem fluísse repassada de amor.

Falando em uma língua que não era a sua, sem pretensão de ser gramático, Doutor Bratcher atraía auditórios, agradava os ouvintes, alcançava os corações; conseguia arrancar lágrimas de arrependimento pelo pecado, pela negligência no testemunho cristão, mau uso dos talentos e retenção de recursos que poderiam ser empregados na obra da evangelização. Percebia-se, claramente, que o Espírito Santo ungia suas palavras. Por isso que, quando fazia apelo, almas se rendiam a Cristo, vidas se consagravam ao trabalho do Mestre e bens eram entregues ao serviço do Senhor.

Ninguém se cansava de ouvi-lo, nem mesmo os que, por razões particulares, não concordavam com os seus métodos nem nutriam os mesmos ideais. Mas ousaria alguém duvidar de seu amor à pátria brasileira, a quem realmente dera o seu coração? Talvez esse amor justificasse a facilidade com que conseguia empolgar o auditório, tocando nos corações, fazendo-os vibrar e impulsionando-os a dar, dar mais, sempre mais, talentos, tempo, dinheiro, vida ou qualquer coisa, por insignificante que fosse, que pudesse ajudar na evangelização do Brasil.

Eram variados os temas de suas mensagens e diferentes as passagens bíblicas que embasavam seus sermões, mas o assunto era sempre o mesmo: anunciar o poder

do evangelho e interessar os ouvintes na obra de Missões Nacionais. Nesse sentido, conta-se que certa vez alguém lhe disse:

– Doutor Bratcher, eu acho que se o Senhor fechar os olhos, abrir a Bíblia, colocar o dedo em um versículo, seja qual for ele, o Senhor tirará dali uma mensagem missionária.

Ele sorriu e disse:

– Vamos experimentar. Dentro de poucos minutos estava pronto o esboço de um sermão evangelístico e missionário.

VASOS DE ALABASTRO

Como as descrições que o missionário Bratcher fazia ganhavam vida! Ele levava o ouvinte a sentir o ardente sol do sertão, a poeira das estradas em épocas de seca, e a lama, na estação chuvosa, a fome, a sede, a solidão. Também era notável o modo como descrevia a alegria dos obreiros no serviço por amor a Cristo, o privilégio de pregar a quem nunca ouvira as novas de salvação, o crescimento das igrejas, as escolas repletas de alunos, os dispensários, os orfanatos, o Instituto de Carolina, a literatura distribuída...

E a causa dessas vitórias? Eram as orações da dona Genoveva dirigidas a Deus tantos anos passados. Era o dinheiro procedente das vendas dos ovos da galinha “missionária” que aquela viúva dedicara a Deus. Era a oferta de alguém que andara a pé para que o dinheiro da passagem fosse usado no trabalho de Missões Nacionais, da jovem que dera a sua pulseira, do irmão que trabalha horas extras depois de um dia exaustivo para fazer maior a sua contribuição, da missionária que lhe mandara entregar o salário de um mês como oferta especial... E os exemplos se multiplicam. Vasos de alabastro, dizia ele, com unguento de nardo puríssimo.

Que bênção, que privilégio, que prazer era ouvir o Doutor Bratcher pregar!

CORAÇÃO DE PASTOR

Embora esse missionário não tivesse assumido o pastorado definitivo de uma igreja, no Brasil, ele tinha coração de pastor. Disso deu provas nas duas ocasiões

difíceis que atuou como pastor interino da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro.

A primeira, durante a viagem do pastor F. F. Soren e família aos Estados Unidos, de 1928 a 1929. A igreja atravessava, então, um período de crise financeira advinda, especialmente, da mudança para o novo templo. A segunda vez, após o falecimento desse pastor, em 1º de outubro de 1933 até a posse do pastor João Filson Soren, em janeiro de 1935.

Em ambas as ocasiões o seu amor e cuidado pelo rebanho foram patenteados, além de seu zelo doutrinário e excelentes qualidades de administrador.

O HERÓI GLORIFICADO

“Ocupemos a terra” foi o tema de missões escolhido para o ano de 1953, baseado no texto de Isaías 11.9.

Seria esse o último ano em que a voz do Doutor Bratcher se faria ouvir anunciando as Boas-Novas de salvação aos que jaziam sem esperança. O último ano em que se fariam ouvir os seus apelos para evangelização da terra a que dera o seu coração, seus talentos, suas energias. A carreira do grande missionário, o “Herói do Sertão”, estava chegando ao fim.

SONHOS

Conforme o relatório apresentado em dezembro desse ano pela secretária interina, a Junta contava com 153 missionários, doze deles que haviam sido nomeados naquele ano de 1953. Os novos edifícios do Instituto Teológico estavam quase prontos para a inauguração. Centenas de classes de alfabetização estavam em funcionamento. Havia 21 escolas espalhadas no sertão. Dois dispensários. A sede da Junta estava completamente paga. A Décima Primeira Campanha Nacional de Evangelismo apontava 671 igrejas e congregações. Os dois programas semanais da rádio, continuavam no ar. Aos presos e aos leprosos estavam sendo enviados Novos Testamentos. A receita anual da Junta havia alcançado a cifra de Cr\$ 2.704.805,60.

Com o irmão Werner Grinberg, o missionário visitou o Oeste de São Paulo. Não podia deixar de assistir às duas convenções nos campos da Junta. Em julho, foi a Carolina e Barreiras para, mais uma vez, animar “seus filhos”. Voltou com o seu coração alegre pelo progresso do trabalho, porém quebrantado, por causa das grandes oportunidades que se perdiam. Jamais deixara de sonhar com um ginásio e escola normal em Barreiras, Carolina e Tocantínia, para satisfazer as urgentes necessidades desses campos.

Depois de mais uma visita às igrejas alemãs no Rio Grande do Sul e à Convenção dos Batistas Eslavos, em São Paulo, foi para o norte do país, despertando os batistas em Pernambuco, Rio Grande do Norte, Alagoas, Paraíba e Sergipe.

Do primeiro dia de setembro até o último dia de novembro daquele ano, não cessou de trabalhar nas igrejas do estado do Rio, Distrito Federal e Espírito Santo, a favor do Dia Especial, às vezes pregando cinco ou seis vezes em um só domingo.

Deus honrou esse esforço dando-lhe oportunidade de ver muitas almas salvas, muitas vidas consagradas e grandes ofertas dedicadas ao trabalho.

ÚLCERA PERFURADA

Durante as constantes ausências do Doutor Bratcher, fossem elas motivadas por sua saúde, que muitas vezes inspirava cuidados, ou para trabalho de promoção, ou mesmo em seus períodos de férias regulares, os trabalhos da Junta prosseguiram normalmente. A secretária de propaganda, missionária Letha Saunders, assumia a responsabilidade. Havia doze anos que residia com a família Bratcher; integrara-se de tal modo com o trabalho da Junta que tinha plenas condições de aliviar o pesado encargo do missionário secretário, que já estava com 65 anos de idade.

Nesta oportunidade, presto a minha homenagem a essa dedicada missionária pela prontidão com que colocou ao meu dispor quase todo o material usado na preparação desta biografia. À querida amiga, os meus sinceros agradecimentos.

No domingo, 6 de dezembro, Doutor Bratcher assistiu ao culto da noite na Igreja Ricardo de Albuquerque. Seu filho mais velho pregara e distribuía a ceia do Senhor. De volta à casa, pai e filho comentaram as riquezas do texto de Marcos 14.25: *“não beberei mais do fruto da videira.”*

O missionário estava bem de saúde, mas acordou de madrugada sentindo-se mal. Depois de um dia de repouso recomendado pelo médico, submeteu-se a um exame minucioso. O mal era grave.

O Pastor Helcias havia chegado de Carolina e visitou missionário Bratcher na quarta-feira pela manhã. Com interesse, o secretário ouviu as notícias do trabalho e o andamento das construções. Marcaram para abril a inauguração dos prédios

do instituto. À tarde, Doutor Bratcher piorou e foi levado ao hospital. Uma junta médica diagnosticou “úlceras perfuradas”. Operação imediata era a solução.

Antes de ser levado à sala de operação, reuniu a família e disse: “Já realizei quase tudo que pensei realizar. Se este é o meu momento de partir, estou pronto”. Pediu que fosse feita a leitura do Salmo 23, que era lido sempre que fazia alguma viagem. Em volta de seu leito, a família iniciou a leitura do Salmo pedido. Ao chegar ao versículo 4, sua voz juntou-se à dos seus queridos.

Era uma hora da madrugada quando o missionário Bratcher foi levado à sala de operação. Só às seis retornou ao quarto.

“PROSSIGA NA OBRA”

Nos dias que se seguiram, mesmo nas horas de sofrimento, sua preocupação não era se venceria ou não a enfermidade, nem as dores que o atormentavam, mas sim a obra que estava no seu coração: evangelização da querida terra brasileira.

Diariamente indagava sobre a correspondência e fazia sugestões com relação a alguns tópicos que poderiam ser usados na propaganda. Queria informações sobre os obreiros e sobre as ofertas do Dia Especial. Pediu que se apelasse às igrejas que ainda não haviam feito o esforço para que o fizessem antes do término do ano, a fim de que em seguida toda a ênfase fosse dada a Missões Estrangeiras.

Uma de suas grandes aspirações, desde que a Junta comprara a propriedade para a sua sede, era vê-la completamente paga. Durante toda a sua vida havia sido um grande inimigo de dívidas. A secretária de propaganda informou-lhe sobre uma oferta recebida para pagamento total do débito. Seu rosto brilhou de alegria e com um sorriso de vitória exclamou: “Mais outro alvo alcançado, mais uma vitória ganha, e muitas outras serão ganhas, pois há tanta coisa que deve ser feita. Maravilhosos amigos, Deus tem me dado”.

A família Bratcher, por perceber que o estado do missionário se agravava, permaneceu no hospital durante a noite. Com zelo, seu pastor também o observava; em um dos poucos momentos em que se ausentara, Bratcher pediu que lhe dessem o seguinte recado: “Diga ao pastor Soren que diga à Mocidade do Brasil que prossiga na obra, que persevere na consagração, porque há muitíssima terra para ser possuída”.

Às sete horas do dia 16 de dezembro de 1953 o missionário Lewis Malen Bratcher, que fora durante 28 anos secretário executivo da Junta de Missões Nacionais, foi encontrar-se com o seu Mestre e Senhor, com seus queridos pais, irmãos e amigos, que já o aguardavam na pátria celeste.

Seu corpo, colocado em linda urna de madeira da terra que ele tanto amou, foi levado para o templo da Primeira Igreja Batista do Rio. A plataforma estava coberta de flores e belas coroas.

Às nove horas de quinta-feira, com a presença de mais de mil pessoas, entre as quais cerca de duas centenas de pastores e missionários das diversas denominações evangélicas de vários estados do Brasil, o pastor João Soren, após uma oração, proferiu com solenidade palavras de conforto e de esperança. Entregou à Mocidade Brasileira a mensagem derradeira que o amado Doutor Bratcher pedira para transmitir. O hino “Rude Cruz”, predileto do missionário, foi cantado em solo por dona Nicéia Soren. Um lindo poema de Tennyson também foilido pelo pastor Soren, na língua inglesa.

O presidente da Convenção Batista Brasileira, pastor Rubens Lopes, em nome dos batistas e com gratidão a Deus pela vida do grande missionário, exalta as grandes realizações do secretário da Junta.

Muitos outros oradores fizeram uso da palavra, entre eles, o pastor João Barreto, antigo discípulo do missionário no Colégio Batista de Campos. Com emoção, esse obreiro recordou a influência benéfica que a vida do Doutor Bratcher exercera sobre os jovens que tiveram a felicidade de tê-lo como diretor e mestre.

Após a oração proferida pelo obreiro do campo fluminense, o pastor Joaquim Coelho dos Santos, e ao som do hino 439, o esquife foi levado, acompanhado de grande cortejo, até o cemitério de São João Batista.

Diante da sepultura, o presidente da Junta de Missões Nacionais, pastor José de Miranda Pinto, dirigiu a palavra. Referindo-se aos “incidentes inspiradores”, tópico permanente que o secretário colocava na agenda das reuniões mensais da Junta, Pr. Miranda Pinto mencionou a própria vida do Doutor Bratcher como o mais inspirador de todos os incidentes.

O filho mais velho do missionário proferiu as palavras finais: “Sei que meu pai, se pudesse falar nesta hora, diria: ‘Levantai os vossos olhos e vede os campos

brancos para a ceifa. E dizia, como o fez na tarde em que foi levado ao hospital, ‘Há tanto trabalho ainda para fazer’”.

Enquanto os amigos, com lágrimas nos olhos e voz embargada, tentavam cantar o lindo hino “Minha Pátria para Cristo”, o ataúde baixou a sepultura.

ATORRE DE FORTALEZA

Durante a viagem que fizera à Amazônia, ao contemplar a mata verdejante o pensamento do Doutor Bratcher se voltou para o seu querido Kentucky, para os dias da sua infância, para o velho lar. Sua alma se encheu de nostalgia.

Enquanto navegava, escreveu um livro de reminiscências, um livro de memórias, mas o guardou. Só depois de sua promoção à glória é que sua família teve conhecimento dele. O livro foi publicado. São páginas lindas de ternura e de saudade.

Uma dessas páginas o missionário Bratcher dedicou àquela jovem que numa manhã de primavera ele encontrara em Caneyville, a que foi o único amor de sua vida, a que se tornou sua esposa e a quem ele chamou de sua “torre de fortaleza”.

A figura empregada mostra bem quem foi dona Artie Bratcher, a missionária valorosa que, por 35 anos ao lado do esposo, fez tudo para que o ideal de ganhar a terra brasileira para Cristo se tornasse uma realidade.

Quando em 1911, o jovem Lewis lhe pediu para ser sua esposa, para ser com ele missionária em um país distante; quando ela teve de decidir se o amava de tal forma a deixar sua família tão unida e amorosa, ela pediu a direção de Deus e pediu também a graça de ser para ele uma ajudadora. Por isso, o ideal de seu esposo tornou-se o seu ideal.

No tempo em que administravam o colégio de Campos, era costume dos diretores darem aos aniversariantes o privilégio de escolherem o hino a ser cantado no culto que se realizava pela manhã no refeitório. No aniversário de dona Artie, o hino “Minha Pátria para Cristo” foi o que ela escolheu. Foi tão intensa sua emoção ao cantar a última linha da segunda estrofe, que os 38 anos vividos no Brasil, conforme relato dela, não conseguiram apagar de sua memória os sentimentos que encheram o seu coração naquela manhã, quando apenas iniciava a sua carreira missionária.

Causava admiração para muitos o semblante sempre calmo e tranquilo de dona Artie quando exercia, sem alarde, tantas atividades. Como podia ela ser a dona de

um lar tão organizado e hospitaleiro e ter tanto controle sobre os filhos, meninos sadios e cheios de vitalidade? Como podia ela, por mais de duas décadas, ensinar Ética Cristã e Educação Religiosa na Escola de Obreiras? Como podia ela ser eficiente professora da Escola Dominical da Primeira Igreja, da qual era membro, além de operosa presidente da Sociedade de Senhoras, exercer o cargo de tesoureira auxiliar na Junta de Missões Nacionais e tomar parte nas atividades da União Feminina? Como podia ter coragem de despedir-se do esposo amado por ocasião de suas longas viagens, sabendo que passaria meses sem notícias dele? Como poderia suportar a separação de seus filhos adolescentes, quando eles saíam para estudar em um país longínquo? Como podia conservar a serenidade, sabendo que seus três filhos estavam no exército e na marinha do seu país, cada um deles em lugar diferente? Como foi possível manter a atitude de resignação e fé, ao dizer, no Hospital dos Estrangeiros, o último adeus ao seu companheiro de alegrias e lutas nos 38 anos de união feliz? Como pôde ela ter ânimo e amor suficientes para, depois de um ano em sua terra, voltar sozinha ao Brasil e cooperar no preparo de moças brasileiras, continuando a tarefa de evangelizar o Brasil?

Dona Artie Bratcher é uma heroína de fé, o segredo do sucesso de seu esposo, como escreveu alguém. A sua participação, embora na penumbra, nas realizações de Doutor Bratcher a fazem merecedora da gratidão e do mais terno amor dos batistas brasileiros.

PALAVRAS DO PASTOR RUBENS LOPES

(Publicadas em O Jornal Batista de 14 de janeiro de 1954)

Os batistas estão de luto. Luto nacional. Não foi apenas a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro que perdeu um dos seus mais eminentes membros, não foi apenas o Distrito Federal que ficou sem um dos seus mais conspícuos obreiros, foi o Brasil batista que perdeu um dos seus mais amados líderes.

O Doutor L. M. Bratcher foi um vulto de projeção nacional. Dificilmente há um batista que não tenha ouvido falar nele. Foi à frente da Junta de Missões Nacionais onde mais apareceu. A sua presença foi tida como providente. Em 1926, na Convenção Batista Brasileira, o Doutor Manoel Avelino de Souza encareceu àquela assembleia a necessidade de quem o substituísse no posto de secretário-correspondente da Junta, cargo que ele vinha ocupando interinamente. Foram buscar para substituí-lo o Doutor Bratcher, e, de então para cá, ele não representou, a bem dizer, apenas a Junta, ele realizou o ideal da Junta de Missões Nacionais.

Se tivéssemos de reconstruir a sua obra, ou se tivéssemos de traçar o perfil, diríamos que nele se confundia o pastor, o sonhador, o organizador, o realizador, o administrador. Foi um grande sonhador, um grande idealista, porque era um homem de fé. A sua visão era extraordinária. E sabemos que um homem de ação deve ser um homem de visão, e ele a teve. A sua voz apresentava inflexões acentuadas de um verdadeiro iluminado. Ele exercia estranha fascinação sobre seus auditórios. Certa vez, usando da intimidade com que ele me honrava, falei-lhe nos seguintes termos: Doutor Bratcher, eu não sei como falando um português tão pitoresco o senhor pode fazer vibrar essas assembleias.

Sonhava com um Brasil grande e melhor. Como organizador, outros poderão igualar-lhe, mas ninguém o supera. Ninguém sabia fazer propaganda como ele. Não era apenas homem de gabinete, foi também um grande realizador. Por

diversas vezes, realizou incursões pelo sertão brasileiro. Em melhores condições de conforto, mas em piores condições de segurança, sobrevoou o Brasil num pequenino teco-teco. Era o seu derradeiro adeus ao sertão do Brasil. Em L. M. Bratcher, encontramos uma figura excepcional da nossa história, que há de ficar como exemplo aos nossos pastores.

Antes de terminar, eu não poderia deixar de pôr em relevo uma rara qualidade que esse santo homem possuía como um privilegiado. A sua vida foi um nobre incentivo para despertar outras vidas. A sua palavra foi constantemente uma clarinada para despertar outras vidas para o evangelismo nacional. E hoje há inúmeros servos consagrados devido ao caloroso convite do Doutor Bratcher, homem de fé.

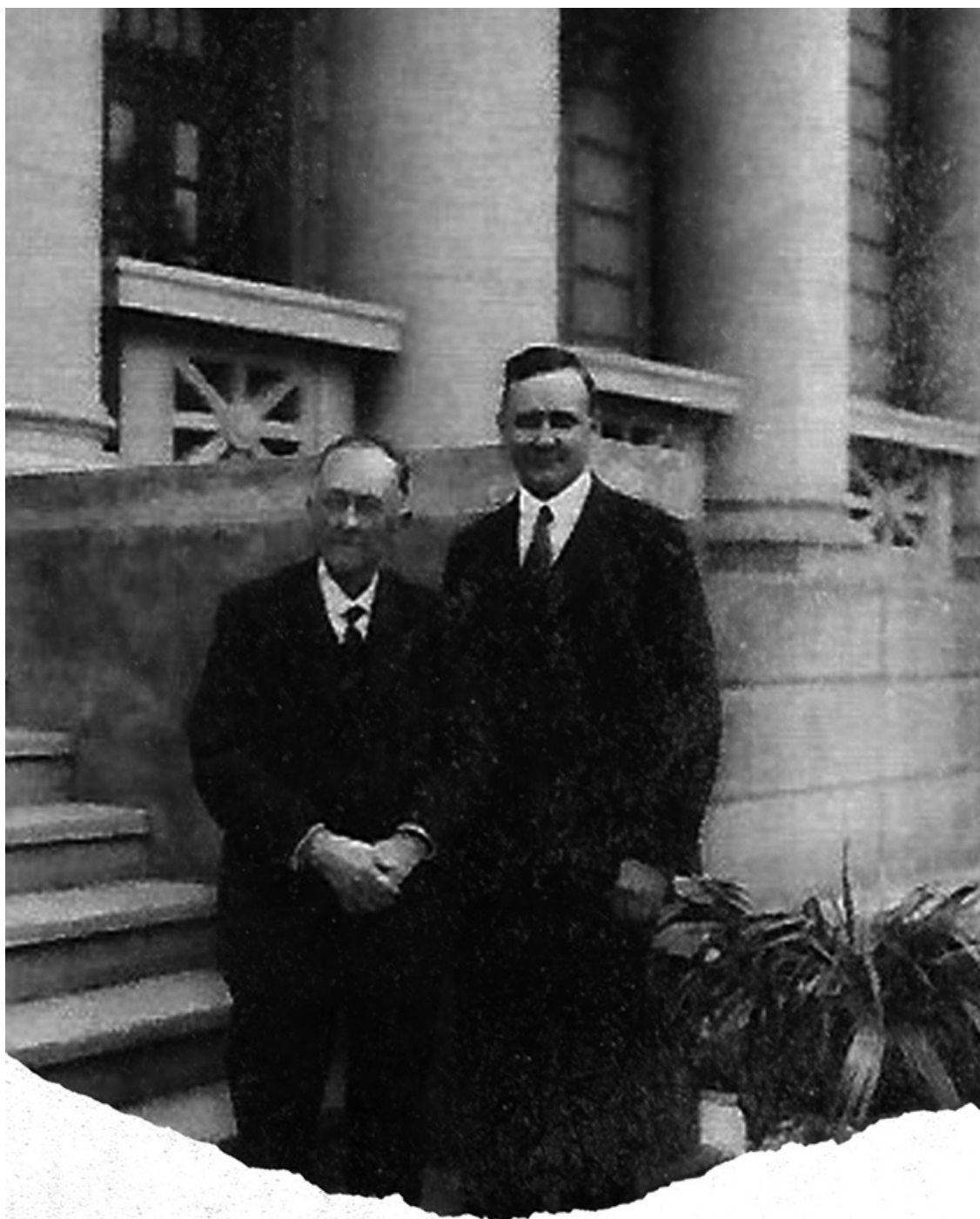
Ele quis um orfanato? Lá está o Orfanato Francisco Fulgêncio Soren, em Itacajá. Ele quis ambulatório? Lá está o ambulatório em Tocantínia. Ele quis igrejas e seminários semeados ao longo do caminho áspero do sertão do Brasil. Ele quis um instituto teológico, e lá está ele para servir os obreiros do sertão. Ele quis homens devotados à salvação da pátria, e hoje há 150 obreiros lutando em nome da Junta de Missões Nacionais pela salvação do Brasil.

Por esse homem de projeção nacional é que eu estou aqui. Falo como presidente da Convenção Batista Brasileira. Venho neste momento, junto deste ataúde, resgatar uma dívida de gratidão nacional, porque os batistas brasileiros muito devem a L. M. Bratcher. Ele viveu a maior parte de sua vida no Brasil e ele a viveu para o Brasil. Quando Livingstone morreu, o seu coração ficou enterrado na África, mas, senhores, hoje vai baixar à sepultura o corpo de L. M. Bratcher, mas o seu coração ficou no sertão do Brasil, onde está também o coração de Noemi Campelo, a missionária cuja obra ele tantas vezes enalteceu.

É uma pena, porque não dizer, que tenha emudecido para nós a voz desse grande líder. É uma pena que se tenha apagado para nós aquele sorriso franco e acolhedor. É uma pena que não tenhamos mais a figura dinâmica desse grande lutador cristão. Eu sei que há uma pergunta silenciosa, muda, calando em todos os espíritos. Quem substituirá o Doutor L. M. Bratcher, meus irmãos? Quem?

Permiti que vos fale ainda como Presidente da Convenção Batista Brasileira. O momento é de dor, mas não é de desespero, o momento é de saudade, mas não é de desânimo. Nunca iríamos pensar num grande general retirando soldados das

fileiras, sem os substituir. De igual modo, nunca iríamos esperar que Deus abrisse um claro nas nossas fileiras, sem ter quem o preenchesse. Em 1926 o Doutor L. M. Bratcher veio substituir alguém. Em 1953, aparecerá alguém. Ninguém desanime. Quanto ao Doutor Bratcher, o seu nome já está no coração dos batistas brasileiros. Quanto ao resto, Deus proverá.



*Lewis Bratcher e William Bagby em frente ao templo da
Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro (1935)*



DOCTOR L. M. BRATCHER

Luis de Assis

(Artigo publicado no jornal “A Tarde” da cidade de Carolina, Maranhão, em 26 de dezembro de 1953)

No dia 16, o telégrafo nos surpreendeu rudemente com a consternadora notícia de haver falecido no Rio de Janeiro o nosso grande amigo Doutor L. M. Bratcher, secretário-tesoureiro da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. Esta convenção abrange mais de mil igrejas com um total de mais de cem mil batistas.

O óbito verificou-se na manhã do dia 16, em consequência de uma melindrosa intervenção cirúrgica a que se submetera poucos dias antes.

A notícia se espalhou por toda Carolina, onde o Doutor Bratcher dispunha de geral estima, graças às suas frequentes visitas a esta cidade, a serviço da causa batista. Nessas suas visitas, o nosso amigo timbrava sempre em esclarecer contato com todo o povo, grandes e pequenos, distribuindo amabilidade e distribuindo simpatias.

Sendo pregador do evangelho, cada vez que aqui aportava, realizava conferências públicas que eram assistidas por seletos e respeitoso auditório. Ainda está bem vivo em nossa mente o vibrante apelo por ele feito a uma numerosa assistência, por ocasião da sua última visita em julho passado, quando, a seu pedido, se reuniram representantes de todas as igrejas batistas deste vale, desde Porto Nacional até Porto Franco. A Convenção estava convocada para se reunir em Porto Franco, mas, diante da solicitação do Doutor Bratcher, decidiu-se jubilosamente transferir para Carolina a dita reunião, para termos o feliz ensejo de ouvir a palavra autorizada do nosso amigo e receber as luzes da sua provecta experiência.

E foi acertado. Dir-se-ia que ele estava pressentindo ser aquela a sua derradeira oportunidade de estar com os crentes do vale e de lhes dirigir a palavra. Num dos

dias dessa estada aqui, ele fez questão de chegar até o lugar onde se erguem os novos edifícios do Instituto Teológico Batista, acompanhado de numerosa multidão e ali, em culto solene de louvor e gratidão a Deus, deu por inaugurados aqueles prédios.

Não esperava voltar tão cedo à Carolina. Regressaria ao Rio e de lá sairia a visitar alguns estados do Brasil, fazendo propaganda das Missões Nacionais. Depois partiria para os Estados Unidos em gozo de um ano de merecidas férias. Finalmente retornaria ao Brasil e se dedicaria a uma campanha ainda mais intensa em prol da obra evangélica no sertão brasileiro, obra essa que lhe absorvia o pensamento e o coração. Deus tinha outros planos para o seu dedicado servo.

Quando presidia a cerimônia de dedicação dos novos edifícios do Sítio Bright, podia ler-se em seu semblante a alegria que lhe ia na alma por ver aquelas construções na fase final. Era o seu grande sonho ver o instituto funcionando naqueles prédios. Não logrou alcançar essa aspiração, é verdade, mas lutou para conseguir que aquelas obras chegassem ao ponto em que se encontravam. E, diga-se de passagem, ali foi empregado exclusivamente dinheiro por ele levantado entre amigos seus lá da outra América.

Do púlpito da igreja batista desta cidade ele assim se expressou: “Estão dizendo por aí que no próximo ano serei compulsoriamente aposentado pela Junta americana que me mandou para o Brasil. Não é verdade. Eu só serei aposentado por Deus mesmo, quando a Ele aprouver”.

De fato. A despeito de sua idade avançada e dos 27 anos de serviço ao sertão brasileiro, no qual deu o melhor de suas energias, exibiu, até o fim, inextinguível infatigabilidade, entusiasmo contagiante e um dinamismo peregrino. Só Deus para aposentá-lo. Curvemo-nos diante do feito de Jeová.

Não se conformava com analfabetismo. Resultado: criou escolas por todo o campo da Junta de Missões Nacionais. Carolina foi uma das primeiras cidades a ganhar uma escola, quando da vinda de dona Lígia de Castro, há uns 17 anos passados. Essas escolas existem para servir. Geralmente, metade dos alunos estuda graciosamente porque as escolas batistas foram criadas para cooperar com os que batem pela extinção do analfabetismo em nossa terra. Nos relatórios que o Doutor Bratcher fornecia à Denominação Batista, havia um lugar de realce para

as escolas do sertão. Ele cria na instrução e por ela deu muito do seu vigor e do seu coração.

Era apaixonado pela evangelização do nosso povo. Prova essa assertiva a existência do Instituto Teológico Batista de Carolina, onde mais de meia centena de jovens de ambos os sexos estuda e recebe treinamento para, em tempo hábil, sair por esses campos semeando a semente divina, o evangelho da redenção. Já disse, acima, que o instituto era o seu grande sonho. O pastor Helcias Câmara, diretor do Instituto, desde a sua fundação devia ter a palavra para dizer do que tem custado essa casa e dos sacrifícios feitos pelo nosso saudoso amigo. Quantas noites mal dormidas, só pensando na manutenção e no desenvolvimento do instituto, a esperança do sertão batista.

O espírito filantrópico do Doutor Bratcher se patenteia na vida dos dois dispensários existentes neste vale. Um em Pedro Afonso, o mais antigo, agora com sua sede própria moderna e confortável. O de Porto Nacional, também em sede própria adaptada, já conta com um acervo de serviços prestados ao nosso povo sertanejo, desprovido de recursos e minado pelas endemias. Os que conhecem os dispensários fundados pelo Doutor Bratcher sabem o quanto de auxílio esses postos têm prestado ao povo do vale. E, convém notar, essa obra puramente filantrópica jamais recebeu subvenções do erário público, constituindo isso, para o Doutor Bratcher, um princípio que ele seguiria sem qualquer transigência.

Semanalmente dois programas evangélicos radiofônicos são ouvidos em todo o Brasil e até no estrangeiro. Esses programas são patrocinados pela Junta de Missões Nacionais, sendo o seu idealizador e realizador ainda o nosso biografado. Através desses programas, fazia sempre um apelo aos batistas para que, unidos, se empenhassem na obra de salvar o Brasil do analfabetismo, da superstição e do pecado, mediante a obra de alfabetização e pregação do puro e santo evangelho.

A Revista “A Pátria para Cristo”, que muitos carolinenses conhecem, única no gênero da América do Sul, foi imaginada e tornada uma realidade pelo nosso inesquecível companheiro. Essa publicação, como o nome sugere, visa informar os leitores do que se está fazendo pela evangelização do nosso povo, no intuito de ganhá-lo para Jesus Cristo, nosso adorável Salvador e Senhor.

Sabemos, entretanto, pela revelação divina, que nosso amigo cessou dos seus labores terrenos para ir viver com Jesus, a quem ele pregou com tanto zelo,

apontando-o como o único e real Salvador dos pecados. Sim, sabemos que ele interrompeu as suas obras terrenas para ir descansar nos braços do seu Salvador. Essa convicção e certeza vem balsamizar a nossa dor e, ao mesmo tempo, incitarmos a imitar aquele grande varão, obreiro do Bem, e continuar a obra por ele começada.

O GRANDE MISSIONÁRIO

(*In memoriam* de L. M. Bratcher)

*“Por que lamentamos si muere el hermano
Por que ante su tumba temblamos de horror,
Si todos creemos que vive su alma
E Cristo la estrecha em su brazos de amor.”*

Mensageiro ardoroso de Jesus
Que por nós foi pregado aos braços de uma cruz!

Destemido e brilhante obreiro do Senhor
Que ao Brasil dedicaste a vida com amor!

Incansável pregoeiro, exemplo, extraordinário
De real submissão ao Mártir do Calvário!

Percorrendo os sertões deste Brasil imenso,
O Evangelho levaste às almas pequeninas,
O caminho a aclarar, pelo esplendor intenso,
Singular, eternal, das Palavras Divinas!
Revelaste, no afã, virtudes peregrinas
E, a erguer, na oração, aos Céus, sublime incenso,
Davas graças a Deus que a águas cristalinas
Leva o homem sedento, ao pecado propenso...

Combateste por Cristo em busca do perdido,
Tempo e alma lhe dando e mais que Ele exigisse.
A verdade levando as terras do sem fim...

Deu-te Deus o repouso justo e merecido
Bem podias dizer, como o apóstolo disse:
“Já não vivo mais eu, mas Cristo vive em mim”.

É preciosa ao Senhor, dos seus servos a morte,
Pois atinge da vida o verdadeiro Norte...

Mui ditosos os mortos que o são do Senhor;
Que descansam, assim, do terreno labor ...

Os que a sede do pobre na vida mitigam
Que descansam em Deus, suas obras os sigam!

Henrique Blanco de Oliveira

LEWIS MALEN BRATCHER

Uma experiência ao serviço de Deus

Pastor Raphael Zambrotti

(Artigo publicado em O Jornal Batista de 14 de Janeiro de 1954)

O que vão ler não vai além de uma apreciação, acompanhada de alguns dados informativos sobre a vida do grande homem de Deus cujo nome encabeça estas linhas. Quem o conheceu de perto sabe que sua vida e obra são grandes demais para caber nos estreitos limites de um artigo. Reclamam a pena hábil e experimentada de um biógrafo. Ainda que a Junta de Missões Nacionais não me tivesse encarregado de preparar esta publicação, um dever de gratidão me obrigaria a dizer o que significaram para mim os sete anos que servi como seu assistente na secretaria da referida Junta.

A 11 de junho de 1888 nascia um menino em Black Rock, Kentucky, para quem estava reservado, nos desígnios do Altíssimo, uma tarefa nobilíssima em terra bem distante daquela em que nascera. Seu nome era Lewis Malen Bratcher.

Converteu-se aos 15 anos de idade, e sentiu que o Senhor o chamava para um trabalho especial na santa causa. Morava na roça e eram muitas as dificuldades que teria de vencer para conseguir o preparo de que necessitava para a obra. Três anos se passaram até que ele pode iniciar seus estudos. Aos 18 anos sentiu-se vocacionado para o trabalho missionário. Fez o curso de Bacharel em Artes da Universidade de Georgetown; em 1917 concluiu o curso de Mestre em Teologia no Seminário Batista do Sul dos Estados Unidos, em Louisville; no ano seguinte completou, no mesmo seminário, o curso de Doutor em Teologia. Mais tarde foi honrado, pela Universidade de Georgetown, com o título de Doutor em Divindade.

Chegou ao Brasil no dia 5 de fevereiro de 1919. Seu primeiro trabalho foi o de Diretor do Colégio Batista Fluminense, na cidade de Campos. Aí permaneceu durante todo o primeiro período do seu trabalho missionário no Brasil, até 1923. Do que foi sua atuação frente daquele educandário, melhor testemunho não poderia ter do que o de alguns obreiros do Senhor que, quando estudantes, sentiram em suas vidas o impacto daquela personalidade forte. Chegou o tempo de suas férias e viajou para os Estados Unidos.

Embora zeloso administrador e eficiente diretor, o Doutor Bratcher sentia-se atraído pela evangelização. Queria empregar suas energias onde elas fossem mais reclamadas. Por sugestão do missionário Salomão Grinsburg, realizou, em 1925, a primeira viagem pelo grande sertão do Brasil, com o propósito de abrir um campo novo no interior de Goiás. Para isso voltou sozinho da América, tendo deixado lá a família. Ia pagando alto preço por esta viagem. Foi atacado pela malária de maneira tão violenta que quase morreu quando chegou a Belém, no estado do Pará. Não pôde fundar no sertão a nova obra com que sonhara, porque a Junta de Richmond, não dispondo dos recursos necessários naquela época, ordenou que ele regressasse ao Rio de Janeiro.

A família, que havia ficado na América, chegou em 1926. O Doutor Bratcher foi encarregado de dirigir o Externato do Colégio Batista do Rio de Janeiro. No ano seguinte, por motivo de férias do casal Soren, assumiu, por um ano, a direção do internato do Colégio Batista.

Já nessa época estava como Secretário Correspondente da Junta de Missões Nacionais, trabalho que havia de ser a sua coroa e a sua glória. A grande visão desse profeta evidenciou-se na primeira reunião que teve com a Junta, que o convidara. Aquele primeiro contato pôde mostrar que Deus estava orientando as coisas.

Em 1931, fez a sua segunda viagem ao sertão – a primeira como Secretário da Junta – e levou o Doutor Jayme de Andrade, em sua companhia.

Em 1933, com o falecimento do Doutor F. F. Soren, ficou interinamente como pastor da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro.

Depois das viagens de 1935 e de 1937, esta última em companhia de seu filho Roberto, em 1939 voltou a visitar o sertão, indo de Mato Grosso para o Amazonas. Em Guajará-Mirim estava o missionário Eurico Nelson, à sua espera.

Encontrar-se-iam pela última vez aqueles dois corações que pulsavam sintonizados pela mesma paixão de evangelizar o coração do Brasil. Haviam planejado viajar juntos para levar as Boas-Novas de salvação às populações que habitavam as margens do Rio Amazonas e de seus afluentes. Deus, porém, tinha outros planos e chamou Eurico Nelson logo no princípio da grande excursão.

O Doutor Bratcher prosseguiu sozinho. Teve de dizer, muitas vezes, que Eurico Nelson falecera. Em cada lugar o povo perguntava pelo “Apóstolo do Amazonas”. Ao ouvir a resposta, entre lágrimas outra pergunta comovente era feita: “Quem virá substituí-lo?”. A impressão que esta pergunta causou em sua alma pode ser observada nos reiterados apelos dirigidos à mocidade. “Quem irá?” foi, por muito tempo, o seu tema predileto. Tamanho foi o esforço dispendido nessa viagem que regressou doente ao lar. Apareceram, nesse tempo, os primeiros sintomas da úlcera duodenal que o vitimou.

Depois disso, várias vezes visitou o seu querido sertão. Era sempre com otimismo que se referia ao futuro do trabalho. Seus relatórios conseguiram despertar o interesse da denominação e fizeram da Junta de Missões Nacionais uma organização de respeito, que pode igualar-se com as mais eficientes na história moderna de missões. Toda vez que o ouvirmos ler, no capítulo 4 do Evangelho de João, estas palavras de Jesus: *“Levantai os olhos e vede os campos já prontos para a colheita”*, o Doutor Bratcher haverá de ser lembrado. Insistiu nesse texto, falou disto e escreveu sobre isto até conseguir que os batistas compreendessem as oportunidades do sertão.

Hoje nós sentimos que não foi a Junta de Richmond que o impediu de estabelecer a tenda no interior de Goiás; era o próprio Deus que guiava os acontecimentos para que, em vez de um obreiro, como ele costumava dizer, o sertão pudesse ter mais de uma centena de pastores evangelistas, professores e enfermeiras.

O Doutor Bratcher era dotado da visão de um profeta. Conhecendo o interior do Brasil melhor do que qualquer outra pessoa, talvez, pôde fazer com que o evangelho chegasse a determinadas regiões, antes mesmo que o governo brasileiro sentisse a importância delas. Um exemplo disso temos no trabalho fundado no Vale do Rio São Francisco e no Vale do Rio Tocantins.

Ultimamente, suas viagens ao sertão eram feitas no avião particular do irmão Werner Grinberg, o que possibilitou um contato mais estreito com o campo missionário.

Foi o Doutor Bratcher o idealizador das campanhas especiais de evangelização. Sua alma vibrava de entusiasmo quando se ocupava desse vasto plano de evangelização nacional. As igrejas, sempre dispostas a cooperar com as boas iniciativas, responderam ao seu apelo e, hoje, não se pode mais retirar do calendário das atividades da denominação o esforço evangelístico que as igrejas fazem no mês de setembro. Em cada ano, quando as igrejas marcharem para a campanha ao som de “Minha Pátria para Cristo”, será evocada com admiração e respeito a memória daquele que, sendo estrangeiro, ensinou-nos a amar a nossa pátria e a fazermos desse hino uma nova Marselhesa.

Foi grande e nobre até mesmo para morrer. No primeiro domingo do dia 6 de dezembro, acompanhou seu filho mais velho que foi pregar na Igreja de Ricardo de Albuquerque. Era o dia da celebração da ceia do Senhor, e ele usou, como texto, estas palavras de Jesus: “Não beberei mais do fruto da videira”. De volta à casa, o Doutor Bratcher comentava essa passagem e se referia à beleza dos seus ensinamentos. Parecia mais disposto fisicamente do que em qualquer tempo nesses últimos anos.

Acordou à meia noite, sentindo cólicas abdominais. Uma hora mais tarde chamou sua esposa que lhe deu uma medicação de emergência. Pela manhã do dia 7, chegou o médico e recomendou repouso absoluto para que, no dia seguinte, fosse submetido a rigoroso exame. Na terça-feira, dia 8, ainda saiu de casa e foi ao consultório do médico. O clínico verificou que ele havia tido uma hemorragia intestinal. Novamente recomendou-lhe que repousasse. Até este momento seu estado não dava a impressão de ser alarmante.

Na manhã de quarta-feira, dia 9, conversou demoradamente com o missionário Helcias Câmara, recém chegado de Carolina. Ouviu, com muito interesse, todas as informações que foram dadas a respeito do Instituto Teológico e do trabalho em geral no Vale do Tocantins. Combinaram que a inauguração dos novos prédios do Instituto seria no mês de abril e que ele estaria presente na cerimônia. Depois das 12 horas, começou a sentir tonteiras e a pulsação tomou ritmo mais acelerado. O médico ordenou que o transportasse para o hospital para uma

transusão de sangue. Seu estado desaconselhava, no entanto, o sacrifício de uma mudança, e a transfusão se fez mesmo em casa. Levaram-no, em seguida, para o Hospital dos Estrangeiros. Uma Junta médica o examinou e opinou pela operação imediata. Outras transfusões foram necessárias como tratamento pré-operatório, porque ele havia perdido muito sangue.

Antes de ser levado para a sala de operação, reuniu a família em torno de si e disse: “Já realizei quase tudo o que pensei realizar; o que resta, qualquer um poderá fazer. Se este é o meu tempo de partir, estou pronto”.

Nos dias seguintes, até segunda-feira, dia 14, parecia estar resistindo bem. Na tarde desse dia, porém, agravou-se o seu estado. Nos poucos momentos em que o seu organismo conseguiu reagir, preocupara-se com o trabalho. Uma vez mandou que se apelasse às igrejas que não haviam enviado as ofertas do Dia de Missões Nacionais, que o fizessem até 31 de dezembro para que, de Janeiro em diante, voltassem suas atenções para o Dia de Missões Estrangeiras. Ao seu pastor, que esteve sempre à sua cabeceira, o Doutor João Soren, encarregou de transmitir à Mocidade Batista um apelo para que prosseguisse na tarefa que visa à ocupação de muitíssima terra.

Na terça-feira pela manhã, quando já estava muito mal, a missionária Letha Saunders, Secretária de Propaganda da Junta de Missões Nacionais, entrou no quarto e ele desejou saber se havia chegado correspondência dos obreiros. Era o que, normalmente, se poderia esperar. Durante vários anos, fui testemunha do seu amor aos missionários e demais obreiros do sertão. Diariamente eram lembrados por ele no culto de oração no escritório da Junta.

Pressentindo que o desenlace estava próximo, a família passou a noite de terça-feira no hospital. Na quarta-feira, dia 16, às 7 horas da manhã, deixou de bater aquele coração que tanto amou a nossa terra e a nossa gente. O herói de tantas batalhas acabava de ser promovido pelo Grande Rei à glória celestial.

Contava, como uma das bênçãos maravilhosas em sua vida, o fato de seus três filhos dedicarem-se à pregação do evangelho. A vida do pai era, para eles, um exemplo de consagração. No culto doméstico havia constantes referências ao trabalho. Desde pequeninos aprendiam a orar pelos missionários, mencionando-os nominalmente, embora não os conhecessem. Era com justificada alegria que podia ver Lewis Malen Bratcher Jr. servindo eficientemente como um dos

Secretários da Sociedade Bíblica do Brasil; Roberto, como competente professor o Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, e Edward Ballance, o mais jovem, como professor do Seminário Teológico Batista do Sul dos Estados Unidos, em Louisville, e pastor de Westpoint, Kentucky.

A cerimônia fúnebre, que se realizou no templo da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, mostrou o quanto era amado o Doutor Bratcher. Mais de mil pessoas estiveram presentes. Contavam-se cerca de duzentos pastores e missionários de diversas denominações evangélicas e de vários Estados do Brasil. Enquanto todos choravam, só ele parecia sorrir, deitado em seu último leito, descansando das lutas, feliz pelas vitórias alcançadas em nome do seu Senhor.

Ao som do hino “Minha Pátria para Cristo”, que o povo, vencido pela emoção apenas pôde iniciar, baixou à sepultura, no Cemitério de São João Batista, nesta terra que ele muito amou e de onde ressurgirá glorioso, o corpo do Doutor Lewis Malen Bratcher.

L. M. Bratcher não morreu, nós o sabemos. Continuará vivendo, pelas gerações futuras, nas almas que levou a Cristo, nas vidas que inspirou com o seu exemplo, nos sertões longínquos onde fez brilhar a luz, no fervor evangelístico que imprimiu em nossas igrejas, nas vocações que despertou em muitos jovens. Embora já bem grande, a figura do Doutor Bratcher crescerá ainda mais com o passar dos anos. O seu nome valerá como uma senha em nossas campanhas. Foi gigantesca a sua obra e é indestrutível a sua vitória. Será eterna a sua memória e imperecível a nossa gratidão.

Que o Altíssimo conforte o coração de sua esposa e seus filhos e nos aponte o continuador de suas realizações para podermos dizer que “um novo profeta se levantou entre nós”.

SILENCIOU A VOZ AMIGA DO SERTÃO

Margarida Lemos Gonçalves

(Artigo publicado em O Jornal Batista de 14 de janeiro de 1954)

A noite estava escura. Desde as quatro horas da tarde enfrentávamos o plácido Tocantins, subindo o rio. De vez em quando, o motorzinho de popa avançava enfurecido. O barco, pequeno e inseguro, levava em seu bojo o Doutor L. M. Bratcher, o Sr. Verner Grinberg, o diácono da Igreja de Tocantínia, a missionária Beatriz Silva e esta que escreve. Voltáramos da aldeia dos índios Xerentes, onde os visitantes haviam filmado várias fases da vida do nosso semicivilizado indígena. Havíamos deixado a aldeia, pensando chegar em casa, no máximo, em duas horas.

O irmão Verner, usando de tato, sondava as partes vulneráveis do “Johnson”, enquanto o irmão Cícero sustentava a embarcação na margem do rio. Depois de algum tempo, ouviu-se o ronco trepidante do motor. Continuamos a viagem. A ventania fustigava nosso rosto, o frio não nos abandonava um só instante, nossa roupa estava umedecida pelos salpicos de água, sentíamos fome, não enxergávamos um palmo diante de nossos olhos. E no meio de todo o cansaço e preocupação, uma voz se ouviu. Potente e firme. Propagou-se pelas margens, enfrentou o babaçual, atingiu os capoeirais de beira-rio, foi ouvida nos ranchos e fazendolas dos arredores: “Minha Pátria para Cristo”.

Era o Doutor Bratcher. As trevas, o frio, a umidade, a falta de alimentação, a insegurança do barco e a deficiência do motor, nada conseguia desanimá-lo, nem tão pouco desviá-lo do ideal supremo de seu coração: um Brasil genuinamente de Cristo! Diziam que tudo aquilo fazia vibrar com mais calor seu amor pelo sertão e sertanejo; aquele tão esquecido do estado, este tão necessitado de Jesus! Ainda posso ouvir sua voz saindo da escuridão dizer numa inflexão de pesar: “Estão pensando em tirar este hino do cantor, ou modificar sua letra.” Houve uma pausa,

e depois continuou: “Mas, não adianta, ele está bem gravado no coração dos batistas brasileiros”. Agora havia mais alegria em sua voz.

No entanto, a voz de Bratcher silenciou. Silenciou nas reuniões da Junta de Missões Nacionais. Silenciou nas igrejas onde sempre vencia o desinteresse de uns poucos entusiasmados com sua mensagem de fé e vigor. Não o ouviremos mais falando no Instituto de Carolina, nem no Orfanato de Itacajá, nem no Dispensário de Pedro Afonso. Também seu entusiasmo pelas escolas batistas não se fará expresso pelo seu linguajar pitoresco, como disse alguém, e tão poderoso como todos observaram. No entanto, ninguém pôde sentir a partida de L. M. Bratcher mais que o sertanejo de suas relações e os obreiros que com ele trabalhavam. Os primeiros não mais terão a visita alegre do “Doutor Luiz”; os missionários perderam o amigo de todos os instantes, aquele que enviava, a cada mês, uma carta compreensiva e incentivadora.

É por isso que, numa mui espontânea atitude, afirmamos que essa voz amiga não silenciou. Ela ainda hoje ressoa pelo espaço, impregnando de fervor, de ideal, de determinação e de reconsagração a alma daqueles que, em nome dos batistas brasileiros, testemunham de Cristo pelos sertões de nossa pátria. Bratcher foi e é um símbolo para nós. Ele intitula uma época no serviço missionário nativo. Ele iniciou e encerrou um período. Seus sucessores virão. Deus enviará um homem que preencha “a brecha”. Mas, ainda que Missões Nacionais venha, como esperamos, a alcançar louros espirituais mais excelentes, esses anos serão registrados na história de nossa fé, com letras de fogo.

Sim, Bratcher ainda fala. E sua voz potente e firme, espalha-se pelas margens, enfrenta o babaçual, atinge as capoeiras, fazendolas e ranchos, desliza pelo asfalto, palmilha as poeirentas estradas do interior, apela nas igrejas, incentiva nas Convenções, orienta nas reuniões da Junta, atrai desviados e convida pecadores. “Crês tu isto?”.

“Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem de seus trabalhos, pois suas obras os acompanham”.
(Apocalipse 14.13)

“MORREU O GIGANTE DO OESTE”

Pastor Olavo Guimarães Feijó

(Artigo publicado em O Jornal Batista de 14 de janeiro de 1954).

O AMADO “DOUTOR BRATCHER”

É provável que, até agora, quando estas notas estão sendo publicadas, ainda muitíssimos em nossa pátria estarão ignorando o falecimento de L. M. Bratcher. Tal é a extraordinária extensão da terra em que vivemos.

Pois bem, prezado leitor, nesses lugares impenetráveis em que as notícias levam até meses para chegar, nessas brenhas inacreditáveis do sertão, o velho Bratcher fez questão de ir em todos, impressionando com sua corpulenta figura de atleta e a alma de notável cristão.

“Doutor Bratcher”, como todos no Brasil sinceramente o chamavam, foi uma instituição nacional para os batistas. Mesmo em vida, já era um homem lendário pelas façanhas que lhe atribuíam. Qual onipresente, parecia estar, ao mesmo tempo, sentindo pesos de angústia com as enfermeiras de Pedro Afonso, alegrando os pequeninos órfãos em Itacajá, estimulando as professoras do São Francisco, fazendo um apelo em alguma esquecida associação de igrejas do interior, atendendo ao telefone no lar acolhedor da Junta, aparecendo, de repente, para nos contar da última oferta, que recebeu de uma viúva pobre...

Que terno coração de criança possuía aquele gigante. E que sorriso expansivo o sacudia, presa do irremediável entusiasmo pela causa perene de sua vida. E as lágrimas... Não – duvido que houvesse muitos, entre nós, habilitados a compreender a razão daquelas lágrimas. Porque bem poucos teriam a resistência suficiente de, todos os dias, receber cartas escritas com sangue, manchadas de

prantos, tremidas de desespero, a apelar por recursos, a suplicar por obreiros, a debater-se nas necessidades.

Quarenta milhões ele tivesse e isso não resolveria o mundo de oportunidades e necessidades pátrias, que a sua iluminada visão de profeta analisava. Ainda assim, quando o Brasil tiver chegado ao sertão do planalto central, quando o Vale do Tocantins tiver sido atingido, quem quer que seja, se o animar a honestidade, deverá descobrir-se, ante a obra formidável, que mãos poderosas ali plantaram, mercê da inspiração de um homem só.

ELE FEZ A MARCHA PARA O OESTE

Bratcher realizou com sua vida o ideal de marcha para o oeste. Se o meu leitor quiser conhecer alguns dos pontos estratégicos do Brasil futuro, procure um mapa da localização dos trabalhos da Junta de Missões Nacionais. Os 28 anos de sua direção, imprimiram à causa da “evangelização pátria” características inconfundíveis e extraordinárias.

Verdadeiras cidades no sertão cresceram ao redor de escolas e instituições da Junta. Há localidades em que, a partir do prefeito, as principais personalidades, passaram pelas aulas carinhosas das escolas missionárias. E o que dizer dos socorros médicos oferecidos aos sertanejos, alguns dos quais caminham muitos quilômetros, porque “os remédios das missionárias é que curam”?

Ai de nós, porém... Nem todos os sonhos do bandeirante de Cristo alcançaram realização. Onde estão os ginásios que, insistentemente, ele nos pedia para o sertão? Onde estão os colégios? Onde estão os médicos? Onde estão o hospital? Onde está a outra centena de professores de que ele precisava? Onde estão os milhões que o povo não contribuiu, e que o obrigaram a dispende, na obra, grandes somas do seu próprio dinheiro e dos seus amigos da outra América?

É preciso reconhecer, todavia, para consolo, o desbravador. A terra, preparada, há de multiplicar a semente do seu seio!

UM GRANDE BRASILEIRO

Acima de tudo, fique para a posteridade esta rara maravilha: o missionário Bratcher nos ensinou a amar o Brasil. Veio da outra América para gravar na nossa alma o sentido dinâmico da brasilidade. Sua cidadania foi *honoris causa*, conquistada nas jornadas patrióticas da reabilitação nacional, na assimilação das dores do povo genuíno, na identificação, por mais de meio século, com a alma do Brasil, que é o sertão.

A frase inseparável dos seus lábios era a “evangelização pátria”. E não temos, hoje em dia, um lema tão cheio de significado, tão nosso familiar, tão imperativo, quanto o da “Pátria para Cristo”. Ideal ativo que não se satisfaz com o simples cântico: mas que apela, inspira, levanta, vai, envia, constrói, sustenta, estabiliza, multiplica e valoriza.

O nome Bratcher, indistintamente, suscita a gratidão. O amor que lhe devotamos brota do reconhecimento simples, espontâneo, do seu amor por nós. Amá-lo nada nos custou.

Por isso, a pátria perdeu, em L. M. Bratcher, um grande brasileiro.

ELE VIVE EM NOSSAS VIDAS

Necrópole de São João Batista. Bem lá de cima. De onde se via a cidade maravilhosa, parte da terra que ele tanto amou.

Numa oração sentida, louvamos a Deus e agradecemos a vida que conosco esteve e voltava para Ele.

Seu filho mais velho confessou-nos: “Se papai estivesse aqui, meus queridos irmãos e amigos, tenho certeza que ele diria duas coisas. Repetiria, primeiro, uma das últimas frases que, no seu lar, o lar da Junta, dissera após um dia de trabalho: ‘Estou cansado. Mas há tanto para fazer...’ Que esse apelo fique conosco, os continuadores da obra. Em segundo lugar, prezados, tenho certeza, ele nos pediria que cantássemos o hino ‘Minha Pátria para Cristo’”.

Glória a Deus! L. M. Bratcher está vivo em nossas vidas!